



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

ADRIANA DE J. SCHOLTZ

**IDENTIDADE E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES DE VIRMOND E
CANDÓI, NO PARANÁ**

**CHAPECÓ
2014**

ADRIANA DE J. SCHOLTZ

**IDENTIDADE E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES DE VIRMOND E
CANDÓI, NO PARANÁ**

Dissertação apresentado ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção de título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação do Professor Doutor Marcelo Jacó Krug.

CHAPECÓ

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Ozório, 413D
CEP: 89802-210
Caixa Postal 181
Bairro Jardim Itália
Chapecó - SC
Brasil

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Scholtz, Adriana De Jesus
Identidade e comportamento linguístico nas
comunidades de Virmond e Candói, no Paraná : / Adriana
De Jesus Scholtz. -- 2014.
147 f.:il.

Orientador: Marcelo Jacó Krug.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em , Chapecó,
SC, 2014.

1. Língua De Imigração. 2. Identidade. 3.
Bilinguismo. 4. Línguas Em Contato. I. Krug, Marcelo
Jacó, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul.
III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ADRIANA DE JESUS SCHOLTZ

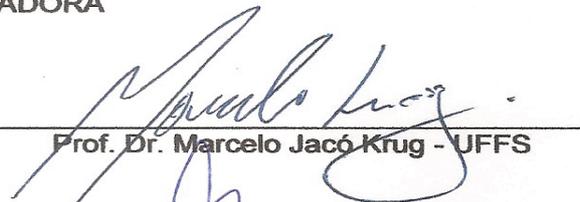
**IDENTIDADE E COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO NAS COMUNIDADES
DE VIRMOND E CANDÓI, NO PARANÁ.**

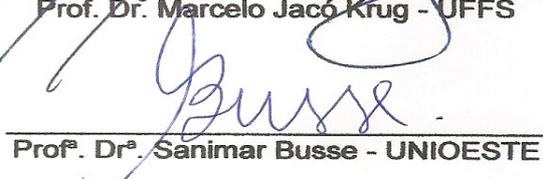
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 20/08/2014.

Orientador (a): Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Aprovado em: 20/08/2014

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug - UFFS


Prof. Dr. Sanimar Busse - UNIOESTE


Prof. Dr. Cristiane Horst - UFFS

Chapecó, 20 de agosto de 2014.

Dedico essa dissertação à minha família, amigos e principalmente a meu namorado que, pacientemente, percorreu comigo esse caminho que era só meu, mas que ele escolheu seguir comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meus pais que entenderam meus motivos de deixar tudo e seguir um caminho que me distanciaria deles.

Agradeço também a meus amigos que entenderam minha ausência e me lembravam a todo momento que os “amigos são para sempre quando vivem como irmãos”.

Não posso deixar de agradecer às comunidades bilíngues de Virmond e Candói que incentivaram meu interesse sobre as línguas de imigração de pequenas cidades. Além disso, meus sinceros agradecimentos aos descendentes que me receberam prontamente e foram essenciais para a realização desta pesquisa.

Ao Professor Doutor Marcelo pela valiosa orientação, pelo companheirismo e pela paciência, sem as quais não seria possível concluir este trabalho.

Por fim, agradeço principalmente a meu namorado Samuel que foi meu suporte em todos os momentos tendo paciência, compreendendo minha ausência até mesmo quando eu estava perto, me incentivando quando tudo parecia difícil demais e comemorando comigo cada etapa concluída.

“É na língua que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”

Ataliba Castilho

RESUMO

Com o presente estudo tem-se a intenção de descrever e analisar a percepção dos informantes sobre a formação da identidade linguística das comunidades bilíngues de Virmond (português-polonês) e Candói (português-ucraniano), ambas localizadas no centro-sul do Paraná. A pergunta que orienta essa pesquisa é: como se constitui a identidade linguística de uma comunidade que se autodenomina bilíngue (português/polonês), (português/ucraniano), mas que na prática pouco utiliza a variedade minoritária nas suas interações sociais. O objetivo principal para o presente estudo é, a partir dos dados coletados com o questionário metalinguístico, descrever e analisar o grau de bilinguismo dos informantes e a partir dele traçar o perfil identitário dos mesmos. A metodologia e teoria utilizada nesta pesquisa tem como base a Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Para a coleta dos dados adotou-se um questionário metalinguístico e a escolha dos informantes deu-se a partir do modelo em cruz desenvolvido por Thun (1996). A partir dessas análises pôde-se concluir que, tanto em Virmond quanto em Candói, os descendentes se identificam mais por se sentirem descendentes de poloneses/ucranianos do que pela língua, mesmo assim, o grupo que mais se identifica com a origem étnica é o ucraniano. Além disso, nas duas comunidades pesquisadas, são os mais velhos que se identificam mais como descendentes e destes, as mulheres tem maior sentimento de pertencerem à etnia polonesa/ucraniana e com a língua de imigração. Também se nota que em Virmond, a classe social não interfere na formação identitária e em Candói, não é possível uma afirmação categórica, pois dois descendentes da Ca se identificam e dois da Ca não se sentem ucranianos. Em relação à visão do outro, a partir dos dados do grupo de controle, pôde-se concluir que a visão que as pessoas “de fora” possuem sobre os descendentes de poloneses e de ucranianos é favorável, mas não está ligada à língua e sim aos ícones culturais das duas comunidades.

Palavras-chave: Línguas de imigração. Identidade. Bilinguismo. Línguas em contato.

ABSTRACT

The present study has the intention of describing and analyzing the perceptions of informants about the linguistic identity formation of the bilingual communities of Virmond (Portuguese-Polish) and Candói (Portuguese-Ukrainian), both located in south-central Paraná. The question that guides this research is: how is the linguistic identity built in a community that dominates itself bilingual (Portuguese-Polish), (Portuguese-Ukrainian), but that, in practice, little uses the minority variety in their social interactions. The aim of this study is, based on the data collected with the metalinguistic questionnaire, describe and analyze the bilingualism degree of the informants and, from it, draw their identity profile. The methodology and theory used in this research is based on the Multidimensional and Relational Dialectology. In order to collect the data, it was adopted a metalinguistic questionnaire and the choice of informants comes from the cross model developed by Thun (1996). From these analyzes, it was possible to conclude that, both in Virmond and in Candói, the descendants identify themselves because of the fact that they fell Polish/Ukrainian descendants more than the language, even though, the group the identifies the most with its ethnical origin is the Ukrainian. Furthermore, in both studied communities, the older ones identify more as descendants and, from these, the women have greater sense of belonging to the Polish/Ukrainian ethnicity and to the immigration language. It is also noticed that in Virmond the social class does not interfere in the identity formation, and that, in Candói it is not possible to state that, because two descendants of Ca identify themselves and two of the Ca don't fell Ukrainian. Regarding the view of the other, from the data of the control group, it was concluded that the view that the "outsiders" have on the descendants of Polish and Ukrainian is favorable, however, it is not linked to language but to the cultural icons of both communities.

Key-words: Immigration language. Identity. Bilingualism. Languages in contact

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa do Paraná adaptado pela pesquisadora.	37
Figura 2: A cruz de Thun (1998)	43
Quadro 1: Esquema de informantes das comunidades pesquisadas	44
Quadro 2: Esquema de informantes do Grupo de Controle.	45
Quadro 3: Informantes que afirmam falar polonês (S) e os que não falam (N) em Virmond.....	48
Quadro 4: Preferências do uso de polonês e português em Virmond.	54
Quadro 5: Identificação dos poloneses segundo os informantes.	65
Quadro 6: O que mais identifica um polonês segundo os informantes de Virmond.	77
Quadro 7: Informantes de Candói que afirmam falar, ler e escrever em ucraniano.	85
Quadro 8: Sentimento de pertencimento a etnia dos descendentes de ucranianos de Candói – Mais Ucraniano (MU) ou Mais Brasileiro (MB).	98
Quadro 9: Identificação dos ucranianos típico de Candói na visão dos informantes.	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 DA SOCIOLINGUÍSTICA À DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL.....	15
2.1 LÍNGUA E IDENTIDADE: EU SOU AQUILO QUE EU FALO.....	18
2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A LÍNGUA EM USO.....	23
2.3 BILINGUISMO.....	25
2.4 O BILINGUISMO DE VIRMOND E CANDÓI.....	30
2.5 BILINGUISMO E IDENTIDADE: DUAS LÍNGUAS, DUAS IDENTIDADES?.....	33
3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	35
3.1 REDE DE PONTOS DE PESQUISA.....	36
3.1.1 Virmond: comunidade bilingue em português-polonês.....	37
3.1.2 Candói: Comunidade bilingue em português-ucraniano.....	38
3.2 ESCOLHA E PERFIL DOS INFORMANTES.....	40
Figura 2: A cruz de Thun (1998).....	42
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	44
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	46
4.1 ANÁLISE DOS DADOS METALINGUÍSTICOS DE VIRMOND.....	46
4.1.1 Análise dos aspectos linguísticos de Virmond.....	46
4.1.2 Identificação dos padrões identitários.....	63
4.1.3 Papel da língua na constituição da identidade.....	67
4.1.4 Grau de Bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade.....	76
4.2 ANÁLISE DOS DADOS METALINGUÍSTICOS DE CANDÓI.....	79
4.2.1 Análise dos aspectos linguísticos.....	80
4.2.3 Papel da língua na constituição da identidade.....	101
4.2.4 Grau de Bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade.....	109
4.3 ANÁLISE DOS DADOS DE CANTAGALO.....	112
4.3.1 Análise dos dados metalinguísticos de Cantagalo.....	113
4.4 CORRELAÇÃO DOS DADOS.....	121
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	128
ANEXOS.....	134
ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO.....	134

1 INTRODUÇÃO

É possível reconhecer a criação de uma identidade na relação estabelecida entre a língua e a própria formação identitária. Nesse sentido, a construção da identidade se torna um processo contínuo e dinâmico sendo iniciado no ambiente familiar e no primeiro grupo social com o qual o indivíduo interage e depois se estende para grupos maiores como vizinhança, escola, trabalho dentre outros (SILVA, 2000).

Essa interação com diferentes grupos em diferentes contextos resulta em diferenças no uso da língua, registrando variedades de dialetos regionais e locais que estão diretamente ligadas à construção e percepção da identidade do indivíduo e de cada grupo linguístico, isso faz com que esses grupos se diferenciem dos demais da região. Assim, é possível afirmar que um grupo constrói sua identidade “a partir do reconhecimento de características linguísticas que são compartilhadas” e a língua se torna um aspecto fundamental para que os processos de identificação de um povo sejam compreendidos (SILVA, 2000, p. 06).

Por isso, é possível encontrar características linguísticas em habitantes de uma mesma região que os diferenciam entre si. Assim, destaca-se, neste estudo, a presença de minorias¹ étnicas, ucranianas e polonesas que formaram comunidades de fala² diferenciadas no Brasil. Este estudo volta-se para as comunidades de Virmond, cuja população é formada essencialmente por descendentes poloneses, e Candói, que tem uma significativa presença de descendentes de ucranianos em sua população.

Essas duas cidades estão localizadas no centro-sul paranaense, aproximadamente 340 quilômetros de Curitiba, capital do Paraná, e se diferenciam das demais cidades da região em vários aspectos, mas, principalmente quanto aos aspectos linguísticos, pois os descendentes de ucranianos e/ou poloneses ainda cultivam seus costumes e sua língua de imigração.

Apesar de ainda haver esse cultivo da língua de imigração, **a hipótese** desta pesquisa³ é de que tanto na comunidade de Candói quanto na comunidade de Virmond os jovens se identificam menos com a variedade de imigração, e, desses jovens, os homens lideram o uso do português, e a classe alta é a que menos se identifica como descendente de poloneses e/ou ucranianos. Com isso, o **objetivo principal** do estudo consiste em descrever como se constitui e quais os elementos formadores da identidade etnolinguística das comunidades bilíngues de Virmond (português/polonês) e Candói (português/ucraniano).

Os **objetivos específicos** deste estudo são: **a)** A partir de um questionário metalinguístico,

¹ Entende-se por minoria nesse trabalho, grupos que mesmo não sendo menores em termos numéricos,

² Nos referimos a comunidade de fala, conceituada pela Sociolinguística como local onde as características linguísticas de um grupo de falantes são compartilhadas e fazem com que sejam distintos dos demais grupos. Essas análises se voltam para a língua tal qual ela é produzida pelos falantes.

³ A coleta de dados é realizada com a autorização do CEP sob o número de protocolo de nº. 637.159 e vinculada ao projeto do professor doutor Marcelo Jacó Krug.

levantar, descrever e analisar dados sobre a constituição da identidade na percepção dos informantes de cada comunidade. b) Sob o enfoque da diatopia, analisar qual grupo se identifica mais com sua origem étnica. c) Descrever se são os jovens ou os descendentes mais velhos que se identificam mais com o ser ucraniano/polonês e destes, se são os homens ou as mulheres que se dizem mais ucranianas/polonesas. d) Verificar a influência da classe social na constituição da identidade dos informantes. e) Investigar a visão do outro em relação à língua e a etnia ucraniana/polonesa.

Para que esses objetivos possam ser alcançados utiliza-se como instrumento de coleta de dados um questionário metalinguístico que serve para verificar o grau de consciência linguística do informante, ou seja, para analisar se o informante possui consciência de seu bilinguismo e se atribui à língua um traço identitário de sua comunidade. Para isso é feita a coleta dos dados metalinguísticos sobre a formação da identidade linguística dos informantes sob sua própria percepção e em seguida, os dados metalinguísticos são analisados. Por fim, são correlacionados com os dados obtidos com os informantes do município de Cantagalo, que funciona como grupo de controle.

O uso da língua de imigração por parte dos habitantes de Candói e Virmond faz com que esses falantes diferenciem dos demais habitantes da região que não possuem a mesma origem étnica e os identifique como descendentes de poloneses/ucranianos, isso porque esses indivíduos possuem comportamentos que são baseados nas suas crenças e atitudes linguísticas. Segundo Aguilera (2008, p. 105), “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identificação que se pode definir como a característica ou conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro”.

Assim, uma possível hipótese é de que a formação identitária da comunidade de Virmond e a construção da identidade da comunidade de Candói distinguem essas cidades das demais cidades da região e as qualificam para o objetivo exposto, pois é possível perceber, por meio de observações e anotações no caderno de campo, que o sentimento dos informantes de reconhecerem-se como poloneses e ucranianos venha reforçar ainda mais a identidade étnica e linguística dessas duas comunidades.

A situação em que se encontram essas duas cidades expressa uma diferente concepção acerca do bilinguismo, uma vez que não há um domínio “completo” das línguas de imigração, principalmente no município de Virmond, de descendência polonesa, e mesmo assim, é possível classificar esses falantes como bilíngues. Essa classificação dos falantes como bilíngues é possível se levarmos em consideração a definição de bilinguismo proposta por Mackey (1968, p. 09), que afirma que este fenômeno é compreendido como “uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até o domínio completo de mais de uma língua”.

Assim, de acordo com Mackey (1968), para ser bilíngue não é necessário dominar duas línguas em todas as suas modalidades, ou seja, fala, escrita, leitura e compreensão. A situação

complexa de bilinguismo em Candói e Virmond pode ser um dos fatores que integram os diferentes traços linguísticos e culturais desses descendentes de imigrantes poloneses e ucranianos e que atuam na constituição da identidade dos mesmos, diferenciando-os dos demais indivíduos da sociedade que não pertencem a essas etnias.

Essa construção identitária dos grupos é reforçada pela busca constante de afirmarem-se como poloneses e/ou ucranianos. De acordo com Oliveira (1976, p. 05), “[...] quando uma pessoa ou um grupo de pessoas se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente”.

Por esse motivo, essa afirmação de pertencimento a determinada etnia feita pelos descendentes de ucranianos e/ou poloneses, nesses casos, nem sempre está relacionada às variedades linguísticas decorrentes da língua de imigração e por esse motivo, esses grupos buscam preservar suas culturas por meio de outros ícones culturais típicos de poloneses e ucranianos, como por exemplo, festividades, religião e culinária.

A partir disso, **a pergunta que orienta este estudo é:** como se constitui a identidade linguística de uma comunidade que se autodenomina bilíngue (português/polonês, português/ucraniano), mas que na prática quase não utiliza a variedade minoritária nas suas interações sociais e mesmo assim se reconhece (e é reconhecida) como bilíngue?

Vale ressaltar que este estudo se torna relevante pelo fato de evidenciar uma realidade linguística pouco explorada e que pode contribuir para que haja uma maior compreensão das relações estabelecidas entre a língua dos falantes bilíngues e sua formação identitária. Dessa forma, a partir da realização dessa pesquisa, tem-se o intuito de fornecer mais materiais e instigar a realização de novos estudos e projetos referentes a grupos minoritários de descendentes de imigrantes, que vieram para o Brasil e aqui permaneceram, modificando a realidade de algumas regiões, mantendo seus costumes, cultivando sua cultura étnica e “formando” novas identidades.

O aporte teórico que sustenta este estudo e a metodologia de pesquisa estão embasados na teoria e metodologia da Dialetoлогия Pluridimensional que, de acordo com Coseriu (1981), corresponde a uma estrutura externa que se relaciona com todos os aspectos e articulações históricas da língua. Assim, a Dialetoлогия registra e estuda variedades da língua tal como elas são utilizadas pelos seus falantes, levando em consideração fatores internos e externos ao contexto no qual o indivíduo se encontra.

Já Thun (1998) caracteriza a Dialetoлогия como uma ciência geral da variação linguística. Para ele, a “Dialetoлогия e a Sociolinguística são disciplinas historicamente separadas e confluem em uma geolinguística ampliada que pode ser chamada oportunamente de Dialetoлогия Pluridimensional” (1998, p. 704). Essa pluridimensionalidade se estende como sendo integrante de uma ciência geral da

variação linguística e das relações estabelecidas entre as variantes e as variedades de um lado e de falantes de um outro lado.

Ainda, com base nas considerações de Thun (1998), pode-se observar que dentro desta ciência geral (linguística variacional), a Dialectologia Pluridimensional corresponde a parte da variação que se estende ao espaço tridimensional, dessa forma, essa ciência deve analisar todos os planos e todos os tipos de variedades e falantes, baseando-se em uma descrição completa e ordenada das variedades linguísticas e de suas relações com os falantes.

Essa ciência também não tem o intuito de analisar somente os dialetos “puros” em determinados espaços variacionais, mas também tem interesse em variedades mistas. Essas variedades mistas, de acordo com Auer (1998a) resultam da alternância que o falante faz de duas ou mais línguas e que depois de um tempo acabam sendo “misturadas”, formando uma variedade mista. Também são utilizadas as dimensões trabalhadas por Thun (1998), que se tornam importantes para a análise das variações linguísticas, como classe social (diastrática), gênero (generacional), faixa etária do falante (geracional), localização geográfica (diatópica), religião, percepção do falante acerca de sua língua e identidade (diarreferencial), dentre outras.

A partir dessas considerações, o trabalho apresenta-se da seguinte maneira. No capítulo 1, será exposto o contexto teórico em que se insere o objeto de estudo desta pesquisa, definições ligadas ao conceito de identidade e sua relação com a língua, bem como noções que se tornam essenciais para o desenvolvimento deste estudo como, definição de bilinguismo e variação linguística. O segundo capítulo será voltado à apresentação da metodologia do estudo de campo

Por fim, no capítulo 3, serão apresentados os resultados obtidos por meio da análise qualitativa dos dados levantados na pesquisa de campo.

2 DA SOCIOLINGUÍSTICA À DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

Como já dito anteriormente, o presente capítulo tratará do contexto teórico dessa pesquisa e contribui para que noções importantes sejam desenvolvidas e relacionadas ao tema estudado. Por esse motivo, é importante fazer um breve histórico sobre a Sociolinguística e sobre a Dialetologia Pluridimensional, teorias que têm como foco a língua em uso e suas variações na fala, variações essas que são resultado de diferentes contatos do falante com o meio em que vive, o que vai ao encontro do nosso objeto de estudo.

A Sociolinguística, conhecida também como Teoria da Variação e Mudança Linguística, pode ser definida como uma disciplina da Linguística que estuda os aspectos que são resultados da relação existente entre língua e sociedade, concentrando-se na variação social da língua. Dessa forma, o objeto de estudo dessa disciplina é a variação e a mudança da língua no ambiente social da comunidade de fala (ALKMIN, 2001).

A partir da variação da língua, os sociolinguistas adotam uma visão diferente acerca da língua, vendo-a como dotada de “heterogeneidade sistemática” e esse fato é importante para que os grupos e as diferenças sociais das comunidades de fala sejam demarcados e identificados. Essas estruturas heterogêneas e o seu domínio são parte da competência linguística que os falantes possuem e dessa forma, se essa heterogeneidade estruturada da língua estivesse ausente, ela seria classificada como disfuncional (cf. WEINRECH; LABOV; HERZOG [1986] 2006, p. 101).

Nesse sentido, a Sociolinguística, como ciência, analisa seu objeto de estudo que é a língua falada, como um fato linguístico. Dessa forma, o alicerce dessa teoria está na língua, na cultura e na sociedade, considerando que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam e, por isso, é marcada pelo traço da variação (ALKMIN, 2001).

As variáveis que condicionam a fala podem ser tanto sociais (objeto de estudo da Sociolinguística) quanto geográficas. A distribuição geográfica de cada falante pode levar à aquisição de diferentes variedades linguísticas que são próprias de sua região, classe social, idade e outros fatores extralinguísticos. Esses fatores levam à percepção de que existem sociedades e culturas diversas com línguas em contato que acarretam em diferentes falares e também à percepção de que a heterogeneidade linguística é constitutiva à língua (ALKMIN, 2001).

Assim como as variáveis sociais são objeto de estudo da Sociolinguística, as variáveis geográficas também são estudadas de maneira mais aprofundada por uma outra ciência que também reconhece a existência da heterogeneidade linguística e que estuda a língua falada, o uso linguístico e que apresenta as relações entre determinados traços linguísticos e determinados grupos de indivíduos. Essa ciência é a Dialetologia que, muitas vezes, é considerada como sendo sinônima da Sociolinguística por terem objetos de estudo semelhantes (SILVA CORVALÁN, 1998).

No entanto, a Dialetoologia, como o próprio nome já diz, é o domínio da linguística que estuda os dialetos particulares, mas sobretudo, faz um estudo comparativo entre um conjunto de dialetos que cobre uma determinada área linguística, tomando como contexto um espaço geográfico e buscando elucidar a relação entre língua e meio social a partir do levantamento das falas regionais e apontando as diferenças existentes entre elas (CHAMBERS; TRUDGIL, 1994, p. 41).

Já para Cardoso (2002):

A Dialetoologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados (CARDOSO, 2002, p. 01).

Na visão Corvalán (1994), que cita Saussure, a Dialetoologia é remetida à linguística externa, algo que não faz parte da linguística em seu sentido mais próprio, ou seja, estrutural. Para Coseriu (1987), a Dialetoologia corresponde à estrutura externa da linguística. Ainda segundo Coseriu, “la Dialetoologia ha hecho un estudio de los dialectos regionales y para muchos, esta es su principal objetivo” (a Dialetoologia tem feito um estudo dos dialetos regionais e para muitos, este é o seu principal objetivo -tradução nossa). Porém, nos últimos anos, além do espaço geográfico, os dialetólogos estão prestando mais atenção no espaço social para explicar o alcance da variação linguística.

Na verdade, houve, a partir dos anos 60, uma nova forma de abordagem para os estudos da Dialetoologia, pois, passa-se a inserir na recolha de dados os pressupostos metodológicos da Sociolinguística e agrega-se ao fator diatópico as variáveis sociais. Assim, de acordo com Brandão (1991), para a formação de um *corpus* de um atlas linguístico é imprescindível a inclusão de critérios de escolha dos indivíduos que servirão de informantes.

Dentre esses critérios estão variáveis como sexo, faixa etária, nível de instrução ou mesmo situação socioeconômica, o que pode contribuir para a máxima revelação de particularidades do sistema dialetal que possibilitam o conhecimento dos condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 1991).

Além das variáveis sociais, de acordo com Cardoso (2001), a Dialetoologia também preza e acha necessário incluir diferentes níveis de interlocução, dentre eles, o discurso livre

que é elaborado a partir de temas que condizem com a realidade do informante e que o levam a falar mais distraidamente. Esses níveis de interlocução são muito importantes para a busca da variação fásica, ou seja, estilos de fala, métodos que são utilizados nesta pesquisa e que ajudarão a alcançar os objetivos propostos.

Dessa forma, conforme Thun (2005), a Dialetoлогия e a Sociolinguística, disciplinas essas que são historicamente separadas são interdependentes e complementares e, embora muitas vezes seus métodos se diferenciem, eles não são incompatíveis resultando em uma geolinguística ampliada e que tem como tendência verificar o fenômeno da variação linguística. Essa nova tendência veio a constituir a Dialetoлогия Pluridimensional.

Ainda de acordo com Thun (2005), a história da Dialetoлогия e da Geolinguística permite observar que em diferentes lugares e diferentes épocas houve um “apelo à pluridimensionalidade”. Mesmo que a maioria desses apelos tenha se limitado a estudar variáveis sociais determinadas, sinalizaram para a necessidade de examinar o fenômeno linguístico a partir de variáveis sociais, uma vez que esses fatores geográficos também são condicionantes sociais e interferem de forma significativa nos processos de variação.

Assim, a Dialetoлогия Pluridimensional é entendida como parte da ciência geral da variação linguística e das relações estabelecidas de um lado por variantes e variedades e de outro lado pelos falantes, correspondendo à parte da variação que se estende a um espaço tridimensional (THUN, 1998).

Esse espaço tridimensional está relacionado ao fato de que a Dialetoлогия atual não estuda apenas variações regionais dos dialetos e falas de variadas comunidades linguísticas, mas leva em consideração aspectos de variações sociais, incluindo-se as variações diageracionais, diasssexuais e diagenéricas, variações culturais e as variações estilísticas.

Nesse sentido, conforme apontam Radke e Thun (1996), ao invés de ser uma ciência que trata seus dados de uma forma monodimensional, restringindo assim as análises ao recorte horizontal da variação linguística, a perspectiva da dialetoлогия pluridimensional reúne enfoques que abrangem também as dimensões horizontal (espaço geográfico) e vertical (âmbito social) da variação linguística dentre outras dimensões como diafásica, diarreferencial etc.

Também se configura como uma forte tendência dos estudos pluridimensionais a inclusão de áreas de investigação onde existe um contato entre diferentes línguas tendo a intenção de “documentar não somente a coexistência de língua e variedades, mas também a

mútua influência que exercem umas sobre as outras” (RADKE, THUN, 1996, p. 41).

Com essa abordagem, ressalta-se o fato de que a língua não se resume em variedades regionais, mas que é influenciada também por variedades sociais e por línguas de imigração, muito comuns no Brasil e que também podem influenciar os usos linguísticos das pessoas. Essas diferenças existentes no uso linguístico de cada indivíduo também se configuram como uma importante traço de identificação. Assim, é estabelecida uma relação entre a língua que a pessoa fala e sua identidade, como será visto a seguir.

2.1 LÍNGUA E IDENTIDADE: EU SOU AQUILO QUE EU FALO

O processo de formação da identidade é um tema bastante complexo e é mediado por diferentes fatores que envolvem as interações linguísticas, culturais e sócio-históricas dos indivíduos. Dentre esses fatores destaca-se a língua que se torna primordial para a formação identitária, uma vez que os sujeitos são constituídos na e pela linguagem e, ao mesmo tempo em que são individualizados pela sua fala, são integrados a determinados grupos étnicos pelo idioma (SIGNORINI, 2002).

Essa construção da identidade pela língua e pelo idioma vai ao encontro das considerações de Castilho (2010, p. 31), segundo o qual, “é na língua falada que se manifestam os traços mais profundos do que somos, de como pensamos o mundo, de como nos dirigimos ao outro”. No ato da fala expressam-se aos ouvintes indicações acerca das origens e do “tipo” étnico de cada pessoa, ou seja, a fala tende a demonstrar se o falante é jovem, conservador, urbano ou rural.

Ainda, segundo Castilho (2010), é pelas diferenças nos modos de falar que se pode identificar o lugar de onde o falante veio ou onde ele vive. Assim, as várias formas de falar que fazem parte de uma nação passam a ser diferenciadas e marcam os contrastes sociais, culturais e principalmente identitários dos falantes.

A esse respeito, em um de seus estudos sobre a identidade de falantes bilíngues do Rio Grande do Sul, Altenhofen (1990) observa que há uma duplicidade de sentido quanto à alternância de fala entre bilíngues, pois eles podem usar sua fala tanto para se solidarizar e se identificar com um determinado grupo étnico quanto para mostrar que possuem competência para utilizar a língua de imigração e mostrar proficiência também no português, língua oficial do Brasil.

De acordo com Hall (2000), o sujeito constrói diferentes identificações pela linguagem e, da mesma forma que a língua, a identidade está em um constante processo de construção e reformulação, com isso, dependendo do momento, o sujeito assume diferentes identidades de tal modo que elas são deslocadas continuamente.

Da mesma forma, Damke afirma:

Falar em identidade e relacioná-la a língua é ser individual, mas ao mesmo tempo ser também coletivo [...] Não se pode falar em língua, variação linguística, sem que esteja ligada à identidade do próprio falante. Por outro lado, também não é possível falar em construção do sujeito ou da identidade do indivíduo, sem se falar também da identidade étnica, do aspecto cultural, e portanto também, da própria identidade linguística. (DAMKE, 1998, p. 19).

Pode-se identificar, portanto, uma estreita ligação entre a identidade e a língua e o processo de identificação é “resultado de atos de criação linguística [...], nós que fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais, as identidades pelos atos de linguagem” (SILVA, 2011, p. 76), ou seja, ela não “nasce” com o indivíduo e não existe simplesmente como se fosse um elemento da natureza, ela precisa ser e é constantemente construída. Dessa forma, o presente estudo possui como foco a construção identitária que é feita a partir da linguagem.

Na mesma direção, Rajagopalan destaca que um “indivíduo constrói uma identidade na e através da língua e que por esse motivo, não é possível haver uma identidade fixa, anterior e fora dos atos linguísticos” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41). Além disso, ainda é preciso analisar o contexto no qual os usos linguísticos e os interlocutores, pois esse fator também possui influência na formação das identidades, tanto linguísticas quanto sociais.

Essa importância dada ao contexto de interação, seja formal ou informal, passa por um processo de compreensão da sociedade que pode levar tanto à supervalorização como também a marginalização de determinados grupos sociais, bem como de suas línguas. Com isso, para compreender a influência que o contexto e principalmente a língua e suas variações possuem sobre o processo de identificação, torna-se necessário analisar alguns pontos que são relevantes na construção da identificação das duas comunidades bilíngues classificadas como objetos desta pesquisa.

Nos estudos sobre contato linguístico, é importante mostrar que comunidades bilíngues pertencem a um grupo denominado minoritário e fazem uso de uma variedade linguística que também é vista como minoritária e que se diferencia da língua portuguesa classificada como “padrão”. Essas línguas minoritárias, de acordo com Cavalcanti (1999), são

as línguas usadas por falantes imigrantes, indígenas e por comunidades de indivíduos que utilizam em sua fala variedades consideradas desprestigiadas do português e que apesar de serem uma maioria, ainda são tratadas como minoria.

Ainda, a esse respeito, Cavalcanti (1999), afirma que a distinção feita sobre os termos minoria x maioria estão mais relacionadas ao poder e ao prestígio do que à quantidade e aos números de falantes de cada uma dessas línguas. Isso contribui, segundo a autora, para que estas noções tragam uma ideia de homogeneidade e “disfarcem” a diversidade e a heterogeneidade dos grupos étnicos e sociais e, principalmente, das muitas línguas faladas no Brasil.

Para entender melhor o processo de construção identitária dos dois grupos bilíngues, objeto de estudo, neste trabalho, os diversos fatores relevantes para a formação da identidade dessas comunidades são organizados dicotomicamente nas seguintes perspectivas: de um lado, os fatores que estigmatizam essas línguas e ameaçam as identidades dos indivíduos pertencentes a esses grupos minoritários e do outro, os fatores que atribuem prestígio à língua minoritária, favorecendo assim o bilinguismo e preservando a identificação étnica e linguística dos falantes.

De acordo com Labov (1972), os sentimentos dos falantes diante de certas variedades linguísticas podem demonstrar tanto uma forma de identificação com o grupo ao qual pertencem, como também pode ocorrer que o falante se sinta inferior em relação a determinadas variedades que são mais prestigiadas na sociedade. Esse sentimento de inferioridade leva, muitas vezes, o sujeito a estigmatizar sua variedade, chegando assim, a negação da mesma.

A atribuição de prestígio para uma língua se dá por meio da sociedade e a língua denominada “padrão” é considerada prestigiada e, geralmente, é designada e vista como “mais bonita” e que dispõe de formas “requintadas” e “coerentes” enquanto que as demais variedades são desprestigiadas e são consideradas como “pobre”, “simples”, “vulgar”, “informal”, “familiar” dentre outras expressões que “condenam” todas as formas que desviam da chamada norma padrão.

No entanto, é importante destacar que existem algumas exceções sobre o uso e o prestígio da língua majoritária em detrimento da minoritária, podendo ser citado como exemplo o caso do Paraguai que tem o guarani e o espanhol como línguas majoritárias, além da utilização de outras línguas minoritárias. Nesse sentido, referindo-se ao prestígio dado pela

sociedade à determinada língua e à relação estabelecida entre essa valorização e a formação da identidade, Matos e Silva (2006), afirmam que os indivíduos socializam-se primeiro com a família, depois com a escola e com os amigos e esses domínios sociais são de extrema importância para a construção identitária dos falantes.

Essa questão do posicionamento pessoal e do prestígio da língua também é apontada por Fishman (1972) que, partindo do pressuposto de que existe uma intrínseca relação entre a linguagem e a sociedade afirma que a língua não é somente um “veículo” para o entendimento de determinados conteúdos, mas também é um conteúdo “em si” uma vez que indica posicionamentos sociais e relações pessoais. Com isso, a língua se mostra carregada de valores e marca situações e pessoas.

Sobre esses valores, Hamel (1988a), afirma que a posição social, o prestígio e a representação do conflito são valores atribuídos às línguas quando observa-se a existência (ou não) de uma distribuição diferenciada de prestígio a determinadas línguas e de contradições existentes entre os usos linguísticos e as representações desses usos na sociedade. Assim, o processo de identificação pode estar relacionado à percepção da diferença existente entre uma comunidade de fala e outra, ou seja, das crenças de cada falante à respeito de seu próprio comportamento linguístico e da diferença que atribuem ao comportamento linguístico dos demais falantes.

Essas crenças são chamadas de atitudes linguísticas e podem revelar múltiplos aspectos que permitem compreender melhor uma comunidade e a organização social que fazem do comportamento linguístico incluindo não só o uso da língua em si, mas as atitudes explícitas que os falantes possuem em relação à sua língua e aos seus usuários, atribuindo valor a uma língua em detrimento de outra, “diferente” (FISHMAN, 1972).

Do mesmo modo que uma comunidade atribui diferenciações entre sua língua e a língua do outro, também se reconhecem e constroem sua identidade a partir da afirmação daquilo que não são, ou seja, “eu sou aquilo que o outro não é”, construção identitária a partir da diferença (SILVA, 2000).

Assim, a identidade e a diferença são relações sociais que vão se moldando no decorrer do tempo de acordo com os contextos em que as pessoas estão inseridas, ou seja, a afirmação identitária ou de diferença é traduzida pelo desejo, de distintos grupos sociais e étnicos, de garantir prestígio a si mesmos. Dentro dessas relações, também podem ser citadas outras tantas marcas da presença de poder que tendem a incluir/excluir, demarcar fronteiras

entre o “nós” e “eles”, classificar os “bons” e os “ruins”, marcas que podem ser compreendidas como atos de divisão, ordenação e atribuição de prestígio ou desprestígio a diferentes grupos (SILVA, 2000).

Dessa forma, é evidente que nenhum indivíduo desejará pertencer a um grupo étnico desprestigiado e que faz uso de uma língua que possui formas desviantes do “padrão” - que apesar de não ser falado por ninguém - julga as demais variedades como incorretas e feias. Assim, essa é uma das formas de relações de poder que se efetivam por meio da imposição de uma língua, tanto oral quanto escrita, que é idealizada e que busca excluir as diferenças linguísticas, o que leva os falantes de variedades minoritárias a buscar uma forma de integrar-se aos grupos dominantes, tanto no que diz respeito ao uso da língua quanto aos aspectos culturais, negando assim, sua própria identidade (SILVA, 2000).

Nesse caso, o pertencimento a um grupo majoritário ao qual se atribui valor e prestígio leva à construção de uma identidade positiva, ocorrendo o contrário quando o grupo é minoritário e desprestigiado pela sociedade, ou seja, a identidade é estigmatizada e negada pelo indivíduo. Essa forma de imposição de uma identidade linguística é, no dizer de Bagno (2002, p. 18), “o não conhecimento e o não reconhecimento da realidade intrinsecamente múltipla, variável e heterogênea da língua, realidade sujeita aos influxos das ideologias e dos juízos de valor”.

Ainda, conforme Bagno (2000, p. 36), a língua é exterior ao indivíduo, mas o constitui e por isso, “menosprezar, rebaixar e ridicularizar a língua ou a variedade linguística empregada por uma pessoa é o mesmo que rebaixar e ridicularizar o indivíduo enquanto ser humano” e essa atitude acarreta consequências sobre a identidade do sujeito, uma vez que “somos o que falamos”.

Entretanto, de acordo com Silva (2000), nesse desequilíbrio chamado “política da identidade”, os grupos sociais e culturais desprestigiados passam também a reivindicar o seu direito à representação, questionando o caráter de normalidade das identidades dominantes. A partir desse posicionamento há uma espécie de “consciência” por parte do indivíduo de que ele pertence a um grupo minoritário e mesmo assim, ele se identifica como tal, nesse caso, há uma afirmação identitária que “rompe” com a tentativa de apagamento das diferenças, realizada pela “maioria” da sociedade.

Essa afirmação identitária, no caso dos imigrantes ucranianos do município de Candói, é percebida pela busca significativa de manutenção linguística e étnica que se dá por meio de

atividades religiosas, pois as celebrações religiosas ainda são realizadas na língua ucraniana e o grupo étnico busca veementemente, conservar não só a variedade da língua como também os costumes étnicos e culturais, encontrando na religião uma forte aliada para essa preservação.

Com isso, é possível observar que existem muitos aspectos que devem ser levados em consideração no estudo da identidade e na relação existente entre a formação identitária dos indivíduos e a língua falada por eles em um contexto social específico. Assim, do mesmo modo que a identidade, a língua possui aspectos instáveis e estáveis e ambos vão se constituindo como um sistema variável e não fixo e por esse motivo, língua e identidade não podem ser estudadas separadamente.

2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: A LÍNGUA EM USO

Segundo Murrie (2004, p. 15), a variação linguística é uma herança social e é principalmente “[...] uma vitalidade que mantém a língua viva e por mais que tentem fossilizar a língua, ditando regras a serem seguidas, ela sempre surpreende com sua diversidade”. Nesse sentido, evidencia-se uma língua que está longe de ser homogênea, pois todas as línguas possuem variações que estão relacionados a diversos aspectos com os quais os falantes se identificam socialmente. Dentre esses aspectos estão as variações de fala existentes entre diferentes classes sociais, entre falas femininas e masculinas, entre os estilos formal e informal de fala, dentre outras variedades.

Essas diversidades linguísticas se diferenciam da norma padrão, a ensinada pela Gramática Normativa na escola, e também podem ser chamadas de variedades populares enquanto que a linguagem formal pode ser classificada como norma culta. Por esse motivo, é muito comum que as pessoas confundam norma culta e norma padrão, porém as duas não são sinônimas. A norma culta também é uma variedade linguística praticada em determinadas situações, aquelas que envolvem um certo grau de formalidade. (BAGNO, 2007).

A norma padrão, a norma culta e as variedades populares são termos que são colocados em evidência no presente estudo. A norma padrão, conforme aponta Faraco (2002, p. 40) é aquele “modelo” de língua estabelecido no sec. II a.C que carrega muitos preconceitos em relação às demais variedades linguísticas e que tem como objetivo padronizar a língua, como o próprio nome já diz e foi a partir dessa “língua” que a gramática

tradicional foi elaborada.

O estabelecimento da norma padrão como “modelo” a ser seguido e ensinado pela escola levou, de acordo com Bagno (2004, p. 16), a alguns equívocos, dentre eles, a supervalorização da escrita em detrimento ao uso real da língua que é a fala e um outro equívoco está no fato de encarar as mudanças que ocorrem na língua como uma “corrupção” ao invés de encará-las como simples mudanças, ou seja, a norma padrão se caracteriza como um fenômeno marcado historicamente pela ideologia que é excludente e opressora.

Com isso, pode-se chegar à conclusão de que a norma padrão, por meio da Gramática Normativa faz uso de um discurso que classifica como “erro” as demais variedades linguísticas e acaba “excluindo” a grande maioria dos cidadãos. Nesse sentido, é muito comum haver na sociedade uma representação positiva da norma padrão em contraponto com as demais variedades que são utilizadas pelos indivíduos e percebe-se uma busca por “combater” essas formas “errôneas” de fala dos mesmos.

Quanto à variedade culta, apesar de ser muito confundida com a norma padrão, não é sinônimo desta. A variedade culta, identificada como norma culta, também é uma variedade que é muito utilizada em situações que envolvem um certo grau de formalidade e por pessoas que têm mais proximidade com a modalidade escrita. No Brasil, conforme Bagno (2002, p. 185), considera-se como falante de variedade culta as pessoas que já se formaram no Ensino Superior, por esse motivo, seus falantes, na maioria das vezes, pertencem às camadas mais privilegiadas da sociedade.

Entretanto, de acordo com Faraco (2002, p. 40), existe um problema no uso do adjetivo “culto” na designação “variedade culta”, pois ela pode levar ao equívoco e fazer com que muitas pessoas imaginem que só os falantes dessa variedade são cultos e que os outros sujeitos são incultos e ignorantes, porém, o autor esclarece que esse termo, como já colocado anteriormente, diz respeito às variedades utilizadas pelas pessoas que tem mais contato com a cultura escrita.

Assim, ressalta-se mais uma vez que variedade culta e norma padrão não são sinônimos, uma vez que a primeira é possível de ser percebida no uso real da língua enquanto que a segunda dificilmente será utilizada “integralmente” na fala, mesmo na fala de pessoas altamente escolarizadas, ou seja, o uso real da língua não condiz com o padrão.

Por fim, a variedade popular está no contraponto da norma padrão e aplica-se, segundo Bagno (2007), à realidade do português brasileiro. Essa variedade é mais caracterizada pelo

uso real dos falantes das classes populares, escolarizadas ou não. Essa é uma das modalidades menos prestigiadas da fala e é, muitas vezes, classificada como “erro”.

Além das variedades linguísticas decorrentes de falantes de português brasileiro, cabe ainda colocar as variações resultantes das diferentes línguas e diferentes comunidades étnicas em contato, situação bastante comum no Brasil devido à presença de grupos minoritários descendentes de imigrantes que possuem sistemas linguísticos que diferem do português brasileiro e que assim como a língua portuguesa, apresentam variação interna.

Dessa forma, os estudos variacionistas das línguas em contato são de extrema importância para o debate acerca de uma possível formação de uma terceira língua, o que substitui uma visão monolíngue da língua por um leque de variedades. De acordo com Margotti (2004), a diversidade cultural e linguística do Brasil e principalmente a variação na fala dos indivíduos pode ser resultado do contato linguístico entre o português e as línguas de imigrantes, contatos esses que produzem variedades e podem resultar no bilinguismo.

2.3 BILINGUISTO

O bilinguismo e a competência linguística dos falantes bilíngues são temas que vêm despertando o interesse de muitos estudiosos e seu conceito tem mudado ao longo dos tempos de acordo com os diferentes enfoques e principalmente no que diz respeito aos efeitos que causa nos falantes. Segundo Blonfield (1935) (*apud* Hamers; Blanc, 2000), “seria bilíngue o indivíduo que tivesse o controle nativo de duas línguas”.

No entanto, Mackey (1972) passou a observar que essa concepção “idealizada” era muito rígida e poderia ser ampliada. Essa “nova” conceituação foi objeto de diferentes abordagens e a partir desses diferentes estudos, sabe-se que a visão de Bloonfield já foi ultrapassada e hoje pode-se caracterizar um falante bilíngue de diferentes formas.

De acordo com Mackey (1972), a construção de comunidades bilíngues ainda pode ocorrer através do contato entre diferentes comunidades monolíngues que conseguem estabelecer e manter uma forma de comunicação mesmo não falando a mesma língua, contato este que resulta no bilinguismo.

Esses contatos também resultam na mistura das línguas portuguesa e de imigração que resultam em um fenômeno que ocorre quando há alternância, na fala de bilíngues, de duas línguas ao mesmo tempo, o que é chamado de *code-switching*. Além desse fenômeno, ainda

existem outros dois que podem explicar a “mistura” de duas línguas em diferentes contextos de fala de bilíngues que são o code-mixing.

O *code-switching* pode ser verificado na justaposição de dois códigos (idiomas), ou seja, no empréstimo de alguns termos de uma língua para a outra que é percebida pelos falantes que vivem na mesma região, pois é uma forma de contextualização encontrada por bilíngues que conseguem se comunicar e produzir sentidos em determinados contextos, ou seja, é um estilo pessoal ou que pertence a um determinado grupo. Vale lembrar que, mesmo um bilíngue seja proficiente em ambos os idiomas, não terá uma proficiência equilibrada nas duas línguas que sabe, pois o falante não possui a mesma competência em ambas as línguas (AUER, 1990).

Da mesma forma, essa “mistura” de duas línguas na fala dos indivíduos também pode ser, de acordo com Romaine (1995), relacionado a um fenômeno chamado code-mixing que é a mistura de duas unidades linguísticas de dois ou mais sistemas gramaticais que se unem dentro de um mesmo enunciado, ou seja, o falante faz uso de termos de diferentes línguas em uma mesma frase sem que tenha consciência dessa “mistura”, mas ainda assim continua produzindo sentido.

Com isso, para dar continuidade às considerações sobre o bilinguismo, tomamos a definição de bilinguismo proposta por Mackey (1972, p. 555), segundo o qual bilinguismo é definido como sendo “uma característica individual que pode ocorrer em graus variáveis, desde uma competência mínima até um domínio complexo de mais de uma língua” e de Weinreich (1974, p. 02) que caracteriza o bilinguismo como “a prática de uso alternativo de duas línguas”, ou seja, alguém que consegue se comunicar a partir de duas variedades linguísticas e de acordo com seu interlocutor.

Ao conceituar o bilinguismo, Mackey (1972) ainda afirma que esse fenômeno linguístico será melhor compreendido se alguns fatores, essenciais, segundo ele, forem levados em consideração. Esses fatores estão ligados a questões que diferem de acordo com cada indivíduo, são eles: grau de proficiência e o conhecimento do falante sobre as línguas, a função exercida por elas em seu cotidiano e a alternância de códigos, ou seja, como e com qual frequência o falante alterna de uma língua para outra, bem como a intervenção que uma possui sobre a outra, fenômeno esse também conhecido como interferência e por fim, deve-se investigar também qual a idade e as modalidades de aquisição e por fim, os tipos de bilinguismo.

O primeiro fator a ser levado em consideração seria o grau de bilinguismo. Em relação a isso, deve-se dar a devida importância para o nível de conhecimento que o falante possui acerca das línguas que utiliza e esse conhecimento dependerá do tempo que o mesmo destina ao uso de cada variedade, bem como dos níveis desse uso que estão diretamente ligados às diferentes competências linguísticas como a fala, a escrita, a leitura e a compreensão.

Nessa perspectiva, Mackey (1972) ressalta a necessidade de se lembrar que falantes bilíngues não terão necessariamente o mesmo nível de compreensão ou a mesma capacidade produtiva nas duas línguas que falam, ou seja, que ele pode apresentar vasto vocabulário em uma das línguas, mas não conseguir pronunciá-las “adequadamente”, afirmação essa que corrobora com as pesquisas de Altenhofen (2004) acerca da variedade Hunsrückisch, da língua alemã, realizadas em um contexto bilíngue a partir do qual o autor verifica que existem graus diferenciados de bilinguismo e segundo suas investigações, esse grau varia de acordo com a quantidade e com a periodicidade que o falante utiliza cada uma das línguas.

A conceituação de Bloonfield (1935), é novamente “ultrapassada” uma vez que o falante não pode ser visto como detentor de habilidades em ambas as línguas e conforme Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 05), “entende-se que o bilíngue pode ter maior ou menor fluência em uma língua do que na outra”.

Nesse sentido, com base nas pesquisas realizadas por Altenhofen (1998), ao levar em consideração as comunidades de imigrantes do sul do Brasil, a característica dessas línguas minoritárias será, de modo geral, restrita a oralidade, fator que não impede que os mesmos sejam denominados bilíngues. Isso significa que um indivíduo pode compreender duas línguas perfeitamente, mas terá mais facilidade de falar uma delas devido a frequência de uso e os contextos em que a utiliza, se na escola ou no âmbito familiar, por exemplo. Da mesma forma, as produções escritas serão influenciadas por esses mesmos fatores e pela experiência que o sujeito bilíngue tem com essa língua.

Dando continuidade às questões relacionadas ao grau de bilinguismo, o segundo aspecto a ser abordado diz respeito à função e a situação que cada uma das línguas dominadas pelo bilíngue desempenha na sua vida, com que finalidade o uso dessas línguas é feito e qual o papel desempenhado por elas no comportamento do bilíngue, ou seja, se o bilíngue usa a língua para conversar, contar piadas, rezar, xingar, cantar dentre outras ações que se relacionam diretamente com funções internas do indivíduo e que estão ligadas à sua afetividade que normalmente se estabelece em uma das línguas que ele domina. Quando todas

essas ações vistas como internas ao falante são realizadas na mesma língua, pode-se identificá-la como a língua dominante (MACKEY, 1972).

Ainda, de acordo com Mackey (1972), a alternância de fala e de escrita que os bilíngues farão tende a variar conforme a proporção em que são usadas e depende dos objetivos que o mesmo tem ao utilizá-la, como por exemplo, com quem e para quem se fala e qual a situação, ou seja, qual o contexto que o bilíngue se encontra.

Em se tratando das interferências que uma língua possui sobre a outra, também deve-se considerar os contextos, a finalidade de uso e para quem se fala, pois frequentemente as palavras são alternadas durante a fala pela familiaridade que o bilíngue possui com mais de uma língua e na maioria das vezes ocorre inconscientemente. Segundo Weinreich (1953, p. 01), um dos precursores nos estudos sobre línguas em contato segundo o qual, interferência são “aquelas situações de desvio das normas da língua que ocorre na fala dos bilíngues como um resultado de sua familiaridade com mais de uma língua, isto é, como um resultado de línguas em contato que também pode ser chamado de fenômeno da interferência”.

Essa definição é “complementada” por Borstel (1999, p. 62), segundo a qual Weinreich contempla apenas a interferência no nível intralinguístico e para ela “a interferência ainda pode ocorrer de maneira inconsciente pelo bilíngue por fatores situacionais que podem influenciar em todos os níveis do sistema de uma língua, ou seja, nos níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico”.

O terceiro fator a ser levado em consideração é a idade de aquisição, um dos aspectos mais importantes do desenvolvimento de indivíduo bilíngue. Assim, a idade de aquisição de uma segunda língua resulta no bilinguismo infantil, adolescente ou adulto. Para De Heredia (1989, p. 183), o bilinguismo se dá na criança que possui facilidade de dominar a língua e a sua situação de uso, ou seja, para a autora “[...] a constituição do bilinguismo, é a aprendizagem de uma segunda língua ou a aquisição simultânea de duas línguas pelas criança”.

Partindo dessa concepção, o bilinguismo infantil subdivide-se em bilinguismo simultâneo e bilinguismo consecutivo. No bilinguismo simultâneo, a criança é exposta, desde o nascimento, a duas línguas ao mesmo tempo, essa aquisição também é chamada de precoce, pois está ligada ao desenvolvimento cognitivo da criança. Dessa forma, ainda de acordo com De Heredia (1989), o bilinguismo precoce acontece quando em um mesmo contexto a criança – geralmente de 0 a 5 anos – convive e escuta pessoas distintas falando. Pelo fato de a criança

ter mais facilidade de falar, interagindo conforme as pessoas que a cercam, sua competência comunicativa é internalizada desde o momento em que ela observa os outros falarem.

Já no bilinguismo consecutivo, a segunda língua é adquirida ainda na infância pela criança, porém, depois que ela já adquiriu as bases linguísticas em uma primeira língua, aproximadamente aos cinco anos, chamado também de bilinguismo tardio. O bilinguismo adolescente, por sua vez, é aquele em que uma segunda língua foi ou é adquirida em uma idade mais avançada, geralmente entre os 11 e 17 anos. Por fim, o bilinguismo adulto ocorre quando uma segunda língua é adquirida após os 17 anos de idade (WEI, 2000).

No que diz respeito às modalidades de aquisição que influenciarão as capacidades que se constituem como requisitos para a caracterização de um bilíngue, pode-se falar, segundo Dàbene (1994), em bilinguismo precoce e tardio, como já citado anteriormente com base em De Heredia (1983) e residual ou regressivo que seria a capacidade do falante de conservar apenas algumas competências reduzidas.

Ainda, com base em Dàbene (1994), alguns estudos recentes buscam fazer uma distinção entre o bilinguismo equilibrado, no qual o falante possui competências relativamente semelhantes e bilinguismo dominante no qual o indivíduo demonstrará nível maior de competência em uma das línguas. Essas comparações consideram como bilíngue ativo o falante que tem competências de se expressar e compreender nas duas línguas, como bilíngue passivo o indivíduo que só domina uma das línguas no nível da compreensão e por fim, Dàbene (1994) classifica como bilíngue técnico o falante que tem pouco conhecimento sobre uma das línguas e limita-se a usos especializados.

Com referência aos tipos de bilinguismo, cabe salientar que o presente trabalho limita-se a abordar dois tipos de bilinguismo, o bilinguismo aditivo e o bilinguismo subtrativo, que estão diretamente atribuídos ao status social que a língua possui e que melhor representa as comunidades bilíngues tomadas como objeto dessa pesquisa. Com base nos estudos de Cummins (1994), destacam-se então esses dois tipos de bilinguismo que se diferenciam de acordo com o status que as línguas possuem nas comunidades de uso, são eles: bilinguismo aditivo e bilinguismo subtrativo.

No bilinguismo aditivo, duas línguas são igualmente valorizadas no desenvolvimento cognitivo do falante, ou seja, a primeira língua aprendida pela criança (língua materna) continua sendo usada e valorizada pela cultura ao mesmo tempo em que ela é introduzida no aprendizado de uma segunda língua, aprendizado esse geralmente iniciado pela escola. Já no

bilinguismo subtrativo, a língua materna da criança é desvalorizada o que resulta na diminuição e término da fala da primeira língua à medida que a segunda língua se sobrepõe e é mais valorizada pela sociedade em que a criança convive (CUMMINS, 1994).

Considera-se então, a partir das abordagens já expostas, que a classificação de um falante como bilíngue exige a atenção para diversos fatores que devem ser evidenciados, facilitando não só o entendimento desse termo como também das situações e motivos pelos quais o mesmo ocorre.

Por esse motivo, é preciso, da mesma forma, cuidado para classificar os falantes de Virmond e Candói como bilíngues, pois é necessário olhar o contexto em que se encontram, as situações de fala, o prestígio que atribuem (ou não) à língua de imigração dentre outros fatores externos que influenciam no uso linguístico. Essa análise é feita no capítulo que segue.

2.4 O BILINGUISMO DE VIRMOND E CANDÓI

As comunidades de Virmond e Candói possuem situações diferentes de bilinguismo, pois em nenhuma delas os descendentes possuem domínio completo das línguas de imigração, ou seja, do ucraniano (Candói) e do polonês (Virmond). Por isso, se faz necessário “classificar” o bilinguismo existente em cada uma dessas comunidades. Para essa classificação, levamos em consideração os estudos de Mackey (1972), Grosjean (1994), Heye (2003), Skutnabb-Kangas (1981), Fischman (1972), dentre outros estudiosos que realizam pesquisas sobre o bilinguismo e as diferentes competências linguísticas do falante.

Conforme observações e anotações do caderno de campo, é possível perceber que a comunidade de descendentes de ucranianos do município de Candói ainda utiliza a variedade ucraniana, porém, esse uso se restringe a apenas duas situações. A primeira é a do contexto familiar e a segunda está diretamente ligada à religião que, por sinal, é um dos principais fatores de manutenção da língua de imigração e cultura ucraniana.

Essa preservação linguística ligada a religiosidade vai ao encontro dos estudos de Coseriu (1978, p. 78), que afirma que “há estreitas relações entre a religião e a conservação de idiomas, devendo-se essa manutenção linguística exclusivamente ao fato de serem línguas de comunidades religiosas”.

Dessa forma, pelo fato de a variedade ucraniana no município de Candói estar restrita

aos contextos familiares e religiosos, pode ser caracterizada a existência, de acordo com Heye (2003), de um bilinguismo situacional. Heye (2003) define bilinguismo situacional como as condições particulares e situacionais em que a língua de imigração é utilizada, na comunidade de um determinado grupo linguístico, quando estes bilíngues adquirem espontaneamente dois códigos dentro de seu próprio grupo étnico.

Assim, a alternância de fala que os bilíngues fazem tende a variar conforme a proporção em que são usadas, dependendo também dos objetivos que o falante tem ao utilizá-la, como por exemplo, com quem e para quem se fala e principalmente, qual a situação em que o bilíngue se encontra.

Essas diferentes situações em que o falante utiliza sua língua é defendida por Grosjean (1994), que introduziu em seus estudos uma noção de “contínuo” e defende a ideia de que no cotidiano, os indivíduos bilíngues se encontram em vários pontos ao longo de um contínuo situacional, o que os induz a diferentes modos de linguagem. Nesse aspecto, esse “contínuo” situacional é variável e é por esse motivo que o bilíngue tende a apresentar diferentes modos de fala durante toda a sua vida.

Esse fator “situacional” é o que representa a realidade da comunidade de Candói, onde a língua ucraniana é mais utilizada em situações religiosas, em contextos familiares ou ainda quando encontram, na rua ou em qualquer outro ambiente, uma pessoa da mesma descendência e que também fala a língua de imigração, o que demonstra familiaridade étnica.

Diferentemente de Candói, no município de Virmond, o que se percebe é que a língua polonesa praticamente já não é falada e os poucos que ainda dominam a variedade, são os descendentes mais velhos. Já as gerações mais novas compreendem razoavelmente a linguagem polonesa, mas são pouquíssimos os jovens que falam a língua de imigração.

Esse “modelo” de bilinguismo é conceituado por Dabène (1998), como passivo. Para ele, é bilíngue passivo o indivíduo que domina uma das línguas apenas no nível da compreensão, mas que não possui “capacidade” para utilizá-la em outras modalidades como escrita e fala. Um bilíngue passivo é, nesse caso, uma pessoa que teve exposição suficiente em uma segunda língua a ponto de conseguir compreendê-la, mas que exerce pouco ou nenhum comando ativo da variedade. Assim, o falante entende uma segunda língua, mas não a fala.

Esse pouco contato ativo com polonês que aconteceu de geração para geração e que tende a desaparecer com o passar dos anos, pode ser explicado, de acordo com Ogliari (1999),

pelo fato de que essa imigração de poloneses, apesar de ser expressiva, foi se deparando com a necessidade de aprender o português, “língua majoritária” do país para que pudessem ser ativos em todos os ambientes da sociedade, o que foi se transformando em um fator de substituição linguística.

Além disso, outras questões contribuíram para o apagamento e substituição da língua polonesa na cidade de Virmond, dentre eles, os fatores sociais e comportamentais. As políticas linguísticas do Estado Novo também tiveram forte influência para o “abandono” da língua polonesa. As causas sociais envolvem questões como prestígio ou estigmatização de uma língua minoritária na sociedade, o que pode levar os falantes a mantê-la ou abandoná-la. Nesse caso, a língua polonesa não foi se perdendo por questões de estigmatização, mas pela imposição da língua portuguesa.

Por conta dessa imposição, foram poucas as famílias que ensinaram a língua polonesa para as novas gerações. Além disso, apesar de as primeiras escolas praticarem o ensino do polonês, essa metodologia de ensino também foi sendo substituída, principalmente a partir da consolidação da Política Linguística do Estado Novo, que exigia que os imigrantes utilizassem a língua portuguesa como principal meio de comunicação entre os grupos (VIANA, 1991).

Apesar desse apagamento, há pouco tempo houve uma tentativa de manutenção linguística por parte da escola que implantou aulas de polonês uma vez por semana no calendário escolar, sendo o pároco da cidade o professor. Nos dias atuais, essa prática de ensino já não é mais realizada, porém, um grupo de descendentes de poloneses passou a buscar essa manutenção por meio da igreja. Com isso, uma vez por semana, as celebrações religiosas ficam à cargo desse grupo que, juntamente com o padre, cantam e rezam na língua polonesa.

Essa motivação (ou falta de motivação) que parte do grupo étnico para falar a língua minoritária e a quantidade de falantes que desejam aprender essa variedade, de acordo com Fishman (1972), está diretamente ligada a manutenção ou substituição da língua. Entretanto, ainda conforme o autor, é essencial saber que são muitos e complexos os processos que podem determinar o uso ou o abandono de uma língua minoritária, mas, levando em consideração vários estudos sociolinguistas, pode-se afirmar que a sobrevivência de uma língua depende em grande medida do desejo, por parte de seus falantes, de mantê-la e de passá-la para as próximas gerações.

Dessa forma, atitudes negativas contribuem para uma extinção mais rápida da língua, porém, atitudes positivas dos falantes em relação à língua minoritária nem sempre são o bastante para impedir seu apagamento e mesmo valorizando sua variedade, o falante pode não querer transmiti-la a seus filhos para que eles não sofram preconceitos quanto ao sotaque e não passem por dificuldades no aprendizado da língua majoritária (FISCHMAN, 1972).

Levando esse fato em consideração juntamente com as observações já realizadas e anotadas no caderno de campo, pode-se inferir que essa foi uma das principais causas que levaram a maioria dos descendentes de poloneses de Virmond a não ensinarem a variedade a seus filhos. No entanto, mesmo com todas as condições “negativas” ainda podem ser encontrados alguns falantes (mais antigos) que dominam a língua na modalidade da fala e compreensão, enquanto que a maioria, por questões de convivência com os descendentes, apenas compreende a linguagem polonesa, o que permite a classificação desses bilíngues como passivos.

Apesar dessa constatação sobre os poucos falantes da língua polonesa, pode-se perceber claramente, nos dias atuais, a busca desses descendentes por resgatarem as tradições culturais e costumes poloneses. Essa situação vai ao encontro das considerações de Grosjean (1982, p. 110), que afirma que “quando o grupo étnico está emocionalmente ligado à língua, tem orgulho dela e de sua herança cultural e não mede esforços para resgatá-la, mantê-la e tentar passá-la ou mostrar sua importância às novas gerações”.

Essa ligação de um grupo étnico com sua língua também é um dos principais aspectos de formação identitária e, pelo fato de haver duas línguas que são utilizadas, mesmo que de maneira passiva, no dia a dia desse falante surgem questionamentos sobre a ligação entre cada uma dessas línguas com a identidade desses indivíduos. Dessa forma, se o falante faz uso de duas línguas, torna-se necessário analisar se ele também possui duas identidades. Esse estudo é realizado a seguir.

2.5 BILINGUISTO E IDENTIDADE: DUAS LÍNGUAS, DUAS IDENTIDADES?

Partindo da hipótese de que a língua é um dos principais aspectos de formação identitária do falante e levando em consideração os contextos bilíngues das comunidades de Virmond e Candói, a pergunta que se coloca é: ao falar duas variedades, o falante passa a

constituir duas identidades?

A resposta para essa questão, considerando o conceito de identidade exposto anteriormente (v.1.2), não pode ser categórica, mas, pode-se afirmar que, como a identidade vem sendo construída pelo falante no decorrer de suas experiências, tanto sociais quanto linguísticas, por isso, ele pode construir identificações que se diferenciam conforme a língua que ele utiliza.

De acordo com Hall (2000), o falante de duas variedades linguísticas, também é constituído por diferentes identidades, pois não há uma identidade fixa e é o falante que fabrica e a constitui de forma inconsciente pelos atos de sua linguagem e de acordo o contexto em que se inserem suas relações culturais e sociais.

No entanto, de acordo com Krug (2004), essas questões identitárias exigem que os aspectos linguísticos que fazem com que um indivíduo seja classificado como bilíngue e as relações estabelecidas entre as línguas em contato sejam analisadas de maneira mais sucinta.

Dessa forma, no caso desta pesquisa, há um contato linguístico entre o português e o ucraniano, no município de Candói e, do português com o polonês no município de Virmond, o que evidencia um traço em comum entre esses dois grupos, uma vez que ambos possuem características que os diferenciam dos grupos majoritários, principalmente no que diz respeito às suas línguas de imigração e a preservação de seus costumes linguísticos e culturais, permitindo que sejam classificados como bilíngues.

Ao classificar esses grupos como bilíngues, leva-se em consideração a definição de bilinguismo feita por Mackey (1972), evidenciada no subtítulo 1.3 desse estudo. De acordo com essa definição, não é necessário que o falante possua domínio da língua em todas as suas modalidades, por isso, apesar de a língua de imigração dessas duas comunidades analisadas ser pouco utilizada pelos falantes em suas interações sociais, ela provoca nos indivíduos descendentes de ucranianos e/ou poloneses, sentimentos identitários diferenciados e que estão em constante transformação.

Essa transformação identitária é tratada por Hall (2000), que acredita que pela linguagem, o indivíduo passa a assumir diferentes identidades num contínuo processo de construção e reformulação. Assim, por serem integrantes de grupos minoritários, a identidade dos descendentes de poloneses e/ou ucranianos pode estar ligada a questões de prestígio ou estigmatização, sendo transformada de acordo com a percepção que o falante possui de si mesmo e sua variedade ou ainda, pela atribuição de prestígio ou desprestígio feita pela

sociedade.

Nesse sentido, as identidades podem ser tanto positivas quanto negativas, dependendo dos sentimentos dos indivíduos diante de sua variedade e de sua origem étnica. Entretanto, no caso das comunidades pesquisadas, há uma busca significativa de manutenção da língua de imigração e os falantes têm consciência de que pertencem a grupos minoritários. Os indivíduos pertencentes a essas duas comunidades bilíngues (Virmond-Candói), identificam-se como sendo diferentes, em termos linguísticos e culturais, e reivindicam o seu direito à representação.

Com isso, constituem sua identidade como sendo ucranianos ou poloneses ao utilizarem a variedade minoritária com os demais integrantes de seu grupo étnico e como brasileiros ao utilizarem o português para a comunicação com os demais indivíduos da sociedade que não possuem a mesma origem étnica, ou seja, possuem duas identidades.

3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Com base na metodologia de análise qualitativa dos dados e sob o enfoque da pluridimensionalidade, busca-se alcançar esse objetivo a partir da aplicação de um questionário metalinguístico que serve para verificar se o falante atribui à sua língua e a sua etnia uma relação que faz com que construa uma identidade a partir de sua descendência.

De acordo com Liebscher (1998), o método de pesquisa qualitativo é apropriado para o estudo de fenômenos complexos e normalmente são utilizados para um melhor entendimento de contextos sociais e culturais. Dessa forma, para usar métodos qualitativos, é preciso que o pesquisador aprenda a observar, registrar e analisar as diferentes interações entre as pessoas, ou seja, a partir de uma visão que leva em consideração os fatos de acordo com o modo em que estão inseridos e significam em determinados contextos.

A pesquisa qualitativa, com base nas considerações de Triviños (1987), exige algumas informações do investigador em referência ao que ele deseja pesquisar, este tipo de estudo tem a pretensão de descrever fatos e fenômenos conforme a realidade, ou seja, aproximando-se das perspectivas que os participantes possuem dos acontecimentos. Dentre os métodos mais usados nessa pesquisa estão a observação, observação participante, entrevistas informais e análise de anotações de campo.

A pesquisa qualitativa ainda envolve a pesquisa de campo e, nesse caso, os pontos selecionados para pesquisa são os municípios de Virmond, cuja população é formada essencialmente de descendentes de poloneses e Candói que possui uma significativa presença de habitantes descendentes de ucranianos. A pesquisa de campo possui como característica as investigações que vão além das análises bibliográficas e documentais e passam a realizar coleta de dados junto à população que será analisada, envolvendo diferentes recursos de pesquisa (FONSECA, 2002).

Dentre esses recursos, é feito o registro dos contextos pesquisados por meio de notas de campo, gravações de áudio, conversas livres, relato e análise sobre os dados coletados. Patton (1990) afirma que a utilização do gravador contribui para a preservação do conteúdo original dos dados coletados, pois permite registrar não só as palavras como também os silêncios, os vacilos e as mudanças que ocorrem no tom de voz do informante conforme o assunto de que trata.

Os instrumentos de coleta que se tornam de extrema importância para o presente

estudo são o diário de campo, tomado como ferramenta para o registro de dados que não são captados pelo gravador, a entrevista informal e a aplicação de um questionário metalinguístico que contribui para a compreensão dos valores que os sujeitos atribuem à sua etnia e a importância e papel da língua para a formação de sua identidade.

O instrumento de coleta de dados utilizado para esta pesquisa foi um questionário metalinguístico composto por trinta e quatro questões (vide questões em anexo), sendo trinta destinadas a verificar o grau de conhecimento linguístico dos informantes de descendência polonesa, além de investigar se eles tem conhecimento do uso diferenciado que fazem da língua falada e quatro para identificar o grau de bilinguismo dos descendentes poloneses. Em suma, a presente metodologia apresenta primeiramente os pontos de coleta de dados seguido da escolha dos informantes e por fim são apresentados os instrumentos de coleta e análise de dados.

3.1 REDE DE PONTOS DE PESQUISA

Como já dito anteriormente, os municípios de Virmond e Candói são ainda pequenos e fora as pessoas que moram nas regiões mais próximas, são poucos os que conhecem essas duas comunidades e tão pouco sabem da existência de famílias de descendência polonesa no Virmond e de descendência ucraniana no Candói. Dessa forma, para que seja mais fácil a localização, destaca-se no mapa do Paraná os dois municípios pesquisados.

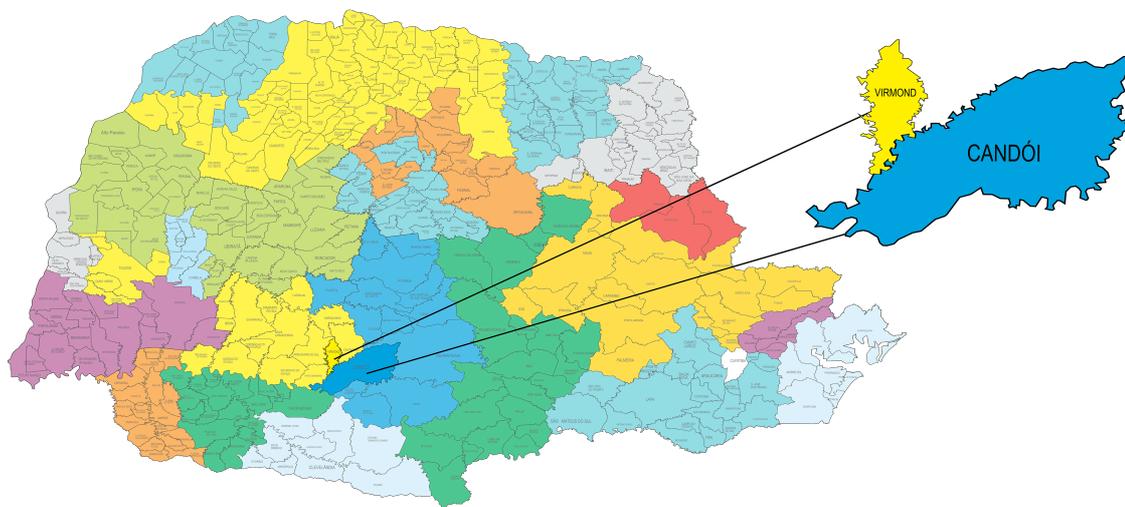


Figura 1: Mapa do Paraná adaptado pela pesquisadora. Mapa original disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+parana>.

3.1.1 Virmond: comunidade bilíngue em português-polonês

Virmond é uma pequena cidade situada na região centro-sul paranaense na microrregião de Guarapuava. Pertencente à comarca de Cantagalo, o município está a 338 km de Curitiba, capital do Paraná. De acordo com o censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), tem uma população que totaliza 3.950 habitantes e área de 243.17km². A economia do município gira em torno da agricultura, pecuária, produção florestal e caprinocultura.

A fundação de Virmond se deu em 28 de dezembro de 1874, quando o coronel Frederico G. Virmond Júnior, vindo do Rio de Janeiro, requereu ao governo oito léguas de terras públicas que não pertenciam a ninguém em particular e nem eram habitadas. No ano de 1920, o primeiro cônsul da República da Polônia, Kazimierz Gluchowski começou a formar uma sociedade colonizadora no Paraná. Em uma reunião realizada em Curitiba chegou-se a conclusão de que as terras previstas para a colonização eram as áreas do planalto de Guarapuava e a missão de explorar essas terras foi dada a Wladyslaw Radecki (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIRMOND).

Nas negociações preliminares feitas por Wladislaw com o ex-presidente do Paraná Afonso Camargo, foram propostas para escolha as áreas do Chagu, Candói, Catanduvras e entre os rios Catanvi e Iguaçu, sendo que Wladislaw escolheu essa última, pois as terras eram boas e havia abundância de rios e riachos. O contrato desses 24 mil hectares de terras foi assinado em 27 de maio de 1921 por Radecki que as colonizou. Nessa região, Frederico Virmond formou uma colônia, a antiga Amola Faca, nome dado a esse território devido à grande quantidade de tropeiros que paravam nessa localidade para amolar suas facas e foices (ZAPAHOWSKI, 2012)

Enquanto iniciava-se a colonização da fazenda Amola Faca, na Polônia as terras continuavam nas mãos de latifundiários que exploravam as pessoas de diversas nacionalidades sem escrúpulos, depois veio a falta de trabalho e os latifundiários juntamente com o governo decidiram enviar poloneses para além do oceano. Com isso, o conde Gawronski e o duque Lubomirski juntamente com o cônsul Zbigniew Miszke vieram a Guarapuava, no Paraná, e depois à Colônia Amola Faca (Virmond) a fim de examinar o terreno e gostaram da organização da colônia, assim, com a ajuda de Wladislaw Radecki apresentaram o projeto de colonização da Amola Faca à Sociedade Emigratória polonesa

(ZAPAHOWSKI, 2012).

Essa colônia foi sendo formada por famílias de imigrantes poloneses que estavam espalhados pelo Brasil. Mais tarde, a cidade passou a ser designada como Virmond, uma homenagem ao coronel Frederico G. Virmond. Como a maioria da população dessa cidade é de imigrantes poloneses, esta localidade também é chamada por muitos de Varsóvia. As primeiras famílias polonesas que chegaram ao Virmond foram Mierzva, Iachinski, Wachak, Lissoski, Radecki, Fridrik e Fredecheski. Em 1923 foi construída a primeira escola polonesa e em 1928 a primeira igreja, período em chegou à localidade o padre Paulo Schneider (PREFEITURA MUNICIPAL DE VIRMOND).

Assim como na Polônia, a padroeira de Virmond é Nossa Senhora de Częstochowa, conhecida no Brasil como Nossa Senhora de Monte Claro. Na época da chegada dos imigrantes poloneses a Virmond, falava-se o polonês e eram mantidos os costumes, crenças e as comidas tradicionais da Polônia, como a broa de centeio – moído na jorna, o pirogue – pastel de requeijão ou batatinha e a batata doce. As ações e o movimento para a emancipação da cidade de Virmond iniciaram-se por volta de julho do ano de 1989 e se deu no dia 25 de março de 1990. Este acontecimento ocorreu no distrito de Virmond e deu origem à sua emancipação (ZAPAHOVSKI, 2012).

O tempo passou e o povo virmondense tentou manter os costumes trazidos pelos imigrantes poloneses e conseguiu, exceto a língua polonesa. Até pouco tempo, o pároco da cidade dava uma aula de polonês por semana, mas a língua já não era prestigiada e foi tirada do currículo escolar. Depois, formou-se o grupo folclórico de “polaquinhos” “Mali Polacy” que é composto por meninos e meninas que se apresentam em datas comemorativas trajando roupas típicas polonesas. A composição étnica dos habitantes de Virmond mudou muito, mas a maioria dos descendentes ainda é de poloneses, netos e bisnetos da antiga “Colônia Amola Faca”. Nos dias atuais, a língua polonesa já não é falada, exceto por alguns moradores mais antigos e a variedade polonesa só perde o estigma de língua minoritária quando é utilizada para o mercado, ou seja, para a realização de festas, formação de grupos folclóricos e venda de comidas típicas da culinária polonesa (ZAPAHOWSKI, 2012).

3.1.2 Candói: Comunidade bilíngue em português-ucraniano

De acordo com dados retirados do IPARDS (2013), o município de Candói está

localizado na região centro-sul do Paraná, pertence à comarca de Guarapuava e abrange uma área de 1.656,76m². Essa cidade tem uma população de aproximadamente 20.000 habitantes, sendo que cerca de 50% da população reside na área rural e 50% vive na área urbana. Candói está a 324,20 km da capital do Paraná. As áreas urbanas de Candói são divididas em quatro: Sede, Lagoa Seca, Paz, Cachoeira e as áreas do Alagado do Iguaçu.

Os primeiros moradores dessa terra foram os índios votorões, os dorins e os camés, todos da tribo kaingangue. Esses índios consideravam essas terras sagradas pelo fato de possuírem amplos e férteis campos. Chamavam essas terras de os “Campos do Paiquerê”. O nome dado à cidade é de origem kaingangue e além de ser referência ao Rio Candói, também teria sido uma homenagem ao índio Kandoy, índio bravo e guerreiro que tentando defender seu povo e suas terras teria cravado uma lança em seu próprio peito para que nenhum homem branco o matasse. Como era costume indígena dar nomes ligados à natureza, o nome Kandoy significa “Clareira na Mata”. O primeiro contato dos índios com o homem branco foi em 1771 (PREFEITURA MUNICIPAL DE CANDÓI).

Essa chegada do homem branco nas terras de Candói não foi um processo pacífico, pois os índios que habitavam Candói foram sendo integrados à civilização do homem branco, mudando seus nomes e tornando-se católicos. Depois disso, foram chegando ao município imigrantes vindos de várias partes do país, inclusive os que vieram diretamente da Europa no início do sec. XX, dentre eles, os ucranianos. Hoje o município de Candói é habitado por luso-brasileiros e tem uma significativa presença de imigrantes ucranianos em sua população, sendo aproximadamente 400 famílias que vivem no município e preservam seus costumes (IBGE, 2013).

As comunidades ucranianas buscam preservar seus costumes e sua língua, mas a variedade ucraniana já está se perdendo de geração em geração e hoje. Também é possível notar nesse município que a língua ucraniana só não é estigmatizada quando é “utilizada” no comércio, ou seja, quando são realizadas festas, eventos com culinária típica ucraniana. Entretanto, em Candói ainda é fácil encontrar falantes dessa língua de imigração e que buscam manter os costumes como a benção dos alimentos na páscoa, o coral ucraniano que sai na véspera de natal cantar nas casas das famílias ucrainas, atividade denominada colhade, na ceia de natal os descendentes de ucranianos, principalmente as famílias mais antigas, ainda cultivam a tradição de manter sobre a mesa os 12 pratos típicos representando os 12 meses do ano e/ou os 12 apóstolos.

Dentre os pratos típicos estão o kutiá, grãos de trigo cozidos adoçados com mel, uvas passas, nozes ou castanhas, o borchtch, sopa de beterraba e repolho servida com pão de centeio, o holubtsí, rolinhos de repolho e o perohê, pastel de batatinha, feijão ou repolho cozido. Entretanto, apesar de ser grande o número de famílias ucranianas em Candói, a língua só é valorizada nas comunidades em que esses indivíduos vivem e entre os demais imigrantes, já nos demais contextos da cidade, a variedade ucraniana é estigmatizada, o que também se torna um forte “agravante” para o apagamento dessa língua.

3.2 ESCOLHA E PERFIL DOS INFORMANTES

A escolha dos informantes é feita com base na teoria da Dialetoologia Pluridimensional, que de acordo com Radtke e Thun (1996, p. 41) permite incluir áreas de investigação onde diferentes línguas são postas em contato a fim de “[...] documentar não somente a coexistência de língua e variedades, mas também a mútua influência que exercem umas sobre as outras”.

Com isso, a seleção de informantes será realizada primeiramente observando as variáveis gênero e localização geográfica, nesse sentido, é essencial que os informantes que farão parte da pesquisa residam nos pontos eleitos para o estudo. Ainda sobre a localização geográfica convém expor que os grupos não serão separados por áreas rurais e urbanas, serão grupos mistos.

Os dados comporão um mapa pluridimensional, conforme proposto por Thun (1998), que organiza esse mapa a partir da introdução de diferenças entre os grupos de informantes que resultam em quatro grupos standard definidos por critérios socioculturais ou de escolaridade formal (diatráticos), localização geográfica (diatópico), pela faixa etária (diageracional), pelo gênero (generacional).

Além dos critérios da Dialetoologia Pluridimensional, ainda é feita uma seleção dos informantes a partir do critério diafamiliar. Ou seja, a pesquisadora tentou selecionar informantes da mesma família como, por exemplo, o pai/mãe (geração II) e o filho/filha (geração I) para analisar como a língua de imigração é falada e vista por ambas as gerações e para verificar se há uma perda dessa língua no decorrer do tempo.

Depois da seleção dos informantes a partir dessas quatro dimensões, também serão considerados outros fatores extralinguísticos considerados essenciais para que o objetivo

dessa pesquisa seja alcançado, sendo eles, os estilos de fala (diafásico) e a percepção dos informantes acerca de sua etnia e identidade (diarreferencial).

No critério diastrático, os informantes são agrupados em duas categorias: a primeira é a da classe A, com indivíduos com maior grau de escolaridade: a segunda é a da classe B, com pessoas com baixo grau de escolaridade. No fator diatópico, prioriza-se a pesquisa com pessoas que, de preferência, nasceram e residem na localidade pesquisada, nesse caso, na cidade de Virmond ou Candói.

A variável faixa etária também se torna indispensável, uma vez que a idade dos falantes poderá demonstrar diferenças existentes entre a fala dos jovens e de pessoas mais velhas. Depois, o critério gênero também constitui-se como uma preocupação e interesse não só de Thun, como também de outros dialetólogos, pois os usos linguísticos de homens e mulheres também tendem a se diferenciar.

Por fim, o critério diafásico presente nessa sequência proposta por Thun (1998), e que também pode ser observado no “seu” Atlas Diatópico Diastrático do Uruguai (ADDU), feito em coautoria com Adolfo Elizaincín e com a colaboração de J. Blaser também será um dos fatores levados em consideração neste estudo.

Esse critério demonstra que há diferenças nos estilos conversacionais e os atos de fala se vinculam ao momento e ao contexto da realização, ou seja, mudam de acordo com a situação e com a postura do falante no momento em que a produz. Assim, conforme exposto no ADDU (2000, p. 11), “toda fala é fásica, isto é, se realiza dentro de um estilo e enquanto houver situações comunicativas e intenções expressivas diferentes, haverá variação nos atos da fala”.

A partir desses critérios, Thun (1998) sugere o modelo em cruz para a representação dos dados onde os grupos pertencentes à classe social alta (Ca) ocupam a posição superior da cruz sendo reservada a parte inferior para as classes baixas (Cb). Por meio do traço vertical da cruz, são separados os grupos das gerações mais velhas (GII) que nesse estudo são representadas por indivíduos com idade acima de 55 anos e dos grupos das novas gerações (GI), com idade entre 18 a 36 anos, cada dimensão dessa é composta por um homem e uma mulher.

É importante frisar que o gênero é representado em cada um dos grupos, sendo um homem e uma mulher para cada “célula” e a divisão etária é feita com base nos seguintes atlas linguísticos: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA),

Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR), Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF) e Atlas Diatópico Diastrático do Uruguai (ADDU).

Assim, seguindo a cruz de Thun (1998), será classificado um homem e uma mulher para a Classe Alta Geração I (CaGI), um homem e uma mulher para a Classe Alta Geração II (CaGII), um homem e uma mulher para a Classe Baixa Geração I (CbGI) e um homem e uma mulher para a Classe Baixa Geração II (CbGII) como podemos ver no quadro número 1.

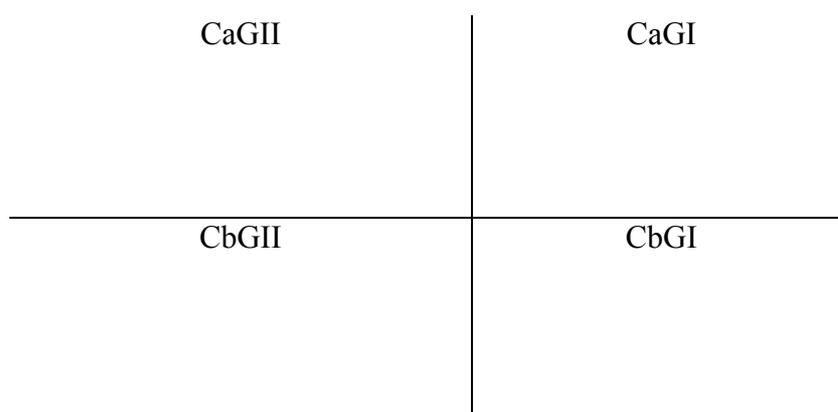


Figura 2: A cruz de Thun (1998)

Essa classificação segue o esquema de Thun (1998), e dos oito informantes de cada localidade investigada (Virmond e Candói) serão quatro jovens e quatro velhos sendo que em cada uma dessas cidades serão 2 homens e 2 mulheres da geração mais velha e 2 homens e 2 mulheres da geração mais nova. Já no que diz respeito a classe social, serão classificados 4 informantes de classe alta e 4 de classe baixa.

Todos os informantes receberam códigos depois de entrevistados para que suas identidades sejam mantidas em sigilo. Para cada célula foram selecionados um homem e uma mulher para cada uma dessas dimensões, totalizando 8 informantes em cada comunidade a ser pesquisada.

Para o grupo de controle que fica localizado no município de Cantagalo e que serviu para analisar a visão que as pessoas que não pertencem a nenhuma dessas etnias selecionamos 4 informantes, um homem ou uma mulher para cada dimensão. Ao todo, contando as comunidades de Virmond, Candói e Cantagalo, que serviu como grupo de controle, serão 20 informantes. Depois de selecionados os informantes, no momento da entrevista, foram considerados outros fatores extralinguísticos que se fazem importantes para essa pesquisa,

sendo eles: o fator diafásico que são os diferentes estilos de fala e o fator diarreferencial que é a percepção que as pessoas possuem sobre sua própria identidade e etnia.

Esquematizando, obtêm-se o quadro de informantes nas localidades de Virmond e Candói:

Área Geográfica	Idade	Gênero	Classe Social	Total de informantes
Ponto bilíngue Polonês-português Virmond (08 informantes)	Geração 1(GI) – 18 a 36 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	Oito Informantes
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	
	Geração 2 (GII) – acima de 55 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	
Ponto bilíngue Ucrâniano-português Candói (08 informantes)	Geração 1(GI) 18 a 36 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	Oito Informantes
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	
	Geração 2 (GII) acima de 55 anos	Homens	Ca e Cb – 02 informantes	
		Mulheres	Ca e Cb – 02 informantes	

Quadro 1: Esquema de informantes das comunidades pesquisadas

Para os informantes de Cantagalo, são adotados apenas os critérios diageracional, diageracional, diastrático e diatópico, pois serão analisados com o intuito de verificar como essas duas comunidades são vistas pelos informantes de uma cidade que está próxima das duas comunidades em termos geográficos, mas que não convivem diariamente e nem possuem a mesma origem étnica.

Para identificar a visão que as pessoas “de fora”, ou seja, que não são integrantes de nenhum dos grupos minoritários pesquisados, poderíamos ter selecionado pessoas das próprias comunidades, uma vez que também é possível encontrar nessas cidades, indivíduos que não sejam de descendência ucraniana e/ou polonesa. Porém, de acordo com Aguilera

(2008), a língua não se desvincula de seu contexto social, principalmente no que diz respeito à constituição da identidade de determinado grupo étnico.

Assim, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazer isso de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”, por isso, é possível afirmar que a língua é o que separa o “nós” dos “outros” (AGUILERA, 2008, p. 106).

Nesse sentido, mesmo havendo pessoas que não são pertencentes ao mesmo grupo étnico dos poloneses ou ucranianos, por estarem em constante contato e conviverem no mesmo meio social que esses descendentes, também passam a ser identificados pelos “outros” como poloneses ou ucranianos.

Por isso, optamos pelo município de Cantagalo por motivos de convivência, pois pode haver situações em que a convivência com pessoas de outra origem étnica e que possuem diferenças linguísticas pode influenciar a concepção e fazer com que os demais integrantes dessas comunidades, mesmo sem pertencerem a essas etnias, acostumem-se com as variedades dialetais dos ucranianos ou poloneses e não vejam diferenças em seus falares.

Assim, foi selecionado, para compor o grupo de controle, quatro informantes sendo dois informantes da Classe Alta (Ca) que foram divididos de acordo com a geração e sexo ficando dois informantes na Ca, um homem da GII (acima de 55 anos) e uma mulher da GI (18 a 36 anos). Da mesma forma, os informantes da Classe Baixa (Cb), ficando um homem da GII e uma mulher da GI.

Esse município, ao ser esquematizado resulta na seguinte matriz de informantes:

ÁREA GEOGRÁFICA	IDADE	GÊNERO
Ponto monolíngue Cantagalo (04 informantes)	Geração 1 – 18 a 36 anos	Homens (01 informante)
	02 informantes	Mulheres (01 informante)
	Geração 2 – acima de 55 anos	Homens (01 informante)
	02 informantes	Mulheres (01 informante)

Quadro 2: Esquema de informantes do Grupo de Controle.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A coleta de dados é feita com base em um questionário metalinguístico (anexo) que é composto por um conjunto de perguntas relacionadas ao modo de como as pessoas se identificam através de sua etnia e de sua língua e qual a percepção que os poloneses/ucranianos têm sobre sua própria identidade.

Também serão usados como recursos de coleta de dados gravações de áudio, relatos dos informantes e diários de campo que permitem coletar informações que não são captadas pelo gravador. Esses instrumentos de coleta de dados seguem os mesmos estilos de coleta utilizados nas pesquisas da Pluridimensionalidade. Depois de delimitada a área de pesquisa, de definidos os instrumentos de coleta de dados e de observados e selecionados os informantes, será dado início à coleta de dados.

Para realizar essa pesquisa de campo, serão feitas visitas nas casas dos informantes selecionados após observações e coleta de informações sobre a descendência e costumes dos mesmos. Ao chegar às casas, onde serão realizadas as pesquisas, será explicado ao informante que se trata de uma pesquisa sobre a língua de imigração e costumes ucranianos/poloneses (atentando para não falar sobre a variável estudada para que os informantes não monitorem sua fala), mas explicando que a entrevista será gravada.

Os questionários serão aplicados somente se o informante concordar em participar da pesquisa. Caso ele concorde em fazer parte desse estudo, será feita primeiramente uma espécie de introdução, ou seja, uma conversa informal com o informante para que ele se sinta a vontade e só a partir daí o gravador será ligado e os questionários aplicados. Os questionários utilizados nesta pesquisa estão nos anexos.

4 ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo serão analisados e comparados os dados coletados na pesquisa de campo nos municípios de Virmond, Candói e Cantagalo sendo os dois primeiros municípios os principais e o último, grupo de controle. Essas análises são feitas a partir de entrevistas que, seguindo um modelo pluridimensional e relacional, contemplam a ocorrência da variável linguística estudada em cinco dimensões que são a diatópica, diafásica, diageracional, diageneracional e diarreferencial.

Com isso, são feitas as análises dos dados coletados a partir do questionário metalinguístico das diferentes dimensões descritas no capítulo metodológico. Decidimos analisar separadamente os dados, primeiramente analisamos os dados da cidade de Virmond e posteriormente os dados de Candói. Depois, analisamos os dados do grupo de controle para que somente no final das análises individuais sejam feitas as correlações dos dados. Acredita-se que com isso, possam ser apresentados com maior clareza os dados e os resultados da presente pesquisa.

4.1 ANÁLISE DOS DADOS METALINGUÍSTICOS DE VIRMOND

Como já exposto no capítulo metodológico, o instrumento de coleta de dados utilizado para esta pesquisa foi um questionário metalinguístico e a análise desses dados foi feita a partir do mesmo, primeiro com os dados dos informantes de Virmond, depois foram analisados os dados obtidos na comunidade ucraniana de Candói e por fim, as respostas dos informantes de Cantagalo foram analisadas.

A análise do questionário metalinguístico é dividida em duas partes, sendo feita primeiramente a análise do papel da língua na constituição da identidade dos descendentes de poloneses e em seguida do grau de bilinguismo dos informantes. Cabe salientar que o questionário metalinguístico possui trinta e quatro questões, mas são analisadas as questões mais pertinentes e que contribuem para que os objetivos desta pesquisa sejam alcançados.

4.1.1 Análise dos aspectos linguísticos de Virmond

Para analisar os aspectos linguísticos dos descendentes de poloneses do município de

Virmond, os informantes foram questionados sobre o seu uso linguístico, ou seja, se sabiam falar, ler e escrever em polonês. De um total de oito informantes, cinco afirmam que sabem falar e ler em polonês e na modalidade escrita, seis informantes não sabem escrever em polonês. Desses seis informantes, apenas dois sabem escrever na língua polonesa.

Com relação aos informantes que sabem alguma das modalidades da língua polonesa, como a escrita, a leitura e a fala, nota-se que a maioria pertence à GII, como pode ser verificado no quadro abaixo onde será usado um “S” (SIM) para as respostas afirmativas e um “N” (NÃO) para as respostas negativas.

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Você sabe falar polonês?	S	S	N	S	S	S	N	N
Sabe ler em polonês?	S	S	N	S	S	S	N	N
Sabe escrever em polonês?	S	S	N	N	N	N	N	N

Quadro 3: Informantes que afirmam falar polonês (S) e os que não falam (N) em Virmond.

Como pode-se observar no quadro 3, a maior parte dos informantes de Virmond afirma saber falar e ler em polonês, o que já não ocorre com a mesma frequência na escrita. Desses informantes, três da GI dizem não saber nenhuma dessas modalidades, ou seja, a língua falada pelos pais não é mais passada de uma geração para a outra no que diz respeito a esses descendentes. Porém, os informantes da CaGI M, da CbGI M e da CbGI F, afirmam que na família, costuma-se falar o português e o polonês e que eles entendem algumas frases da língua de imigração, ou seja, essas são ações cotidianas de contato.

Eu entendo algumas coisas em polonês, sei cumprimentar, dizer bom dia, boa tarde, sei agradecer, sei rezar também, poca coisa, mas sei (CaGI M).

Nesse caso, seguindo os conceitos de Mackey (1968) que afirma que bilinguismo é uma característica individual que pode ocorrer desde uma competência mínima até um domínio completo, ainda é possível classificá-los como bilíngues. Por isso, no caso dos informantes descendentes de poloneses da GI, mesmo eles entendendo algumas poucas frases, são bilíngues. No entanto, essa competência mínima na língua de imigração e o fato de os informantes entenderem algumas poucas palavras na língua polonesa, mas não dominarem a

modalidade da fala é conceituado por Dabène (1998) como bilinguismo passivo.

De acordo com Dabène (1998), as pessoas que dominam uma das línguas a que estão expostas apenas no nível da compreensão, mas não sabem utilizá-la em outras modalidades como a escrita e a fala são bilíngues passivos. Isso acontece porque essas pessoas possuem exposição suficiente em uma segunda língua a ponto de compreendê-la, mas por utilizar ou exercer pouco ou nenhum comando ativo dessa variedade acabam se restringindo a falar apenas a língua que utilizam mais no seu dia a dia, nesse caso, a língua portuguesa.

No caso dos informantes da GI de Virmond, houve essa exposição à língua polonesa, mas no decorrer dos anos, o contato ativo com o polonês foi diminuindo de geração para geração e aos poucos está sendo substituído pelo português. Essa substituição da língua de imigração pelo português é explicada por Ogliari (1999) que acredita que a imigração de poloneses, apesar de ser expressiva, foi se deparando com a necessidade de aprender o português que é a língua mais usada no cotidiano dessas pessoas. Essa necessidade de aprender a língua portuguesa pode ser notada nas respostas dos informantes da GII, como é o caso da CaGII F.

Em casa nós só falava polonês, meu pai era professor de polonês também, até a escola tem o nome dele né, só que daí teve um tempo que proibiram de falar, de ensinar daí meu pai dava aula escondido, tinha pais que pagavam meio escondido também e eu na escola tive que aprender o português né (CaGII F).

Com isso, o que se nota é que houve algumas ações políticas de substituição do polonês pela língua portuguesa não foi uma escolha feita pelos descendentes, mas sim, uma necessidade e, mesmo que nessa época muitos pais ainda prezassem pelo aprendizado do polonês e achassem importante repassar a língua de imigração para os filhos mesmo que escondido, foram poucos os jovens que mantiveram o uso do polonês no dia a dia e conseqüentemente o uso da língua foi diminuindo de geração em geração, ficando restrito a alguns contextos e sendo mantido por alguns poucos descendentes como é o caso de Virmond.

Já quando são questionados sobre a variedade polonesa que falam, seis informantes afirmam que não há um nome específico para a língua que usam, exceto duas informantes, que classificam o polonês que falam como “szlachta” e “polonês certo/padrão”.

Tem classificação – tem, tem tem, tem os poloneses do norte e os poloneses

do sul, inclusive a pronúncia deles é diferente. (...) chegou a véia Rugiska lá na bodega e ela falava mais em polonês, dai foi pedindo as coisas que ela queria prá compra né e eu fui vendo tudo, dai dali um pouco ela disse Ya Chopstick pudelko e eu fiquei (pensativa) porque Chopstick pudelko quer dizer caixinha de pauzinho e eu levei palito de dente, eu... má não me lembrava do fósforo de jeito nenhum (...) e na realidade ela tinha que dizê patke zapatek para fósforo, então veja a diferença né, uma diferença de palavreado e de pronúncia né, então tem os polonês que eles falam os mazuri, o mazuri falam assim num palavreado diferente, um sotaque diferente. O nosso polonês é o melhor, a minha família é da szlachta que quer dizer elite, era mais de gente estudada, que tinha mais posse, não que fosse mais importante, mas era gente que, vamo dizer assim que era padrão (CaGII F).

Tipo de polonês? (fica pensativa). Ah! nós falamos o polonês certo, o padrão e tem gente que fala o dialeto, então acho que tem classificação sim (CbGII F).

Esse posicionamento pessoal demonstra uma questão de classe social e também de prestígio atribuído à própria variedade linguística, que é discutido por Grosjean (2001), o qual afirma que o indivíduo, além de se revelar, através da fala, também possui atitudes positivas ou negativas em relação à própria língua ou variedade linguística que usa. No caso dos bilíngues, essas atitudes podem ser múltiplas em relação a uma outra língua ou até mesmo à própria variedade que também é falada por outros, atribuindo prestígio ao seu modo de falar e classificando como “pior” o modo com que as outras pessoas pertencentes ao seu grupo, ou até mesmo as que não fazem parte da mesma etnia, falam tal variedade.

Essa classificação da variedade polonesa falada pelos “outros” descendentes fica evidente nas respostas da CaGII F e CbGII F que classificam como “correto” o seu modo de falar e encontram nas variedades faladas por alguns outros descendentes diferenças para estabelecer uma “separação” entre o “certo” e o “errado” dentro da língua de imigração. Isso demonstra que as duas informantes não só estabelecem diferenças entre si e as pessoas que não pertencem a mesma etnia, como também encontram características na fala dos próprios descendentes para se “diferenciar” dos demais do grupo étnico.

A respeito desses valores e posicionamentos que algumas pessoas atribuem ao seu modo de falar, Hamel (1988a), afirma que a posição social, o prestígio e a representação do conflito são valores atribuídos às línguas quando observa-se a existência (ou não) de uma distribuição diferenciada de prestígio a determinadas línguas e de contradições existentes entre os usos linguísticos e as representações desses usos na sociedade. Assim, o processo de identificação pode estar relacionado à percepção da diferença existente entre uma comunidade

de fala e outra e até mesmo às diferenças entre as pessoas de um mesmo grupo étnico, ou seja, das crenças de cada falante a respeito de seu próprio comportamento linguístico e da diferença que atribuem ao comportamento linguístico dos demais falantes.

Partindo dessas crenças sobre o comportamento linguístico dos falantes, os informantes foram questionados a respeito da diferença existente entre o polonês de Virmond e o polonês falado na Polônia. O que se nota é que 2 informantes, o CbGI M e o CbGII M dizem não saber responder porque nunca ouviram nenhum polonês que mora na Polônia falando, por isso não conseguem fazer essa comparação. Já os informantes CbGII F, CaGII F e CaGI M acreditam que não existe diferença, que os descendentes de poloneses de Virmond falam o mesmo polonês da Polônia.

Ao contrário dos demais informantes, 3 descendentes de poloneses afirmam perceber uma significativa diferença entre o polonês de Virmond e o polonês da Polônia, o que também pode ser um traço de identificação uma vez que ver o diferente na fala do outro também é uma forma de construir a própria identidade.

Acho que existe diferença sim entre o polonês daqui e o de lá, aqui o polonês tá morrendo né, antes tinha aula de polonês e agora nem tem mais, lá eles cultivam mais (CbGI F).

Ah! Tem diferença enorme, a pronúncia, principalmente, o modo de expressão, ultimamente, na televisão, olhando programa da Polônia e assistindo às missas que são rezadas em polonês, lá eles falam tudo meio fininho, aqui a gente já fala o polonês meio gritado (CaGII M).

Com certeza tem diferença entre polonês de Virmond e Polônia, aqui talvez não é mais aquele padrão – eles dão uma abrasileirada, as vezes eu falo pra mãe, iiiiii mãe, a mãe começa falar em polonês e termina em português, tipo a mesma palavra sabe. Mistura uma coisa com outra, que nem feijão, a mãe fala fíjon e não tem nada a ver né, acho que no começo alguns poloneses, no começo tentaram falar feijão e não conseguiam, daí falaram o que conseguiam e saía essas palavras aí (CaGI F).

Como pode-se notar, a informante CbGI F atribui diferença existente entre o polonês de Virmond e o polonês da Polônia ao ensino, pois segundo ela, o fato de não haver aulas na língua de imigração contribui para que a língua polonesa esteja morrendo e deixe de ser cultivada. Vejamos que, ao culpar a escola por esse “apagamento” do polonês, a informante ausenta os pais da “culpa” desse apagamento do polonês na comunidade de Virmond, pois o fato de não terem repassado a língua polonesa para os filhos parece ser o principal fator

responsável pelo pouco uso do polonês pelos descendentes mais jovens.

Por outro lado, o informante CaGII M afirma existir diferença entre a língua polonesa falada em Virmond e a falada na Polônia com base nos programas de televisão e nas missas que assiste sobre a Polônia, também na televisão, que são rezadas em polonês, apontando para a diferença de sotaque e de pronúncia pois, segundo ele, lá eles falam mais calmamente, mais baixinho e os descendentes de Virmond já tem a fala mais gritada.

Essa diferença que o informante percebe no modo de falar dos descendentes de poloneses de Virmond e dos poloneses da Polônia também pode ser classificada como uma forma de identificação pois, segundo Castilho (2010), é pelas diferenças nos modos de falar que se pode identificar o lugar de onde veio ou onde vive um falante. As diferentes formas de falar de um determinado grupo étnico em relação às outras pessoas da mesma origem passam, portanto, a serem marcadoras de contrastes sociais, culturais e principalmente identitários dos falantes.

Esses contrastes sociais são os principais diferenciadores do povo polonês de Virmond e do povo polonês da Polônia, pois, no caso da comunidade de descendentes de Virmond, a realidade, tanto social quanto linguística se apresenta de forma diferente uma vez que a língua polonesa foi dando lugar à língua portuguesa e o polonês é pouco usado nas interações sociais dessa comunidade. Por esse motivo, esse “polonês meio gritado” que os descendentes de poloneses falam, segundo o CaGII M, pode ser resultado dessa mistura de línguas.

Essa mistura das línguas portuguesa e polonesa no cotidiano dos descendentes de Virmond também é notada pela informante CaGI F que expõe um fenômeno na forma de utilização de duas variedades linguísticas que vêm sendo estudados e descritos ao longo das últimas décadas. Esse fenômeno ocorre quando há alternância, na fala de bilíngues, de duas línguas ao mesmo tempo, o que é chamado de *code-switching*. Além desse fenômeno, ainda existem outros dois que podem explicar a “mistura” de duas línguas em diferentes contextos de fala de bilíngues que são o *code-mixing* e a diglossia vistos no capítulo 1.3.

Vale lembrar que, ainda de acordo com Auer (1990), mesmo que esse bilíngue tenha conhecimento de ambos os idiomas, não terá uma proficiência equilibrada nas duas línguas que sabe, pois o falante não possui a mesma competência em ambas as línguas. É esse fenômeno que se pode perceber na fala da mãe da informante CaGI F e de muitos descendentes de poloneses de Virmond que “misturam” os dois idiomas e conseguem estabelecer uma comunicação com os demais do grupo étnico e se fazem compreender dessa

forma, porém, não possuem a mesma competência para falar nas duas línguas, o que pode explicar a pronúncia de algumas palavras como “feijão” de modo diferente.

Além disso, a informante CaGI F ainda cita sua mãe como exemplo de quem “abrasileira” alguns termos do polonês, o que se reflete no uso linguístico da língua portuguesa que se torna diferenciado do uso que as demais pessoas fazem. Esse “abrasileiramento” de algumas expressões pode estar relacionado à exposição que os descendentes de poloneses mais velhos tiveram ao português e a uma educação formal na escola. Assim, o português sobrepôs-se à variedade polonesa, mas as pessoas continuaram a usar no cotidiano a sua variedade, ou seja, utilizam duas línguas diferentes na mesma área geográfica.

Ainda sobre as diferenças existentes entre o polonês falado na comunidade de Virmond e na Polônia, um fato bastante interessante é percebido a partir dos dados, pois as informantes CaGII F e CbGII F afirmam que falam o mesmo polonês que é falado na Polônia, mesmo que nenhuma delas conheça como é esse país e como é sua língua. Além disso, o fato de uma informante da geração mais velha pertencer a Ca e outra, também da GII pertencer a Cb não influencia na concepção que possuem do polonês, pois a informante CaGII F chega a “indicar” a informante CbGII F como uma das pessoas que sabe falar o polonês “melhor” da cidade.

Por esse motivo, a visão que ambas as informantes da GII possuem de sua língua não é feita a partir do grau de escolaridade e sim por uma identificação que uma possui com a outra pelo fato de ambas terem a mesma origem étnica. Com isso, fica claro que a variedade de imigração passou a ser uma característica dos mais velhos.

Assim, essa identificação pode ocorrer tanto porque as duas fazem parte da mesma geração quanto pelo fato de possuírem os mesmos objetivos, apesar de pertencentes de classes diferentes, esse objetivo é o de manter o polonês e de tentar “anexar” o ensino de língua polonesa na grade curricular da escola do município, fazendo com que os jovens sintam desejo de preservar a cultura polonesa e foi seguindo esse objetivo que as duas informantes passaram a fazer parte do grupo BRASPOL (BRASIL-POLÔNIA) e acabaram criando uma espécie de “companheirismo” em prol da manutenção linguística.

Ainda para verificar características e aspectos linguísticos dessa comunidade, os informantes foram questionados sobre a língua que usam e que mais gostam de conversar, se essa língua é bastante utilizada no cotidiano e qual a língua que usam para conversar quando

chega uma visita (ver questões 6, 7 e 8 em anexo).

As respostas para essas questões são apresentadas no quadro a seguir, onde será usada a abreviação LP para língua portuguesa e LI para língua de imigração.

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
(6) Qual a língua que usa e mais gosta para conversar	LI	LI	LP	LI	LP	LI	LP	LP
(7) De modo geral, qual a língua que mais usa para se comunicar?	LP	LP	LP	LP	LP	LP	LP	LP
(8) Quando recebe visita, qual língua prefere usar?	LP	LP	LP	LP	LP	LP	LP	LP

Quadro 4: Preferências do uso de polonês e português em Virmond.

No que se refere ao gosto dos informantes, percebe-se que as respostas são bastante divididas, pois quatro descendentes de poloneses afirmam preferir conversar na língua polonesa e outros quatro já preferem o português para conversar. Desses quatro, três são o CaGI M, o CbGI M e a CaGI F que, conforme visto anteriormente, tiveram menos contato com o polonês e que afirmaram não saber falar a língua de imigração. Já o informante CbGII M, mesmo sabendo falar polonês, diz que prefere conversar em português, pois é a língua que a maioria usa na cidade.

Eu prefiro falar em português né porque polonês é pouca gente que fala, já o português todo mundo fala então a gente precisa se adaptar né à língua que a sociedade fala (CBGII M).

Esse sentimento de querer se “adaptar” à língua que a sociedade fala e que é demonstrado pelo informante da GII que mesmo sabendo falar a língua polonesa diz preferir falar em português para se “igualar” à maioria das pessoas da comunidade é explicado por Labov (1972), segundo o qual, os sentimentos dos falantes diante de certas variedades linguísticas podem demonstrar tanto uma identificação com o grupo ao qual pertencem como também pode acontecer que o falante se sinta inferior em relação à variedade que é mais prestigiada ou mais usada na sociedade em que vive.

É esse sentimento de se sentir “minoría” ou até mesmo “inferior” que leva os falantes a “negar” sua variedade para falar a variedade que é utilizada pela maioria das pessoas da

sociedade que é o que ocorre com o descendente de poloneses CaGII M. De acordo com Fishman (1995), as pressões sociais, econômicas, religiosas, dentre outras, fazem com que o falante de uma língua minoritária seja “obrigado” a acrescentar outras variedades para sua comunicação e contribuem para que haja a manutenção ou substituição linguística, no caso de Virmond, a língua portuguesa está substituindo a língua polonesa.

Já os informantes mais velhos CaGII M, CaGII F, CbGII M, CbGII F e uma jovem da Ca afirmam preferir falar em polonês, o que fica evidente nas respostas dos mesmos.

Olha minha pequena, se eu pudesse escolher, eu falava o dia inteiro só em polonês (...), mas vai conversar com quem? Se pudesse falar no dia a dia eu falaria só polonês (CaGII M).

Seria na minha parte é... vamo dize que bastante pais da juventude de vinte, trinta anos atrás não levaram a sério e o português foi tomando conta e muitos polonês se envergonham da língua porque não aprenderam bem dai tem medo de falar errado, mas também não se interessam né, de aprender melhor, isso é ruim (CbGII M).

Preferia o polonês né porque foi a língua materna né, a língua de casa de todos da família, mas se eu quiser conversar só em polonês no Virmond, vou virar quase uma muda (gargalhadas), pois quase ninguém mais fala, os mais novos então, não tão nem ai pra aprender, parece que não tem noção da importância do polonês (CaGII F).

Pois olha, eu queria conversar mais em polonês né, mas hoje em dia quase ninguém fala, isso é triste pra gente, ver que os jovens principalmente, tão deixando nossa língua morrer (CbGII F).

Eu acho que tá perdendo a cultura né, as pessoas falam tanto que querem falar o polonês, mas dai não falam, não buscam aprender. Até mesmo a BRASPOL, muitos do grupo nem sabem falar mais, antes tinha mais coisas em polonês, o grupo se reunia, dava aulas de polonês, faziam missas, hoje eles valorizam mais o jantar polonês e o grupo de polaquinhos né, podiam mudar, trazer de volta as aulas né? (CaGI F).

Essas respostas se mostram bastante contraditórias em relação aos dados expostos no quadro 4 onde os informantes afirmam falar só o português para se comunicar e para conversar quando recebem visitas. Porém, como pode-se notar nas citações acima, os descendentes de poloneses expressam o desejo de querer falar em polonês, ou seja, existe esse desejo de continuar utilizando a língua de imigração, mas devido à língua oficial do Brasil ser o português e ser falada por um grupo majoritário, esses descendentes acabaram diminuindo o uso da língua polonesa cada vez mais e passaram a usar mais o português em suas interações

sociais.

Além disso, o que se percebe, em relação aos informantes da GII, é que essa preferência por falar o polonês se dá porque tiveram mais contato com a língua de imigração e conviviam mais com descendentes de poloneses que ainda cultivavam o polonês no cotidiano, em uma época bem diferente da época atual. Também fica evidente a decepção que os descendentes de poloneses, principalmente os da GII, sentem por não poderem usar mais o polonês, pois mesmo que prefiram a língua de imigração para conversar e se comunicar, não podem porque praticamente ninguém mais entende, então não haveria comunicação.

Já a resposta da informante CaGI F chama a atenção quando afirma gostar mais de conversar em polonês pela sua pouca idade, pois essa informante tem vinte e seis anos e afirma que a primeira língua que aprendeu a falar foi o polonês para só depois ter contato com o português quando um “brasileiro” começou a trabalhar, no lugar onde morava, ajudando seu pai na lavoura. Depois, o contato maior com o português se deu na escola.

O que se nota então é que essa preferência ou o gosto maior por uma língua ou outra não está relacionado, nesse município, à idade ou classe social, mas sim, à primeira língua aprendida no ambiente familiar, mesmo que essa língua não seja mais tão utilizada pela comunidade étnica, pode-se afirmar que ela continua sendo usada e ocupando papel importante na vida de alguns poucos falantes de Virmond.

Também é possível, a partir das respostas dos informantes, perceber um pouco da concepção que possuem à respeito das pessoas que só falam o português na cidade, pois os oito demonstram uma “insatisfação” pelo fato de muitos descendentes de poloneses não saberem falar a língua de imigração. Porém, o que é mais interessante nessas respostas é que até mesmo os informantes CaGI M, CbGI M e CbGI F que afirmam não dominar a língua polonesa em nenhuma competência, criticam as pessoas que não sabem e que não aprenderam o polonês. Nesse momento eles parecem esquecer que afirmaram anteriormente não saber falar polonês e se referem aos descendentes que não falam a língua de imigração como sendo diferentes deles, o que se confirma a partir de seus comentários.

Infelizmente os descendentes de poloneses daqui não dão tanto valor pra língua né, eles tem oportunidade de aprender e não tão nem aí (CaGI M).

Pus óia, eu acho que são pessoas desinteressadas, porque se tem interesse aprende, se for analisar, é um desperdício né, saber que tem tudo pra piizada aprender polonês e não querem, hoje ainda não é tanto né, mas já teve até aula de polonês, eu me lembro, pus na minha época tinha (CbGI F).

Tem oportunidade de aprender, mas falta interesse de escutar os mais velhos falarem e tentar aprender (CbGI M).

Esses comentários revelam que esses descendentes se identificam como poloneses e, mesmo estando entre esses jovens que não aprenderam falar polonês, reconhecem que a língua é importante para o município e deveria ter sido aprendida para que a cultura linguística pudesse ser mantida e para que o polonês não desaparecesse, uma vez que como eles mesmos citam, existe ou existiam oportunidades de aprender.

Assim como os informantes mais novos falam sobre a dificuldade de aprender o polonês, dois dos oito informantes de Virmond também comentam sobre a dificuldade que tiveram de aprender o português, o que não ocorreu com os demais informantes. Esses dois informantes possuem em comum não só a idade, mas também o grau de escolaridade, pois ambos pertencem a Ca. O informante CaGII M, ao falar sobre a dificuldade dos jovens de hoje em aprender o polonês, afirma que compreende essa juventude de certa forma, pois quando começou a ir para a escola, só sabia falar polonês e foi muito difícil aprender a falar a “*língua dos brasileiros*”.

Essa dificuldade, segundo o CaGII M, está intimamente relacionada à primeira língua ou língua de casa, pois se você cresceu falando com os pais e parentes uma língua, sempre vai encontrar dificuldade para aprender uma segunda e de acordo com ele, é isso que acontece em Virmond, como a língua que os jovens começaram a falar é o português, terão dificuldade de falar o polonês, ainda mais quando essa língua praticamente já não é usada. Porém, essa afirmação do informante CaGII M é bastante ampla, pois essa “dificuldade” para aprender uma segunda língua dependerá muito da forma com que ela é ensinada.

Hamers e Blanc (2000) apontam para as diversas possibilidades de aprendizado de uma segunda língua e, dentre elas, o aprendizado precoce (simultâneo) que é o aprendizado de duas ou mais línguas praticamente ao mesmo tempo e quando a criança ainda tem poucos anos de vida. Nessa forma de ensino, a criança tende a ter mais facilidade de aprender ambas as línguas e mesmo que não tenha competência idêntica para falar as duas línguas em todas as modalidades, não terá dificuldades para utilizá-las nas suas interações sociais.

Com isso, para afirmar que os jovens de Virmond têm dificuldade para falar o polonês porque aprenderam primeiro o português, será preciso verificar também como e quando aprenderam a falar a língua de imigração. Já no caso da informante CaGII F, pode-se afirmar

que a dificuldade que ela teve de aprender o português se deu porque o polonês foi a sua primeira língua, que ela falou desde pequena e somente quando foi para a escola, já grande, teve contato com o português.

Eu também tive muita dificuldade quando era criança porque sempre falei polonês e de uma hora para outra, com a “ordem do Getúlio Vargas” tive que aprender o português e só aprendi porque essa língua era usada em todos os lugares, já o polonês nos dias atuais, não é tão comum no cotidiano dos descendentes de Virmond e por isso, é mais difícil de aprender e de passar de uma geração para a outra (CaGII F).

O que se nota é que o ensino de português por muito tempo “assumiu uma espécie de papel cívico de abasileiramento dos diversos falantes de línguas de imigrantes” (Seyferth 1982, p. 73 *apud* Altenhofen (2004)). Fica claro então a partir do comentário da informante que esse abasileiramento ocorreu por causa da política de nacionalização implantada pelo governo do Estado Novo de Getúlio Vargas que também foi um fator, se não o mais importante, que teve influência na diminuição e quase extinção da língua polonesa no município de Virmond e por esse motivo, a língua portuguesa foi ocupando o lugar da língua de imigração.

Além disso, o que se nota, tanto nas respostas do CaGII M quanto da CaGII F é que há uma inversão dos papéis da língua da geração mais velha para a geração mais nova, pois a GII tinha dificuldade para aprender o português enquanto que a GI não aprendeu o polonês. Essa realidade pode estar relacionada diretamente às vivências dos informantes e das mudanças ocorridas na sociedade de Virmond.

Em relação às vivências, o que se nota é que, ao contrário do que ocorria na época em que os informantes da GII ainda eram jovens, o polonês já não é a língua falada pela maioria das pessoas da comunidade de Virmond e também não é mais utilizado na maioria dos contextos sociais. Além disso, os jovens são mais topodinâmicos, ou seja, costumam sair mais do município tanto para estudar quanto para conhecer outros lugares e pessoas, por isso, também são influenciados pelo “mundo exterior” à sua própria comunidade, onde aprender ou usar o polonês já não é um fator tão “necessário”.

Porém, mesmo que a língua esteja se perdendo de geração para geração, cinco informantes afirmam que se sentem um pouco poloneses e um pouco brasileiros, ou seja, se identificam como sendo brasileiros e poloneses ao mesmo tempo. Esse sentimento de pertencer às duas etnias demonstra que os descendentes de poloneses ainda estão construindo

suas identidades e se afirmam poloneses por causa da língua, da cultura e como uma forma de cultivar sua origem e ao dizer que também se sentem brasileiros, percebe-se que estão se referindo à terra onde vivem.

De acordo com Seyferth (1982 *apud* Altenhofen, 2004), muitos descendentes de imigrantes tentam conciliar nacionalidade e uso da língua, materna ou não, definindo-se como brasileiros, mas afirmando-se, com base na cultura e costumes linguísticos como imigrantes, nesse caso, como poloneses.

Eu sou polonês porque falo polonês, porque meus pais eram poloneses também e sou brasileiro porque vivo no Brasil, falo a língua brasileira também, então me sinto um pouco de cada um (CaGII M).

Eu me sinto as duas coisas, tanto polonesa quanto brasileira (CaGI F).

Mas sabe, eu me considero um brasileiro porque nasci no Brasil, vivo no Brasil, falo português, mas também me sinto um pouco polonês (CaGI M).

Digamos que eu sou um brasileiro polonês (risos), tenho origem polonesa, falo e entendo polonês, mas mora no Brasil, então sou brasileiro e polonês (CbGII M).

Acho que a gente é um pouco dos dois né. Polonês por causa dos pais né, da origem da gente mesmo e brasileiro porque a gente vive no Brasil, não tem como dizer que não é (CbGI F).

O que se nota nas respostas dos cinco informantes é que indiferentemente de classe social, idade ou gênero, todos se sentem de alguma forma poloneses e brasileiros ao mesmo tempo. Esse sentimento e essa identificação como poloneses é feito, pela maioria dos informantes, a partir da origem étnica dos pais e do uso da língua polonesa, porém, o fato de viver no Brasil faz com que os descendentes também se sintam brasileiros, o que comprova as considerações de Seyferth (1982 *apud* Altenhofen, 2004) que afirma que os descendentes de imigrantes buscam uma forma de conciliar nacionalidade e uso linguístico, identificando-se a partir dessa conciliação como pertencentes a duas etnias.

Diferentemente desses cinco informantes, o CbGI M afirma se sentir brasileiro porque ele nasceu no Brasil, fala só português e de polonês ele só tem a descendência e compreende algumas poucas coisas da língua polonesa, o que, segundo ele, não o torna um polonês. Assim, o descendente constrói sua identidade a partir do país em que nasceu e principalmente a partir da língua que fala, o que de acordo com Castilho (2010), é um dos traços mais

profundos do que somos e de como pensamos o mundo, ou seja, é a partir da língua falada que se constrói a identidade de um indivíduo ou de um povo.

Já as informantes da GII dizem se sentir mais polonesas do que brasileiras e essa identificação, no caso da CaGII F, é feita a partir das suas características físicas e do “sangue”, ou seja, da origem.

Agora é uma pergunta difícil, mas acho que até a minha cara é de polaca né, não dá pra negar a raça (gargalhadas) por mais que eu tenha crescido no Brasil, eu me acho mais polonesa do que brasileira, eu acho que o sangue é polonês mesmo (CaGII F).

Pus agora você me pegou... (fica pensativa), eu me sinto polonesa, a gente mora no Brasil, mas é polonesa né (CbGII F).

Como pode-se notar, as duas informantes da GII dizem que se sentem mais polonesas do que brasileiras, mas nenhuma delas atribui essa identificação à língua que falam. A descendente CbGII F não explica o porquê se sente mais polonesa do que brasileira, mas assim como a maioria dos informantes, reconhece que mora no Brasil, mas mesmo assim se sente uma polonesa, já a informante da Ca atribui esse sentimento às suas características físicas. Quando a informante CaGII F diz que até mesmo a cara dela já a identifica como uma “polaca”, ela se refere às suas características físicas, ou seja, a pele, os olhos e o cabelos claros, o que, segundo ela, não deixa que ela negue a raça e o sangue polonês.

Um fato bastante interessante nas respostas desses informantes é que somente as mulheres da GII se sentem mais polonesas do que brasileiras, o que não ocorre com nenhum jovem e também com nenhum homem. Nesse caso, pode-se dizer que as mulheres mais velhas são as que mais se identificam como polonesas nessa comunidade.

Além disso, essas duas informantes que se identificam mais como polonesas do que brasileiras reforçam essa afirmação quando respondem que torceriam para a seleção polonesa caso ela fosse jogar contra a seleção brasileira. A informante CaGII F ainda frisa “toda vida eu torcia pela Polônia, a gente respeita o Brasil, torce por ele né, mas daí quando é com a Polônia, o coração fala mais alto, eu torço pro meu povo”.

Essa expressão “torço pro meu povo” que a CaGII F utiliza para se referir à Polônia demonstra uma questão bastante interessante que é uma identificação com um povo que diz ser seu, mas que nunca chegou a conhecer pessoalmente, ou seja, nunca foi até a Polônia e mesmo assim se mostra patriota e se classifica como pertencente a esse país.

Essa afirmação de pertencer a um país que nem mesmo conhece revela um falso saudosismo de um local que, de acordo com Dreher (2009), é reconstruído de uma forma “romântica”, “idealizada”. Esse tipo de saudosismo contribui para que imigrantes ou descendentes de imigrantes reconstruam a sua identidade em cima de ideais forjados por eles mesmos, como é o caso da informante CaGII F.

Da mesma forma, a CbGII F diz que torce para a seleção brasileira sempre que ela joga com outros times, mas quando o jogo é entre Brasil e Polônia, acaba torcendo para a seleção polonesa sem nem perceber. *“As vezes a gente tá assistindo e sem perceber, fica contente quando a Polônia faz gol no Brasil, não é que torço contra o Brasil, mas acontece (risos)”*.

O fato de a informante se afirmar como polonesa, mas torcer para a seleção brasileira em algumas situações demonstra que a identidade dos descendentes de poloneses de Virmond ainda está em constante construção e dependendo da situação, como pode-se notar na resposta da CbGII F, eles assumem diferentes identidades. Essa construção identitária que é sempre reformulada e está em constante processo de construção é defendida por Hall (2000) que afirma que o sujeito constrói, reformula e assume diferentes identidades dependendo do momento e da situação em que se encontram e assim, segundo esse estudioso, as identidades são deslocadas continuamente.

Com isso, no caso das duas informantes da GII que afirmam torcer para a seleção polonesa quando ela está jogando com o Brasil, mas que por outro lado, torcem para o Brasil quando ele joga com outros times assumem diferentes identidades de acordo com cada situação, sendo “brasileiras” e “polonesas” conforme os momentos que estão vivenciando.

Já os outros informantes demonstram opiniões diferentes das duas descendentes da GII, pois os seis dizem que torcem para a seleção brasileira independente do adversário, pois, segundo eles, essa seleção representa o país em que eles vivem. Além disso, ao contrário da CaGII F e CbGII F, esses informantes dizem que até torcem para a seleção polonesa, mas somente se ela não estiver jogando contra a seleção brasileira.

Com certeza eu torço para o Brasil né, afinal de contas, nós vivemos no Brasil e essa seleção representa o país (CaGII M).

A gente torce pra Polônia em segundo lugar, mas em primeiro torce pro Brasil né. O bom é que quando dá empate a gente fica feliz também (risos) (CaGI F).

Eu até torço para a Polônia, mas quando o jogo é entre Brasil e Polônia, daí eu torço para o Brasil (CbGI M).

Depois do Brasil, eu torço para a Polônia que é o nosso país de origem né, mas se as duas seleções forem jogar junto, daí torço pro Brasil, a gente mora no Brasil né, tem que torcer pro Brasil também (CbGI F).

Fica evidente que os informantes torcem para a seleção polonesa, mas quando a adversária é a seleção brasileira, torcem para a segunda porque esta representa o país onde eles vivem. Por outro lado, quando a informante CaGI F diz que se sente feliz quando as duas seleções empatam, acaba revelando também uma “identificação” com a seleção polonesa e por isso, o fato de nenhuma perder é um motivo de alegria. Essas respostas revelam que os informantes também se identificam como poloneses quando afirmam que depois do Brasil torcem para a seleção da Polônia que é o seu país de origem.

A respeito dessa origem polonesa, a pesquisadora questiona os informantes sobre a percepção que eles possuem sobre a visão que as pessoas de fora do município possuem em relação aos descendentes de poloneses de Virmond. O que se percebe é que os oito informantes acreditam que as pessoas de fora veem o grupo étnico polonês de Virmond com um certo estigma.

Agora todo mundo respeita, acham interessante, mas teve um tempo que chamavam nós só de polaco, diziam que nós era as polacada do Virmond que só comia broa e nós revidava sempre e falava que eles eram os nego que só comiam virado. Nossa, mas pra nós era uma ofensa que chamassem de polaco, mas nós pulava e se defendia, se dissessem polonês nós não brigava (CaGII F).

Hoje em dia, nós poloneses até que somos respeitados, tem umas pessoas que não gostam muito, mas já teve um tempo que era bem pior, sabe minha filha que muitas vezes eu sentava aqui nessa área mesmo e passava gente lá na estrada e gritavam olha lá a polacada, porcariada (CaGII M).

Sempre de forma respeitosa, sem nunca ser racista com ninguém, todas as pessoas que vieram que a gente teve conhecimento, elas se adaptaram bem, nunca falaram mau da gente até porque se falassem, nós não ia dexá queto né? (risos)(CbGII M).

Ah, sei lá, mas acho que não é muito boa, depende também de pessoa para pessoa né (CbGII F).

Depende, mas assim... que eu escutei comentários né, eles não veem muito bem, dizem que polaco depois do almoço não trabalha, só dorme, falam que

nós temos sotaque e que nem o italiano, por exemplo, eles gostam né, mas o polonês já caçoam mais, dizem que nós temos a boca aberta porque tem coisa que falamos diferente, dizem que falamos errado (CbGI F).

Mas num sei te dizer bem certo, só que eles chamam nós de polacada né, parece que tão tirando sarro (CbGI M).

As pessoas estranham bastante né por causa do sotaque, hoje em dia, assim como que eu posso te dizer? quando eu comecei a faculdade lá em Guarapuava, tinha poucas pessoas do Virmond indo pra lá, então a gente sofria mais né, falavam do sotaque da gente, do jeito de falar... agora já tem muito mais gente daqui de Virmond indo pra lá, daí as pessoas já se acostumaram né, já conhecem o idioma virmondense (risos) (CaGI F).

Não é boa, a maioria das pessoas acha que os poloneses são mais bobinhos, que falam errado (CaGI M).

Dessa forma, é possível verificar que os descendentes de Virmond se identificam e sabem que as pessoas de fora não possuem uma visão prestigiada do grupo étnico e atribuem essa visão estigmatizada ao seu modo de falar, o que vai ao encontro das considerações de Castilho (2010), que afirma que é pelas diferenças nos modos de falar que é possível identificar o lugar de onde um falante veio ou onde vive.

Observa-se nas respostas acima que os dois informantes da GII estabelecem uma espécie de defesa da língua e de seu povo. Isso pode ser notado quando a CaGII F afirma que quando eram chamados de polacos sempre revidavam, ou seja, defendiam sua língua e sua origem o que também pode ser notado na fala do CbGII M que afirma nunca ter ouvido ninguém falar mau, mas se ouvisse, não deixaria quieto, estabelecendo uma posição de defesa de seu povo, do polonês e classificando as outras pessoas de fora do município como diferentes.

É possível relacionar esse estabelecimento de diferença entre o “nós” e o “eles” aos apontamentos de Silva (2000), segundo o qual a identidade e a diferença são relações sociais fortemente sujeitas e ligadas à percepção que as pessoas têm sobre si e dentro dessas relações também podem surgir fronteiras que excluem/incluem ou que demarcam fronteiras entre o “nós” e “eles”, essas marcas podem ser compreendidas como atos de divisão, de atribuição de prestígio ou desprestígio a diferentes grupos. Assim, no caso dos informantes mais velhos, é evidente a “barreira” que se formou entre o povo polonês e as pessoas que não pertencem a esse grupo.

Já as informantes CbGI F e CaGI F, como pode-se notar nas citações acima afirmam

que já ouviram comentários ruins sobre o polonês, que sofreram algum tipo de discriminação e a CaGI F, que saía da cidade todas as noites para cursar faculdade, afirma até que no começo sofreu por ser diferente das outras pessoas, por falar de outra forma, porém, em nenhuma delas foi possível perceber essa defesa, essa “resposta” em favor da língua, da cultura, do município.

Essa “não defesa” pode ter sido um dos principais fatores de diminuição do uso da língua polonesa no município de Virmond, pois diferentemente dos mais velhos, os jovens já não possuem tanta vontade de manter características linguísticas que fazem com que eles sejam diferenciados dos demais e de serem apontados como diferentes.

A gente agora já se monitora né, a fala já não é tão diferente das outras pessoas (CaGI F).

As pessoas acham um pouco de diferença, mas não comentam muito mais, já acostumaram (CbGI M).

Eu me cuido bastante pra quando vou pra Laranjeiras, por exemplo, pra não falar muito as palavras que a gente pronuncia diferente né, eu troco por outras que tem o mesmo significado (CbGI F).

Na verdade eu acho que não falo diferente até porque eu falo pouca coisa de polonês daí já não interfere tanto (CaGI M).

Esse posicionamento dos informantes mais jovens de Virmond também vai ao encontro das considerações de Silva (2000), quando afirma que nenhum indivíduo desejará pertencer a um grupo étnico desprestigiado e que usa uma língua que possui formas desviantes do “padrão” que mesmo não sendo falado por ninguém, julga as demais variedades como incorretas.

Por isso, esses falantes de línguas minoritárias acabam buscando uma forma de se integrar aos grupos dominantes e aos poucos, deixando sua língua “de lado” para tentar se adaptar a um grupo majoritário, o que pode explicar a significativa diminuição no uso do polonês em Virmond nos dias atuais e a contradição existente na afirmação dos mesmos como poloneses, ou seja, eles querem ser identificados como poloneses apenas pelas tradições culturais e culinárias que são prestigiadas pelos demais indivíduos que não pertencem a essa etnia.

4.1.2 Identificação dos padrões identitários

Com o intuito de identificar quais os principais padrões que levam os descendentes de Virmond a se afirmarem como poloneses ou até mesmo como diferentes das pessoas pertencentes a outros grupos étnicos, nesta seção foram levantados dados a partir de sete questões que interpelavam os informantes sobre sua identificação, sobre os motivos que os levam a identificar-se como poloneses e quais as diferenças existentes entre um descendente de polonês e uma pessoa que não pertence a esse grupo étnico.

As respostas para essa questão foram, em sua maioria, referentes às características físicas dos descendentes de poloneses de Virmond e a partir da língua falada por essas pessoas.

O que identifica o polonês típico daqui?	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
O jeito de falar	x			x	x	x	x	x
O modo de se vestir	x							
Religiosidade		x						
Sotaque			x					
Cor do cabelo e dos olhos						x		x
Pele clara			x			x		x

Quadro 5: Identificação dos poloneses segundo os informantes.

A maioria dos informantes, como pode-se notar, atribui ao jeito de falar, uma das principais características que identificam o polonês de Virmond. Já quando a pergunta é referente à forma que o brasileiro é identificado, as respostas divergem bastante, alguns dizem que os brasileiros se diferenciam pela cor da pele e do cabelo, já a informante CaGII F afirma que é a religiosidade que faz com que o polonês tenha permanecido unido no município e preservado sua cultura até os dias atuais.

A informante CaGI F afirma que não é possível classificar uma pessoa como polonesa pela cor da pele ou cabelo, dando o exemplo das características físicas de sua mãe que tem cabelos e olhos escuros e é de origem polonesa. Quanto à classificação das pessoas que não são de origem polonesa, os informantes, em sua maioria, dizem que quando a pessoa não é

polonesa em Virmond, é porque é brasileiro, porém, duas informantes da Ca classificam de uma forma diferente.

Negada né? Ou os mugini que os poloneses chama que significa gente escura (CaGII F).

De pele escura (CaGI F).

Além dessa resposta, a informante CaGII F demonstra durante a entrevista, a necessidade de se diferenciar das pessoas que não são descendentes de poloneses. Porém, além da CaGII F, é possível perceber no decorrer da entrevista, principalmente a partir das questões (21) e (22) que os informantes da GII buscam o tempo todo estabelecer uma diferença entre eles e as pessoas que não são de sua origem, ou seja, buscam mostrar que não há características em comum entre ambos, estabelecendo essa diferença entre o “eu” e o “outro”.

O futebol, só isso que identifica os brasileiros (risos) (CaGII F).

O modo de falar, o jeito estranho de se comportar, andar, falar de qualquer jeito, trabalhar pouco, a fisionomia também (CaGII M).

A fisionomia deles, o modo de viver, eles não tem muita preocupação com nada (CbGII F).

Tem bastante coisa, mas acho que o jeito deles é diferente (CbGII M).

Essa diferença que os descendentes de poloneses da GII estabelecem entre a fisionomia, os modos de falar deles e dos brasileiros não é a única forma que eles encontram para se diferenciar dos brasileiros, encontrando também no modo de viver e até mesmo na culinária diferenciações entre seu grupo étnico e os brasileiros, na visão deles, o brasileiro é bem diferente deles.

Ah! São menos interessados né, são bem diferentes do nosso povo (CaGII F).

Brasileiro? o brasileiro ele é, quero dizer, que significa pouco, tem alguns que são gente boa, trabalhador, mas em maior parte, a cultura, a sabedoria, o modo de trabalhar não são nada parecidos com nós, não tem suas comidas, suas coisas, inventam cada coisa, enquanto o polonês assa pinhão na chapa, o brasileiro pega e cozinha ele e bate com martelo, põe um

poquinho de banha, cebola e faz virado (risos), parecem uns loucos, mas cada louco tem sua mania (CaGII M).

Nós temos mais compromisso com as coisas né (CbGII M).

Ah, são diferentes né, o jeito de ser deles (CbGII F).

Esse estabelecimento de diferenças entre os costumes, culinária e a cultura dos brasileiros feito pelos descendentes de poloneses de Virmond é, mais uma vez, apontado neste trabalho a partir dos estudos realizados por Silva (2000) que afirma que uma comunidade atribui diferenciações entre seu modo de ser e o do outro, entre sua língua e a do outro reconhecendo-se a partir da afirmação daquilo que não são, ou seja, “eu sou aquilo que o outro não é” ou então “eu não sou aquilo que o outro é” construindo uma identidade a partir da diferença. As respostas do informante CbGII M demonstram que ele tem preconceito em relação aos “brasileiros”, pois acredita que são muito diferentes dos descendentes de poloneses.

Eu disse pra você antes que entre brasileiro e polonês não tem diferença, mas tem, e como tem. Desde uma casa, um pátio, você já sabe quando é de um brasileiro porque parece que eles não tem coragem nem pra manter a própria casa limpa e outra... deixe dinheiro meio solto perto deles, iiiii, levam tudo. Claro que tem um ou outro que não são assim, mas a maioria dos brasileiros que tem pele escura são assim (CbGII M).

Ainda buscando saber mais sobre os padrões identitários dos informantes descendentes de poloneses, a pesquisadora os interpelou se (ver anexo questão 23) existe alguma diferença entre o português falado em Virmond e as demais cidades da região. As duas informantes da GII afirmam não existir diferença nenhuma entre o português de Virmond e o que é falado na região e uma delas ainda frisa que se existe diferença, não é por causa do polonês.

Ah! Tem diferença entre, que nem eu falei procê, tem diferença entre o caboclo, entre o português falado comumente assim e a diferença do português falado na gramática e tem muita expressão polonesa que vem do latim né, o nosso português aqui é diferente como de qualquer região seria, não é por causa do polonês (CaGII F).

O português de Virmond – acho que não falam diferente, você acha? Eu acho normal, fala que nem nós falamos (CbGII F).

Já os informantes da GI conseguem perceber mais essa diferença, o que mais uma vez

pode explicar o porquê dos descendentes mais jovens deixarem de usar o polonês no cotidiano e não se interessarem por aprendê-lo.

Ah, dá uma diferença, desde a pronúncia né? Não é todos, mas tem polonês que tem um português bem diferente dos outros (CaGI M).

Aqui tão próximo não se percebe muito, mas se for comparar com o português usado em Guarapuava né, é 90 quilômetros só daqui, mas já dá uma diferença grande (CaGI F).

O jeito de falar né, é diferente (CbGI M).

Tem diferença entre o polonês falado aqui e nas outras cidades por causa do nosso sotaque né? (CbGI F).

Seguindo com esse mesmo assunto, a pesquisadora ainda pergunta se esse português é falado melhor pelos descendentes ou pelas pessoas que não pertencem a essa etnia. Apenas uma informante afirma ser os poloneses são quem falam melhor o português.

Pois devia de ser os brasileiro né, mas acho que não são os brasileiros, tem muito polonês falando melhor, meu pai, por exemplo, dava de dez a zero nos brasileiros (CaGII F).

Porém, seis dos descendentes de poloneses reconhecem que o português é falado melhor pelos brasileiros, principalmente no que diz respeito à pronúncia de algumas palavras que eles sentem dificuldade e os brasileiros falam bem.

É o brasileiro né, é a língua deles (CaGII M).

O brasileiro consegue falar melhor eu acho, as vogais, o brasileiro consegue falar bem mais (CaGI F).

Pois isso vai depender muito de quem fala, mas no geral, é os brasileiros mesmo porque tem muito polonês que fala muito enrolado (CbGII M).

Melhor? – olha, eu vou te dizer uma que tem descendente de polonês que falam atrapalhado, atrapalhado que olha, eu já não falo tão atrapalhado né, eu falo mais ou menos assim, eu não falo diferente, mas tem bastante que... iiii, falam tudo atrapalhado que nossa, tem gente que não sabe falar bem em português (CbGII F).

Acho que é os brasileiro né? Eles falam mais que nós (CbGI M).

O brasileiro falar melhor o português, a pronúncia, eles parecem que conseguem falar melhor como é o português mesmo (CbGI F).

Como pode ser notado, duas informantes, a CaGI F e CbGI F afirmam que a dificuldade dos poloneses em falar o português se encontra na pronúncia de algumas palavras que eles não conseguem realizar. Dessa forma, no que diz respeito aos padrões que identificam os descendentes de poloneses, pode-se afirmar que estão mais relacionados às diferenças atribuídas entre eles e os brasileiros não só no que se refere à língua como também nas características físicas, na culinária e nos modos de viver.

Com isso, pode-se resumir que os padrões identitários de Virmond estão pautados no maior uso do português pela GI da Ca, seguidos pelos homens da GI. Finalmente, os que mais se identificam como poloneses são os informantes da CbGII e os homens lideram a mudança do uso da língua polonesa passando a usar mais o português do que o polonês, seguidos das mulheres da CaGII e a mudança do uso da língua de ambos é refletida no pouco ou nenhum uso do polonês feito pelos descendentes mais jovens da comunidade étnica polonesa de Virmond.

4.1.3 Papel da língua na constituição da identidade

Esse tópico da entrevista metalinguística é constituído por seis questões (25, 26, 27, 28, 29 e 30 no anexo) e auxiliarão no sentido de relatar a importância da língua polonesa na constituição da identidade dos descendentes de poloneses de Virmond. Tais questões vão desde o repassar a língua de imigração aos descendentes, até a inclusão dessa variedade na grade curricular da escola e do preconceito ou prestígio em relação ao uso ou não da variedade polonesa. Além disso, essas questões possibilitam estabelecer uma relação entre a língua de imigração e outros ícones da cultura, como, por exemplo, a música, tipos de construções, estilos de vestimentas, etc, que, junto com a língua são fatores construtores de identidade.

Daremos início à análise com a pergunta 25 tendo como objetivo verificar a importância dada pelos informantes em repassar a variedade polonesa falada aos filhos e, na pergunta 29 questionamos sobre a importância do ensino de polonês na escola. A partir das respostas, foi possível perceber, principalmente nas respostas da GII, que o polonês foi se

perdendo de geração em geração por causa de, essencialmente dois fatores. O primeiro deles é citado pela informante CbGII F que afirma que a escola, ao deixar de ensinar a língua polonesa e priorizar somente o ensino do português, foi um dos motivos pelos quais não foi possível manter a língua polonesa que os filhos aprendiam em casa, e o segundo motivo seria o casamento de poloneses com pessoas de outras etnias.

Uma das informantes expõe sua opinião sobre a importância de os jovens aprenderem a falar polonês.

Era importante né porque a mãe tudo que ela pedia pra nós ajudá ela só falava em poloneis, mandava buscá água, lenha, salsinha, cebolinha pra tempero e... rezá ela ensinava em poloneis. É muito importante só que depois foi parando porque um certo tempo era té meio proibido por causa que achavam que era tipo uma discriminação né, começavam formá entre e até nas escola grupinho de poloneis e grupinho de brasileiro dai então tava havendo uma divisão entre as criança então dai foi, ah, uma época tava até sendo proibido, tinha que ser, falar o português nas escolas, na na... dai aquilo foi indo também e que levo a desistir. Eu ensinava sabe, iii eu me lembro que o Geraldo falava, ele falava em poloneis, o Tonho né “nhonho vai na babcia fazer diabdiap” ca enxada né que ele dizia que ia cavocá com a enxada, ele falava em poloneis né, mas depois, foi na escola e dai já ninguém se interessava muito, dai se perdeu (CbGII F).

Pode-se notar na resposta da CbGII F, assim como já havia sido percebido nas respostas da informante CaGII F no tópico anterior, que o ensino de polonês foi se perdendo após a proibição de Getúlio Vargas e o que se percebe é que nesse período houve uma perda considerável do uso do polonês no dia a dia dos descendentes e que muitos pais, por medo de que os filhos sofressem repressões no meio social coletivo, não ensinaram a língua de imigração, o que pode explicar o número reduzido de descendentes que falam a língua polonesa em Virmond.

Essas repressões, de acordo com Campos (2006), culminaram em ações que fizeram com que homens e mulheres imigrantes fossem proibidos de exercer seus direitos mais simples como o direito de ir e vir, de falar e se expressar na sua língua de imigração, de comunicar-se com seus familiares, de praticar crenças religiosas e/ou políticas na língua de origem e o de exercer a cidadania. Essas estratégias de repressão que foram criadas pelo desejo de estabelecer uma perseguição de todo e qualquer estrangeiro que vivesse no Brasil e que não obedecesse à política ideológica que prezava por uma homogeneização e por um abraileiramento dos imigrantes a todo custo.

Ainda, com relação a essas repressões, Altenhofen (1996, p. 71), salienta que dentre as

eventuais consequências que a política de nacionalização causou nas áreas colonizadas por imigrantes, a forte presença e o efeito do português foi a que mais levou a “perdas irrecuperáveis das línguas de imigrantes”. Além disso, de acordo com os informantes da GII, pertencentes a Ca, o segundo fator que foi decisivo para o pouco aprendizado dos filhos foi o casamento de poloneses com pessoas de outras etnias⁴, pois não havia incentivo por ambos os pais, o que acabou dividindo muito os jovens e, como a língua mais utilizada era o português, este tomou o lugar da língua minoritária.

A informante CaGII F afirma que seria muito importante que os filhos tivessem aprendido o polonês.

Ah, é muito importante, se fosse possível né, eu por exemplo, eu gostaria que os meus filhos soubessem falar porque sabe... só que, que nem eu, o marido não gostava, não falava e nunca se interessô então a gente também abaixou as guampa e ficô nisso (gargalhadas). Tivesse casado com um polonês né? Daí seria diferente (CaGII F).

A resposta da CaGII F, pois em todos os momentos da entrevista, foi a informante que mais demonstrou “amor” à sua língua, à sua etnia e foi a que mais se posicionou a favor da manutenção dos costumes e hábitos linguísticos da comunidade de Virmond e a partir dessa resposta, estabelece uma contradição a tudo que já havia afirmado anteriormente, pois não repassou sua língua para os filhos e segundo ela, eles aprenderam pouca coisa. Por outro lado, também é preciso analisar a questão de que, na época em que ela casou, o homem ainda era visto como uma autoridade em casa, devendo ser seguidos os seus desejos.

Entretanto, essa autoridade não se relaciona somente ao fato de a descendente de poloneses ser mulher e dever obediência ao marido, mas também à questão de que o grupo étnico polonês, apesar de na época não ser minoria em termos de números, não era mais tão prestigiado e já estava sendo substituído pelo português, consequência da Política do Estado Novo implantada pelo governo Getúlio Vargas.

Assim, é possível afirmar que a informante CaGII F não era submissa ao marido como figura masculina simplesmente, ela era mais submissa ao fato de que o polonês era proibido naquela época e esse dado se confirma nas respostas do informante CaGII M que mesmo sendo do sexo masculino e sendo a “autoridade” da casa, também não transmitiu a língua polonesa para os filhos e também afirma que eles falam e entendem pouca coisa.

⁴ Horst (2011) em um estudo do uso dos termos de parentesco em uma comunidade alemã constata que os casamentos interétnicos são realmente a maior causa do abandono da língua de imigração.

Sabe, muito importante, eu acho um mal, que se a senhorita, por exemplo, é de origem polonesa porque vai deixar de continuar com o idioma dos pais? Porque você já é polonesa de sangue, só falta falar né? No meu caso, eu tentei ensinar os filhos, mas daí a esposa ficava muito brava, dizia que eles já tem tanta coisa pra aprender e se preocupar e você fica enchendo eles com esse teu polonês de bosta (CaGII M).

Fica evidente então que, no caso dos informantes CaGII M e CaGII F, o casamento com uma pessoa de fora do grupo étnico acabou trazendo dificuldades para a transmissão da língua polonesa para os filhos, fator esse que, somado à proibição da língua de imigração e ao término do ensino da língua polonesa na grade curricular da escola pode explicar a pouca existência de descendentes, principalmente da GI, que dominam o polonês em alguma modalidade, principalmente na fala.

A respeito dessa diminuição e quase extinção do uso do polonês na comunidade de Virmond, é possível notar que os três informantes da GI que, diferentemente da CaGI F, não sabem falar em polonês, também lamentam não terem aprendido a língua dos pais.

Seria importante se a gente tivesse aprendido né, é a língua dos nossos avós, dos nossos pais, é uma pena que só agora depois de grandes percebemos, que nem no meu caso né, a importância que teria aprender o polonês até para poder continuar com as origens né (CbGI F).

Eu acho uma pena não ter aprendido a falar porque a gente tinha até mais oportunidade de aprender do que tem hoje né, mas faltô interesse mesmo e hoje eu vejo isso, mas agora já não dá mais tempo de aprender (CaGI M).

Pois importante seria né, mas isso a gente tinha que ter feito quando era criança e não aprendeu, hoje eu fico triste porque que nem eu já não posso ensinar pros meus piás porque eu também não aprendi (CbGI M).

Esses dados também servem como resposta para a questão seguinte (questão 26 anexo), pois o fato de muitos jovens já não falarem a língua dos pais acaba sendo uma consequência da miscigenação de raças no município de Virmond, de um ensino voltado apenas para o português nos dias atuais e para os poucos descendentes que ainda falam em raros contextos a língua polonesa, ou seja, os jovens já não utilizam a língua dos pais.

A esse respeito, com exceção da CaGI F, que aprendeu a falar o polonês desde pequena, três jovens afirmam que não aprenderam a língua dos pais porque o polonês era pouco usado, porque não era ensinado na escola, porque teve uma época que era proibido,

respostas bastante parecidas com as da questão anterior.

Acho que a gente não aprendeu porque a maioria das pessoas aqui do Virmond não fala mais né, como diz, o que não é usado não é lembrado (CaGI M).

Mas sei lá, acho que se tivessem ensinado mais na escola a gente tinha aprendido né porque até o português mesmo a gente aprendeu mais porque tinha professor ensinando (CbGI M).

Eu acredito que é porque os pais meio que tinham medo de ensinar a gente né, a minha vó contava que teve uma época que eles eram até perseguidos, não podiam falar o polonês, daí acho que eles preferiram nem ensinar pra gente (CbGI F).

Nota-se que os informantes da GI acreditam que o não uso do polonês pelos jovens não é “culpa” deles, mas sim, dos motivos que levaram os mais velhos a não ensinarem a língua de imigração para os filhos e da ausência do ensino de língua polonesa nas escolas, o que contribuiria para que o polonês fosse passado de geração em geração. No entanto, dois informantes da GII pertencentes a Cb relatam suas opiniões sobre muitos filhos já não falarem a língua dos pais de forma diferente.

Seria um abandono né, seria o mesmo que o Felipão não ensinar bem os jogadores dele pra preparar pra copa, assim seria no Virmond, o mesmo que os descendentes não estarem preparados pra própria língua. Eu, por exemplo, sempre fui incentivado e iam forçando a fala e a gente ia pegando aquele prazer de falar porque era um idioma diferente até aprender e gostar e amar o idioma polonês (CbGII M).

Já a informante CbGII F aponta como “culpados” do abandono da língua de imigração os próprios jovens que, segundo ela, têm tudo para aprender o polonês e não se mostram interessados por esse aprendizado, além disso, ela também atribui essa diminuição de falantes da língua polonesa à mistura de raças feita pelo casamento.

Pois eu acho que porque não querem, eu acho que não querem porque tem as mães que são polonês né, mas não sei se as mães não ensinam, sei lá, mas acho que ensinam sim e também tem bastante família que misturaram né, polonês com alemão, polonês com português, polonês com italiano, não é que nem antes tempo que os pais não deixavam os filhos casarem com quem não era da mesma raça, tinha que ser polonês com polonês e pronto, não aceitavam se não fosse os dois iguais justamente por isso e daí agora hoje em dia é diferente né (CbGII F).

Essa resposta demonstra que, por um lado os jovens afirmam que o não aprendizado do polonês é uma consequência da escolha dos pais por não ensinarem a língua de imigração aos filhos e, por outro lado, os mais velhos acreditam que a diminuição do uso da língua polonesa na comunidade de Virmond é consequência da falta de vontade e falta de interesse dos mais jovens que acabaram deixando a língua dos pais de lado mesmo tendo todas as oportunidades de aprender.

Porém, apesar de as respostas apontarem para o pouco uso da língua polonesa quase município de Virmond, nota-se que sete informantes, até mesmo os que não falam a língua polonesa continuam se afirmando como poloneses e não sentem vergonha da descendência polonesa e, no caso dos informantes que ainda utilizam a língua de imigração, afirmam que nunca houve situação em que tiveram vergonha de falar o polonês exceto a informante CaGII F que afirma que já teve uma situação que teve vergonha de falar o polonês.

Pois teve uma que eu tive que foi aquele dia que veio aquelas cantoras lá que vieram da Polônia passear aqui acho que faz uns três quatro anos né que tiveram na praça né e daí eu fui falar com a cônsul, com a diretora né do grupo delas e acabei gaguejando muito porque o nosso caso, o polonês já está deteriorado né, a gente não pratica e daí já viu né (CaGII F).

Essa vergonha de falar o polonês, como pode-se notar, não está relacionada ao ato de falar a língua polonesa em si, mas ao fato de perceber, diante de uma pessoa de origem polonesa “pura” e que mora na Polônia, utilizando a língua em todas as situações, que a língua de imigração, que praticamente não é usada no dia a dia em Virmond, já não é tão fluente quanto era.

A informante acaba percebendo então que não domina tanto o polonês quanto acreditava e que ela, perto dos demais descendentes de Virmond, conhece muito bem a língua polonesa, o que não ocorre quando ela se depara com a visitante de origem polonesa. Apesar disso, ela, como todos os descendentes de poloneses de Virmond afirmaram, na questão 28 (ver anexo), que sentem orgulho de serem descendentes de poloneses e de, no caso dos “falantes” do polonês, utilizar a língua de imigração.

Nessa questão, todos os informantes afirmam que sentem orgulho de ser poloneses em qualquer situação e a informante CbGII F ainda cita uma situação que se sentiu muito importante porque era uma das poucas que sabia falar o polonês e por isso, chamaram ela para acompanhar uma visitante que havia vindo da Polônia, visitante essa que é a mesma que a informante CaGII F já havia mencionado. O que diferencia, entretanto, uma informante da

outra é que a primeira diz que sentiu vergonha nessa situação porque percebeu que não falava mais polonês fluentemente, ao contrário da CbGII F que afirma que soube interpretar, conversar, entender e ainda traduzir tudo que a visitante dizia para quem estava perto e não sabia falar polonês.

Tenho orgulho, tenho né, eu me sinto orgulhosa sempre, mas teve um dia que fiquei mais orgulhosa ainda que veio a moça da Polônia dai eles me chamaram pra acompanhar ela e conversá e traduzi o que ela dizia e eles ficaram tão satisfeitos né porque eles sabem que eu sabia, então é um orgulho né? (CbGII F).

Essa informante, diferente da CaGII F afirma ter conversado com a visitante polonesa sem nenhuma dificuldade e isso pode ser atribuído ao fato de que ela frequentou pouco a escola e talvez por isso não tenha sofrido tanto a imposição do português e ainda, por ter se casado com um descendente de polonês que também falava a língua de imigração, então, no convívio familiar, a língua era muito utilizada, inclusive com os filhos.

Por outro lado, isso mostra que o hábito de falar polonês está ligado a pouquíssimas pessoas em Virmond, ou seja, existe o sentimento de ser descendente de poloneses, porém, a identificação dos virmondenses pouco se dá pela língua, mas sim por aspectos culturais e, principalmente gastronômicos.

Os informantes de Virmond ainda foram questionados sobre o ensino de língua polonesa na escola. A pesquisadora perguntou a eles se achavam que deveria ter ensino de polonês na escola e se essa língua seria mais importante que o ensino de inglês (questão 29), todos os informantes dizem que o ensino de língua polonesa seria essencial, pois o município é formado basicamente por descendentes de poloneses e por isso a língua deveria ser cultivada.

Sim, eu acho que sim, já que tenta se manter uma cultura polonesa, tenta se manter a cidade com esse titulo de Varsóvia, que tem a cultura, as danças, a religião, por isso tinha que ter a língua também né, igual vamos supor que alguém da Polônia saiba que aqui tem poloneses e que tem o apelido de Varsóvia e resolvam vim pra cá dai iam ver que quase ninguém mais fala o polonês e que o apelido não tem muito sentido (CaGII F).

Porém, mesmo que os oito informantes tendo afirmado que o polonês é muito importante e que a escola deveria manter esse ensino na grade curricular, eles também não acreditam que o polonês é mais importante que o inglês, pois segundo eles, o inglês é

praticamente obrigatório nos dias de hoje, ou seja, é uma questão de prestígio de uma língua global (inglês) versus uma língua local (polonês).

Assim, os oito informantes demonstram que seria importante o ensino tanto do inglês, a nível geral, ou seja, para que seja usado no momento de procurar um emprego, de viajar, de se especializar e o polonês a nível local, para que a língua de imigração seja mantida e não “morra” no município de Virmond. Com isso, é possível notar que há o desejo de que a língua seja mantida na comunidade, mas, por outro lado, percebe-se que mesmo essa língua já não sendo usada na maioria dos contextos e pela maioria dos descendentes de poloneses, as pessoas desse grupo étnico continuam se afirmando e se identificando como poloneses.

Foi por conta dessa identificação que foi feito um levantamento dos principais ícones que constroem a identidade dos descendentes de poloneses de Virmond e o que fica evidente é que essa identificação feita por eles mesmos não se relaciona à língua polonesa em si, mas a algumas características do polonês presentes no português desses descendentes, aos aspectos culturais, às tradições religiosas e culinárias, às características físicas e ao folclore, como pode-se notar no quadro 6, a seguir.

Se fosse dizer o que mais identifica um polonês, diria que é o que?	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Suas características físicas		x			x	x	x	x
Sua casa								
Suas festas		x	x				x	
Seus sobrenomes	x	x	x	x	x	x	x	x
Sua música						x		x
Sua culinária	x		x		x	x		x
Seu jeito de ser	x	x			x		x	x
Sua língua		x						
Seus hábitos linguísticos	x			x	x		x	
Suas danças	x		x	x				
Suas tradições		x	x	x	x	x		x

Sua religião		x						x
--------------	--	---	--	--	--	--	--	---

Quadro 6: O que mais identifica um polonês segundo os informantes de Virmond.

Conforme pode ser notado no quadro 6, apenas três informantes, ambos da Ca afirmam que é não é possível identificar um polonês pelas características físicas, pois segundo eles, com a miscigenação de raças, muitos indivíduos de origem polonesa já não possuem mais as mesmas características como a pele, os olhos e os cabelos claros e em Virmond isso não é diferente.

Já no que se refere às casas, todos os informantes afirmam que não é possível identificar uma família polonesa pelas suas moradias, pois ninguém mais constrói casas com sótão, em formato de chalé e com cores mais vivas como amarelo e vermelho como era feito antigamente e que no município de Virmond, segundo o CbGI M, só existe a casa da memória que tem esse “modelo” de construção polonesa.

O que se percebe também é que três informantes dizem que os poloneses são identificados pelas suas festas e todos os descendentes de poloneses afirmam que o sobrenome das pessoas é um dos principais identificadores da etnia a que pertencem, principalmente os sobrenomes poloneses que possuem muitas consoantes e poucas vogais como Czczem, Orzechowski, Michalowski, dentre outros. Além disso, duas informantes dizem que a música polonesa também é um dos fatores que identificam os poloneses de Virmond.

A culinária polonesa também se destacou nas respostas dos informantes que dizem que diferentemente dos brasileiros, os poloneses possuem pratos que são típicos da cultura étnica desse povo como o pirogue, a sopa azeda, a broa de milho dentre outros pratos que são servidos no município de Virmond em festas organizadas pelos descendentes de poloneses. Os informantes CaGII M, CaGII F, CbGII M, CbGI M e CbGII F também acreditam que o jeito de ser dos descendentes de poloneses faz com que eles se diferenciem dos brasileiros ou pessoas pertencentes a outras etnias.

Com relação à língua, apenas uma informante afirma que é a partir do uso que fazem da língua que os descendentes de poloneses são identificados e os informantes CaGII M, CbGII M, CbGII F e CbGI F acreditam que não é a língua, ou seja, o uso do polonês que identifica os descendentes de poloneses de Virmond e sim algumas características de seus hábitos linguísticos que podem ter a interferência do polonês, principalmente no sotaque e

modo de falar. As danças, as tradições e a religião também são citadas como construtoras da identidade de um polonês de Virmond.

Nesse caso, o que se nota é que a língua já deixou de ser importante para a comunidade, esse fato aponta para uma romanização semiacabada, ou seja, uma busca de preservação da língua polonesa que é alicerçada apenas pelas gerações mais velhas.

Assim, percebe-se nessa comunidade étnica que a identidade dos descendentes de poloneses não se constitui propriamente pela língua polonesa, pois como pode-se notar, a maioria dos descendentes já não fala o polonês, mas sim por alguns ícones da cultura que esse povo tenta preservar como a culinária, a religião, as danças típicas que pode ser representada pelo grupo folclórico Maly Polaci e até mesmo pelas celebrações festivas organizadas pelo grupo BRASPOL.

Assim, é possível responder à questão que orienta esse estudo a partir dessas respostas, ou seja, os descendentes de poloneses de Virmond se autodenominam bilíngues mesmo sem saber a língua de imigração e sem utilizar o polonês na maioria dos contextos de interação social, mas se reconhecem e constroem sua identidade linguística a partir de fenômenos linguísticos do português, ou seja, a partir das diferenças existentes no sotaque e na pronúncia de algumas palavras e da preservação da cultura polonesa que é expressada a partir da culinária, festas, danças, religião e modo de ser do grupo étnico polonês de Virmond.

É possível concluir então, segundo os informantes, que a língua de imigração foi se perdendo de geração em geração essencialmente por dois fatores que são: a falta de ensino do polonês na escola e a mistura étnica feita através do casamento interétnico. Sobre o pouco uso do polonês na comunidade de Virmond, os jovens acreditam que isso ocorreu porque os pais tinham medo de ensinar a língua de imigração e sofrerem repressões e os mais velhos acreditam que os jovens não aprenderam por falta de interesse.

Com relação ao que mais identifica um polonês, as respostas apontam para uma identificação que é feita principalmente pelas características físicas, pelas festas, pela culinária e pelos sobrenomes. No que diz respeito à língua, nota-se que ela já deixou de ser importante para a comunidade e que sua preservação é alicerçada apenas pelas gerações mais velhas.

4.1.4 Grau de Bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

Para verificar o grau de bilinguismo dos descendentes de poloneses de Virmond e o reconhecimento da identidade dos mesmos a partir da afirmação de que são bilíngues foram aplicadas quatro questões no intuito de investigar se os contextos de usos do polonês se restringem a um determinado ambiente ou se a língua de imigração ainda é utilizada em outros contextos, como, por exemplo, estabelecimentos comerciais de Virmond.

O que se pode perceber a partir das respostas à primeira questão deste tópico (31)⁵ é que o uso da língua polonesa na comunidade de Virmond se restringe aos mais velhos e a contextos familiares e religiosos, já que ultimamente o grupo BRASPOL está organizando celebrações religiosas que são feitas somente na língua polonesa. Porém, de todos os informantes, apenas o CaGII M afirma utilizar o polonês fora do ambiente familiar, ou seja, no mercado.

Sabe minha filha que eu uso às vezes no mercado, eu faço a minha lista de compras e peço para o menino me ajudar, ele é muito amigo do meu filho, eu faço sacanagem com ele (risos). Eu pego e escrevo a lista de compras em polonês e mando pra ele ir fazendo as compras pra mim porque você vê né minha filha, eu já não consigo mais andar direito com esse meu pé torto e daí quando eu vou buscar ele tá lá todo apurado sem saber direito o que eu pedi, mas eu não falo nada e quando falo, falo em polonês, pois não há de ver que no apuro o bichinho dá um jeito? (CaGII M).

Já no que se refere às situações de uso do polonês no município de Virmond é possível afirmar que essas situações são bastante restritas, pois como citado anteriormente, não há um domínio da língua de imigração pela maioria dos descendentes. Assim, a língua polonesa é utilizada apenas em situações familiares e religiosas, sendo raras as situações que não condizem com esses ambientes como ocorreu com a visitante vinda da Polônia que é irmã do padre da comunidade e que veio conhecer a cidade de Virmond.

Apesar de o uso do polonês no município de Virmond ser bastante restrito a essas situações, ainda é possível verificar que um dos descendentes mistura ou misturava um pouco do polonês com o português no seu uso linguístico.

Hoje não faço tanto essa mistura, mas já fiz muito isso. Em casa, quando

⁵

Ver anexo.

conversava com a mãe ou com alguém da casa né, no dia a dia, misturava bastante tipo a gente não falava português quase, tem coisas que eu fui conhecer o nome em português depois de grande, tipo pedia sempre, por exemplo, me alcança o rącznik que é o pano de prato ou senão vá na horta buscar pietruszka que é salsinha né... daí misturava. É dessa mistura que você tá falando né? (CaGI F).

Essa evidência demonstra um fato bastante curioso no que diz respeito aos informantes de Virmond, pois ao contrário do que se esperava, os informantes mais velhos disseram que não fazem essa mistura português/polonês na fala afirmando que sabem o momento exato de falar cada uma dessas línguas. Porém, diferentemente do que afirma, a informante CbGII F, enquanto participa da entrevista, acaba fazendo essa mistura quando fala com a filha agradecendo por ela ter feito o chimarrão com a palavra “dziękuję” que significa obrigado.

Dessa forma, essa mistura pode ser feita por muitos desses descendentes sem que eles mesmos a percebam, pois já estão habituados com algumas dessas palavras, principalmente as de cumprimento e agradecimento no seu português. Já à respeito da percepção do sotaque que os descendentes de poloneses de Virmond tem diferente verifica-se que seis dos informantes sabem e reconhecem essas diferenças, atribuindo a isso a identificação dos poloneses de Virmond.

Ah esse sotaque acho que fica sempre né, a gente... por mais que a gente queira corrigir e tudo, mas... tem algumas palavras em português que eu tenho que pensar bem pra dizer pra não falar errado (CaGII F).

Muita diferença. Aqui nós temos um tipo de sotaque diferente. Mas se for comparar com cidades mais de longe, também vai ter sotaque, é que nem as cidades do norte e São Paulo né, dá diferença (CbGII M).

Além desses informantes da GII, a informante CaGI F, a CbGI F e o CaGI M também identificam uma diferença significativa no sotaque dos descendentes de poloneses e, segundo eles, é por causa desse sotaque que eles são identificados nas cidades vizinhas como pertencentes à etnia polonesa. A informante CaGI repete a experiência que teve logo que começou a frequentar a faculdade em uma cidade vizinha onde todas as pessoas a reconheciam como “polaca” por causa do sotaque e da pronúncia de algumas palavras.

Diferença no sotaque? Sim, nossa, como percebo isso. Quem falô ou fala o polonês tem muita dificuldade, eu percebo assim nos “r” sabe, eu tenho muita pelo menos, eu percebo isso, até na escrita eu tenho que pará, pensá... daí que eu escrevo, já com algumas vogais eu sei escrever, sei o correto né,

mas dai na hora de falar, as vezes sai algumas mais abertas. Do [r] eu sempre percebi a minha pronúncia, mas das vogais eu fui perceber quando fui pra faculdade que todo mundo notava e dizia que a minha fala era aberta (risos) (CaGI F).

Já o informante CaGI M afirma que percebeu essa diferença quando viajou para o Rio de Janeiro na “Jornada Mundial Jovem” para recepção do papa Francisco e foi confundido com um estrangeiro em um restaurante. Segundo ele, quando pediu para o garçom qual era o valor do almoço, teve um resposta em inglês porque o garçom achou que ele estava tendo dificuldade de falar em português e por isso tinha o sotaque carregado.

Pois olha, tem diferença sim, eu sempre percebia isso, mas esses tempos que fomo lá pro Rio de Janeiro na recepção do papa eu percebi que meu sotaque é mais carregado do que eu achava porque eu cheguei em um restaurante né, dai sentamo e ficamo lá e nada e nada de vim ninguém atendê, dai eu vi que tinha um movimento atrás de uma outra porta de vidro dai levantei e fui e perguntei né pro garçom quanto que era o almoço e o lugar que eles serviam, eu não sei se foi porque eu não prestei atenção que tinha placa mostrando onde serviam e o valor ou se ele não me entendeu, sei que ficô me olhando, pensô um poco e respondeu em inglês, dai eu falei inglês também com ele né, mas achei que ele era inglês, dai passou um outro garçom e ele falou em português dai eu perguntei né, porque ele tava falando inglês comigo, dai ele disse, pois achei que era gringo com esse sotaque aí, dai fiquei reparando mais e vejo que temo mesmo um sotaque diferente (CaGI M).

Da mesma forma, a informante CbGI F diz perceber a diferença de sotaque principalmente quando sai do município para a cidade vizinha de Laranjeiras que fica a vinte e cinco quilômetros de Virmond, pois, segundo ela, dentro da cidade o jeito de falar das pessoas já é comum, todo mundo já está acostumado com esse uso linguístico, por isso nem percebem.

Sim, bastante. É como eu falei né, a maioria é, sei lá, um jeito mais simples assim de falá talvez, nós também pronunciamos algumas palavras diferente né. Eu percebo mais que eu falo diferente quando eu vou fazer minhas consulta em Laranjeiras né que dai as pessoa comentam que a gente fala bem carregado, bem puxado né (CbGI F).

Os informantes CbGI M, CaGII M e CbGII F acreditam que possuem um sotaque diferente, mas se forem comparar com as cidades mais longínquas como São Paulo, Minas Gerais que têm dialetos diferentes, mas se comparados com as cidades mais próximas, o sotaque praticamente nem é percebido, porém, eles sabem que existe uma pequena diferença.

Esse fato, mais uma vez, contribui para que a pergunta que orienta este estudo seja respondida, pois se comprova que os descendentes de poloneses de Virmond se identificam como poloneses e se autodenominam bilíngues, mas na prática quase não utilizam a variedade polonesa e se reconhecem como poloneses a partir de fenômenos linguísticos presentes no português falado pelos mesmos.

Com isso, é possível concluir que na comunidade de Virmond o uso da língua polonesa se restringe aos mais velhos e a contextos familiares e religiosos. Porém, apesar desse pouco uso do polonês, alguns descendentes misturam ou misturavam um pouco do polonês com o português no seu uso linguístico. Além disso, seis informantes sabem e reconhecem que possuem um sotaque diferente das demais pessoas e atribuem a essa diferença uma identificação dos poloneses de Virmond.

É possível também concluir que os descendentes de poloneses de Virmond podem ser classificados como bilíngues mas são, em sua maioria, bilíngues passivos, pois a língua polonesa praticamente não é falada e os poucos que ainda dominam essa variedade são os descendentes mais velhos. O que se percebe também é que, diferentemente da informante CaGI F, os descendentes mais jovens compreendem razoavelmente a linguagem polonesa, mas praticamente não a falam.

Por esse motivo, os bilíngues de Virmond são bilíngues passivos, “modelo” de bilinguismo que é conceituado por Dàbene (1998) como o indivíduo que domina uma das línguas apenas no nível da compreensão, mas que não a utiliza em outras modalidades como a escrita, leitura e fala. Com isso, um bilíngue passivo é aquele que foi exposto à segunda língua de uma forma suficiente para compreendê-la, mas não para usá-la ativamente como é o caso da maioria dos descendentes de poloneses de Virmond.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS METALINGUÍSTICOS DE CANDÓI

Com a intenção de apresentar os dados que possibilitassem verificar como ocorre ou ocorreu o processo de formação identitária na comunidade étnica ucraniana de Candói, foi aplicado nesse município o mesmo questionário metalinguístico aplicado na cidade de Virmond que é composto por trinta e quatro questões, porém, foram selecionadas para análise as questões que melhor contribuem para que a pergunta que orienta essa pesquisa seja respondida, bem como para que os objetivos a que nos propusemos sejam alcançados.

Vale ressaltar que utilizou-se nesse município as mesmas técnicas de análise usadas para análise dos dados do município de Virmond. Por isso, as trinta e quatro questões metalinguísticas são divididas em duas partes que possibilitam verificar os fatores que identificam os descendentes de ucranianos e o grau de bilinguismo dos mesmos. Além disso, é analisada a importância do papel da língua na formação da identidade dos ucranianos de Candói bem como dos aspectos linguísticos e dos padrões identitários que relacionam a identidade da comunidade ucraniana com outros ícones da cultura do município.

4.2.1 Análise dos aspectos linguísticos

A respeito dos aspectos linguísticos da comunidade ucraniana de Candói, percebe-se a partir dessa entrevista, que todos os informantes dizem ter algum tipo de contato com a língua de imigração, o que ocorre muito no ambiente familiar e em contextos religiosos.

Por isso, todos eles afirmam que a língua que utilizam para conversar no dia a dia geralmente é o português, mas existem algumas situações nas quais eles utilizam o ucraniano como, por exemplo, quando chegam visitas da mesma etnia ou parentes que sabem falar a língua de imigração. Isso acontece com seis dos oito informantes de Candói, que dizem saber falar e compreendem bem o ucraniano.

Dentre os seis informantes estão um homem e uma mulher da GII pertencentes a Ca que afirmam utilizar o ucraniano nas suas interações sociais sempre que isso é possível e um homem da GI também da Ca que, apesar de evidenciar que utiliza pouco o ucraniano para conversar no cotidiano demonstra que é receptível à língua de imigração, ou seja, se uma pessoa estabelece uma comunicação com ele em ucraniano, ele compreende e ainda sabe responder nessa língua.

Essa receptividade pode ser notada quando o CaGI M diz: *“Olha, eu chegar em algum lugar e falar ucraniano é difícil, mas se alguém fala comigo e eu entendo, aí respondo em ucraniano também”*. Fica evidente nessa informação dada pelo CaGI M que o ucraniano não é uma língua que ele escolhe para usar, mas que ele, de acordo com Heye (2003) é um bilíngue situacional, ou seja, utiliza a língua de imigração somente em situações mais específicas e com algumas poucas pessoas.

O que se percebe também a partir das respostas dos informantes da Ca é que, nesse município, o fator escolaridade não interferiu tanto no seu uso linguístico e, mesmo que

tenham tido contato com o português e passado a usá-lo mais e em seu cotidiano, o ucraniano ainda permanece sendo usado, mesmo que em alguns poucos contextos, como é o caso do CaGI M.

Da mesma forma que na Ca, três informantes da Cb afirmam saber falar em ucraniano. Dentre eles, um homem e uma mulher da GII e uma mulher da GI. É possível afirmar, a partir desses dados, que o ucraniano de Candói ainda é utilizado pela maioria dos informantes da GII independente da classe social a que pertencem e que ainda há descendentes mais jovens utilizando essa língua mesmo que seja somente em situações específicas.

Além disso, nesse caso também não se pode afirmar que a língua ucraniana é mais utilizada pelas pessoas da Classe baixa por causa de sua pouca escolaridade e por causa do pouco contato com o português porque como pode-se notar, as respostas coincidem entre uma classe e outra, ou seja, três informantes da Ca sendo dois da GII e um da GI e três informantes da Cb, sendo, da mesma forma, dois da GII e um da GI. Entretanto, o que é possível afirmar a partir desses dados é que a língua ucraniana está se perdendo de geração em geração.

Essa evidência também é percebida pelos descendentes mais velhos e pode ser verificada no comentário da CbGII F que se preocupa com o “futuro” da etnia no município.

Sabe, eu fico triste só de pensar que daqui uns anos o ucraniano e o nosso povo praticamente né, vão ser esquecidos porque você veja bem, depois que nós mais velhos morrer, esses mais jovens vão deixar nossa tradição de lado até que se termine tudo (CbGII F).

Essa informante, assim como os demais da GII, demonstram essa preocupação de manter a língua ucraniana e os costumes desse povo, mas também possuem consciência que aos poucos essa língua e suas tradições estão sendo substituídas pelo português na cidade, além de reconhecerem que os mais jovens não se interessam tanto pela manutenção desse grupo étnico no município.

Porém, essa falta de interesse dos jovens que os descendentes da GII afirmam existir pode ser contestada através do comentário do informante CbGI M que afirma que se os pais tivessem insistido mais, talvez teria aprendido a falar bem o ucraniano.

Sabe que eu não aprendi falar bem ucraniano, falo umas pouca coisa só, mas acho que se o pai e a mãe tivessem insistido mais né, falado ca gente só em ucraniano na casa, eu tinha aprendido, como diz, a gente aprende na marra quando não tem outro jeito (CbGI M).

Com isso, é possível verificar que o uso da língua ucraniana não está diminuindo somente pelo desinteresse dos descendentes da GI, pois, por um lado os mais velhos afirmam que os jovens não se interessam de aprender a língua dos pais, mas por outro lado, os jovens acreditam que não aprenderam porque faltou um incentivo maior dos pais como pode-se notar na resposta do CbGI M.

Já em relação à escrita, cinco dos oito informantes dizem não ter aprendido essa modalidade o que denota que a língua de imigração no município de Candói não é mais utilizada em situações de aprendizado como, por exemplo, a escola, ficando assim restrita à fala e a compreensão. Dentre esses cinco informantes que não dominam a modalidade escrita da língua ucraniana, quatro são homens, ou seja, as mulheres se sobressaem quanto ao aprendizado da língua escrita.

Além disso, com base nesses dados, é possível afirmar que, nesse caso, não se trata de uma geração ter possuído mais contato com a língua de imigração enquanto a outra não, mas sim da diferença dos gêneros, pois as mulheres demonstram maior conhecimento da língua ucraniana escrita enquanto nenhum homem possui essa competência, ou seja, a idade e o grau de escolaridade não influenciaram nesse aprendizado.

Das três informantes do gênero feminino que afirmam possuir conhecimento da modalidade escrita, duas são da GII, uma da Ca e outra da Cb e uma é da GI. A CaGII F afirma saber escrever bem em ucraniano enquanto que as duas informantes da Cb, a CbGII F e CbGI F, dizem que possuem conhecimento da escrita ucraniana, mas que por usarem pouco, esqueceram algumas palavras, esses dados são apresentados no quadro número 7.

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Você sabe falar ucraniano?	S	S	S	N	S	S	N	S
Sabe ler em ucraniano?	S	S	S	N	S	S	N	S
Sabe escrever em ucraniano?	N	S	N	N	S	N	N	S

Quadro 7: Informantes de Candói que afirmam falar, ler e escrever em ucraniano.

Nesse caso, é possível perceber uma influência significativa do grau de escolaridade, pois a informante da Ca por ser professora e catequista de língua ucraniana utiliza essa modalidade com mais frequência, o que favorece o seu “maior” conhecimento da língua

escrita. Porém, mesmo assim, é possível afirmar que as duas informantes da Cb sabem escrever. Além disso, o que se nota a partir desses dados é que o fato de uma jovem da Cb saber falar e inclusive ler em ucraniano desfaz o que os informantes da GII afirmam acima sobre o desinteresse pela variedade.

Com isso, pode-se afirmar que, se por um lado os mais velhos dizem que os jovens são desinteressados, por outro lado, os mais velhos também possuem “culpa” por esse não aprendizado da GI, pois a informante CbGI F sabe falar, ler e escrever em ucraniano porque, segundo ela, no ambiente familiar o ucraniano era bastante usado e por ter tido esse contato com a língua de imigração desde pequena aprendeu a usá-la em todas as modalidades. Por esse motivo, pode-se afirmar que não se trata apenas do desinteresse dos jovens, mas da pouca exposição que tiveram à língua de imigração.

Já na leitura, seis informantes afirmam conseguir ler textos nessa língua, isso porque, segundo eles, nas celebrações religiosas, as orações e os cantos são todos escritos em ucraniano e para que acompanhem a missa, precisam saber ler. Essas respostas são expostas no quadro abaixo onde o “S” representa as respostas afirmativas e o “N”, as respostas negativas.

A partir do quadro 7, é possível notar que, nessa comunidade, o ucraniano ainda é utilizado em todas as modalidades, mesmo que na escrita sejam poucos os usuários. Também é possível perceber, a partir dos dados coletados, que nesse município a religião se torna um forte aspecto de manutenção linguística, pois a maioria dos informantes que afirmam saber ler e falar, demonstram que esse conhecimento só foi possível porque precisam ler os livros de cantos e os folhetins para poderem acompanhar as celebrações religiosas.

Ah! Na igreja, o que me derem pra ler, eu leio (CaGII M).

A gente sabe ler, entende muita coisa também por causa das nossa missa porque pra acompanhar o padre, responder tudo, tem que saber ler o folheto, os livro de canto também né e olha... quero te dizer que aqui por perto não tem ninguém que tenha um coral ucraniano tão bonito quanto o nosso, iiiii, tem muita gente convidando nós pra se apresentar (CaGII F).

Eu até que falo algumas coisas, mas ler já é mais arrastado (CaGI M).

Eu não sei muito não, só algumas coisinhas que a mãe e o pai falavam mais em casa, mas não dá pra dizer que sei (CaGI F).

Eu sei ler e falar um pouco também, só que eu leio mais quando eu vou nas missas, quando precisa cantar as novena né (CbGII M).

Eu sei cantar, sei rezar, eu me viro muito bem. (risos) (CbGII F)

Não sei muito bem, é mais na igreja mesmo que eu leio (CbGI M).

Mas olha, você já deve ter reparado né, o padre sempre chama eu pra fazer as leituras da biblia, o nosso coral né, a gente sabe cantar muito bem e precisa saber ler pra isso (CbGI F).

Além desses informantes que afirmam saber falar o ucraniano, também houve descendentes que disseram que não possuem essa competência linguística, porém, ao analisar as respostas dos mesmos, é possível identificar que os informantes CaGI F, CaGI M e CbGI M são os únicos que dizem não saber falar em ucraniano, porém, quando questionados sobre o porquê de não terem aprendido a falar, ambos respondem que não falam ucraniano a não ser quando é para rezar ou cantar e que quem sabe falar mesmo são os mais velhos.

A causa desse não falar pode estar relacionada ao fato de os informantes da GI não sentirem necessidade de aprender o ucraniano, o que pode ser notado no comentário do CaGI M: “*Na verdade, acho que se a gente tivesse necessidade, a gente aprendia a falar ucraniano, mas em nenhum lugar isso é exigido*”, ou pelo fato de os pais não terem repassado a variedade ucraniana a eles.

Como nota-se, todos os informantes são pertencentes a GI, o que pode contribuir para que acreditem e afirmem que quem sabe falar melhor o ucraniano são os mais velhos que usavam essa língua em contextos diferenciados e não apenas na igreja e em casa, como é o caso deles. Porém, mesmo sendo da mesma geração, dois informantes pertencem a Ca e um a Cb, o que mostra que o uso do ucraniano não está relacionado a uma questão de escolaridade.

Já na modalidade de leitura, apenas os informantes CaGI F e CbGI M negam ter essa capacidade, no entanto, a primeira informante da Classe Alta diz que quando era menor e ainda estudava no colégio das freiras, ela lia bem em ucraniano, mas nos dias atuais já não consegue mais ler, que já esqueceu. Já o informante CbGI M diz que nunca conseguiu ler e nem escrever em ucraniano porque em casa ninguém ensinava e seu tempo na escola foi curto, por isso não desenvolveu essas competências na língua de imigração.

Mais uma vez se nota que as opiniões dos jovens e dos mais velhos são bastante diferenciadas em relação ao aprendizado do ucraniano, pois os descendentes da GII dizem que os jovens não aprendem a falar o ucraniano porque são desinteressados e os jovens, como

pode-se verificar na resposta do CbGI M, dizem que não foram ensinados pelos pais.

Da mesma forma, nessa modalidade, os informantes que não sabem ler em ucraniano pertencem a GI, no entanto, se diferenciam não só no que diz respeito ao gênero como também no fator escolaridade. É possível inferir, a partir desse dado, que o aprendizado e a leitura do ucraniano podem não ser totalmente influenciados pela escolaridade.

Porém, fica evidente na resposta do CbGI M que ele acredita que o fato de não saber ler em ucraniano é uma consequência da sua falta de estudo e do fato de a variedade não ser repassada de pai para filho. Em relação ao não ensino da língua ucraniana pela escola, a resposta do CbGI M, se comparada com a resposta da CaGI F, é confirmada, pois ela afirma que quando estudou no colégio das freiras, aprendeu a ler, mas que esqueceu pela falta de uso.

Com isso, percebe-se na comunidade ucraniana de Candói que a língua de imigração ainda é utilizada, mesmo que em contextos mais específicos e que alguns descendentes utilizam essa variedade de uma forma mais técnica, mais decorada acreditando assim, que não sabem falar ucraniano. Esse pouco conhecimento e uso limitado de uma das línguas, ou seja a utilização da língua ucraniana que o bilíngue faz apenas em contextos especializados como a igreja e o ambiente familiar é classificado por Dàbene (1994) como um bilinguismo técnico, onde uma das línguas é utilizada de uma forma mais “mecânica”, por isso, até mesmo os descendentes acreditam que não se caracteriza como “saber falar”.

Quando questionados sobre o tipo de ucraniano que é falado na comunidade de Candói (questão 3 do questionário), todos os informantes dizem que não há uma classificação para essa língua, porém, acreditam que há diferenças entre o ucraniano que usam em Candói e o usado na Ucrânia, mas a maioria não soube explicar em quê consiste essa diferença, exceto as informantes CbGI F e CbGII F que afirmam que a diferença maior está no modo como as pessoas pronunciam algumas palavras que, segundo elas, muitas vezes está errada e isso acontece com as pessoas que usam muito o português para conversar. Outra hipótese para essa “pronúncia errada” pode ser o fato de nunca terem ouvido um ucraniano nato falando.

Esse reconhecimento da diferença entre a pronúncia das palavras ucranianas realizadas no município de Candói e a realizada na Ucrânia que é feito pelas descendentes da Cb se mostra um dado muito importante, uma vez que, diferentemente dos informantes da Ca, não possuem um grau de escolaridade elevado e mesmo assim percebem diferenças entre os modos de falar dos descendentes de Candói e dos ucranianos da Ucrânia.

Ah bastante, nas palavras porque nós falamos bastante ucraniano, mas

misturamos bastante com o português, lá já é o ucraniano puro, o da raiz né, por isso o jeito de falar é melhor (CbGI F).

Conforme uma pessoa que aprende falar bastante em brasileiro, daí algumas coisas daí pronunciam meio errado no ucraniano, quem tem... tipo que nem eu que já sei, a gente percebe essa diferença porque se fala bastante em brasileiro daí fala um poquinho errado no ucraniano mesmo, já na Ucrânia não tem o português pra atrapalhar né, daí acho que por isso tem diferença (CbGII F).

Essas informantes não só afirmam que há diferenças no ucraniano usado na comunidade de Candói como também atribuem essa diferença ao uso do português que, segundo elas, “atrapalha” a pronúncia correta do ucraniano porque muitas consoantes e vogais do ucraniano têm pronúncia e significado diferente no português e por este ser muito utilizado por alguns descendentes, acaba interferindo e fazendo com que muitas pessoas cometam equívocos ao falar a língua de imigração.

Assim, o que se percebe no município de Candói é que duas mulheres, mesmo que sendo de idades diferentes, identificam qual a diferença existente no ucraniano de Candói e no ucraniano usado na Ucrânia e que esse reconhecimento não é influenciado pela escolaridade, pois ambas pertencem a Cb, mas sim ao maior convívio com a língua de imigração. Apesar dessas informantes afirmarem que muitos descendentes usam “muito” o português, um dado bastante interessante é encontrado a partir da questão (6), pois cinco informantes afirmam que a língua que mais gostam para conversar é o ucraniano.

Dentre esses cinco informantes, quatro pertencem a GII, sendo um homem e uma mulher da Ca e um homem e uma mulher da Cb, ou seja, indiferentemente da classe social, os informantes que mais se identificam e que mais gostam de conversar na língua ucraniana são os descendentes mais velhos.

Se eu pudesse, eu falava sempre em ucraniano, é o jeito que eu mais gosto de conversar, mas nem sempre isso é possível né, então quando tem oportunidade de estar com alguém que fale a nossa língua, aí vira tudo ucraniano (risos)(CaGII F).

Eu falo o português e o ucraniano, mas a preferência mesmo é do ucraniano, a gente teve que acostumar com o português porque não tinha outro jeito né, não foi uma opção nossa (CaGII M).

Ah, toda vida o ucraniano né... (CbGII F).

O ucraniano né... foi a língua que aprendi primeiro, a que os pais falavam, então seria meio esquisito que eu preferisse outra né? Eu prefiro conversar em ucraniano mesmo (CbGII M).

Esses dados demonstram que o uso da língua ucraniana ainda é mantida pelos descendentes mais velhos e que o fato de eles gostarem de conversar mais na língua de imigração do que no português pode estar relacionado ao maior contato que tiveram com o ucraniano, pois são de uma época em que a língua era mais utilizada nos mais variados contextos.

Além disso, esse “gostar” mais de conversar em ucraniano tem uma estreita ligação com o aprendizado do ucraniano como primeira língua, a língua dos pais, a língua de casa que faz com que os descendentes se sintam mais a vontade quando estão falando a “sua língua” e não o português.

No entanto, a resposta da CbGI F chama a atenção, pois mesmo não pertencendo a GII, ela afirma que prefere conversar em ucraniano e sempre que tem oportunidade utiliza a língua de imigração para interagir porque percebe que a conversa fica mais interessante, que já tem mais assunto. Isso porque, mesmo sendo da geração mais nova, essa informante também teve o ucraniano como primeira língua, para somente depois, no contato com a escola aprender o português, o que estabelece uma relação de semelhança entre ela e os descendentes mais velhos.

Quanto ao português, essa informante demonstra que utiliza essa língua no dia a dia porque não tem outra alternativa, já que a maioria não fala o ucraniano, mas deixa clara a sua preferência afirmando, inclusive, que da mesma forma que os pais fizeram com ela, sua irmã também está ensinando seu filho a falar primeiro em ucraniano porque, segundo ela, essa língua ninguém ensinará na escola, diferentemente do português.

Olha, eu falo em português porque se você sai na rua tem que falar português né, mas se vê uma pessoa ucraniana já fica feliz, opa vou poder falar em ucraniano porque a gente, querendo ou não, sempre gosta mais do ucraniano né porque no ucraniano parece que o papo já vai nossa (risos), bem melhor (CbGI F).

Como pode-se notar a partir das respostas expostas acima e da citação da informante CbGI F, a maioria dos informantes afirmam que preferem conversar em ucraniano e sempre que têm oportunidade, usam o ucraniano nas suas interações sociais. Já os informantes CaGI F, CaGI M e CbGI M dizem preferir falar em português porque praticamente, na visão deles,

não sabem falar a língua ucraina, por isso, é possível afirmar que os informantes da GII são os que utilizam essa variedade em mais situações.

Entretanto, apesar de as respostas desses três informantes, todos da GI, denotarem uma preferência pelo uso do português nas conversas e mesmo afirmando não saberem falar a língua de imigração, foi possível verificar em vários momentos da entrevista que eles compreendem o ucraniano e que, diferente do que afirmam, sabem falar.

Isso porque quando questionados sobre o aprendizado do ucraniano, dizem não saber falar, mas, por outro lado, sabem rezar, cantar e compreendem as conversas dos outros descendentes e apesar de preferirem o português para conversar, também utilizam o ucraniano em algumas situações, o que, de acordo com Mackey (1972), os classifica como bilíngues.

Eu prefiro falar e conversar em português porque eu quase não sei falar ucraniano, quem sabe mais é a mãe e o pai e lá na baba eles falam bastante, mas eu já não, eu só sei cantar e rezar mesmo em ucraniano (CaGI F).

Olha... não é questão de gostar na verdade, é questão de saber. Eu quase nem lembro mais como falar em ucraniano, eu entendo... quando vem os parentes aqui em casa que ficam só falando ucraniano, eu entendo tudo, mas se fosse pra eu falar frases compridas igual eles, acho que já não sei mais nada... o que eu sei é rezar, sei cantar alguns cantos também, mas acho que isso não é o mesmo que dizer que eu sei falar bem (CaGI M).

Pois o que que eu vou te dizer... eu só sei falar português mesmo... ucraniano a gente, que nem eu né, só uso nas reza, nos colhade que é os cantos de final de ano né que nós saímos nas casas dos ucranianos cantar e semear o trigo, mas conversá, só em português. Alguma coisa a gente entende, mas poca (CbGI M).

Em relação a essas respostas, pode-se concluir que esses informantes, todos da GI, aprenderam a falar o ucraniano apenas em alguns contextos e situações mais específicas e por isso, acreditam que não é o mesmo que “saber falar”, porém, isso também pode ser visto como um estigma, pois não fazem questão de afirmar que falam em outras situações. Outra possível hipótese para essas respostas é o fato de que, por serem de uma geração mais nova, não tiveram contato com o ucraniano em situações que não fossem as religiosas e familiares, pois essa língua praticamente já não é utilizada nessa comunidade e esse uso se tornou mais limitado, no entanto, como eles mesmos afirmam, compreendem a língua ucraina.

É justamente por já não ser mais utilizada na maioria dos contextos e lugares da comunidade de Candói que todos os informantes afirmam que, no cotidiano, a língua que

mais usam para se comunicar é o português, o que, segundo eles, é inevitável, pois grande parte da população já não domina a língua de imigração e para se comunicar, principalmente com os “brasileiros”, expressão que usam para se referir às pessoas que não são da mesma etnia, precisam falar em português.

Por esse mesmo motivo, todos os descendentes de ucranianos entrevistados, quando questionados sobre a língua que preferem usar quando chega uma visita em casa, afirmam ser o português, pois são poucas as pessoas que sabem conversar em ucraniano. Entretanto, os informantes CaGII M, CaGII F, CbGII M, CbGII F e CbGI F frisam que, se essa visita for um ucraniano que também saiba falar a língua de imigração, com certeza toda a conversa que tiverem será na língua ucraniana, pois, como são poucas as oportunidades que eles têm para falar a “sua língua”, precisam aproveitar quando podem.

Mais uma vez, a GII demonstra ter uma afinidade maior com a língua ucraniana, pois, conforme já dito anteriormente, tiveram mais contato com essa língua, diferente dos mais jovens que só a utilizam em alguns contextos. Entretanto, mais uma vez a CbGI que é de uma geração mais nova, afirma seu gosto pelo ucraniano, o que pode ser explicado tanto pela sua pouca escolaridade, ou seja, não teve tanta influência do português na sua fala e pela sua língua primeira que faz com que ela se identifique mais com a língua de imigração.

Aproveitando essa questão, os informantes de Candói foram questionados sobre o que acham das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa (ver questão 9 em anexo). O que se nota é que o CaGII M, CaGII F, CbGII M e CbGII F, com exceção da CbGI F, são todos da GII, e demonstram inconformismo com a situação da comunidade ucraniana que está usando cada vez menos a língua de imigração.

Isso porque, de acordo com os quatro informantes da GII e da informante CbGI F, poderia ter mais incentivo ao aprendizado do ucraniano, inclusive aulas particulares porque ultimamente o único tipo de ensino na língua de imigração é a catequese, porém, acreditam que esse abandono da língua de imigração que vem ocorrendo por parte dos descendentes mais jovens se deve principalmente à falta de interesse não só dos jovens como também dos pais que deveriam incentivar mais o ensino e aprendizado do ucraniano.

Pois eu acredito que têm vergonha né, a maioria dos jovens de hoje acho que têm vergonha, por isso não se interessam de aprender, mas isso um pouco é culpa dos pais e da vergonha, porque se os pais demonstrassem que têm orgulho da sua língua, os filhos também iam ter, é que nem diz né, o

gosto tem que vim de casa (CaGII F).

Eu acho uma pena né? Nós aqui temos que cultivar nossa língua, nossa raça já digo, mas daí se a maioria é desinteressado e não sabe da importância que o ucraniano tem, fica mais difícil (CaGII M).

Pois olha, eu acho que eles assim, tipo assim vamos supor, não se interessam muito com os ucranianos eu acho, porque a maioria dos mais novos né já dizem: ah eu não entendo nada, não sei nada, mas também não tentam aprender, como que eu aprendi né? (CbGI F).

Acho que falta de alguém ensinar né, de se interessar, tinha que ter uma pessoa pra ensinar os mais novo, se pegasse esses jovens né e fizesse umas aulas, aprendiam muito (CbGII F).

Pois se resume em uma palavra o que eu acho, falta de vontade de aprender porque se quisessem, tem bastante gente disposto até a dar aula, basta querer (CbGII M).

Fica evidente que os descendentes de ucranianos mais velhos, indiferente do sexo e do grau de escolaridade, “culpam” os mais jovens pela diminuição do uso da língua ucraniana nos dias atuais, pois como pode-se verificar nas respostas, acreditam que a falta de interesse dos jovens pode ser um dos fatores que farão com que a língua de imigração e os costumes desse grupo étnico vão diminuindo no decorrer do tempo até que se perca. Porém, essa culpa também pode ser atribuída aos pais que também deixaram de repassar a língua minoritária aos filhos como pode-se notar anteriormente nas respostas do CbGI M.

Somente uma informante da GI concorda com o que dizem os descendentes de ucranianos da GII, inclusive usando o próprio aprendizado como um exemplo, pois, segundo ela, se ela aprendeu, os demais também têm a mesma capacidade, o que falta é interesse.

Já os três informantes da GI acreditam que esse “abandono” da língua ucraniana que está ocorrendo não é uma responsabilidade dos mais jovens e sim uma necessidade que a maioria dos mais velhos não compreendem, pois o ucraniano não é uma língua que todo mundo sabe e que é um pouco ultrapassado achar que é possível manter essa língua por mais tempo.

A resposta do CaGI é uma questão de política linguística, pois, ele acredita que se no Brasil a língua oficial é a língua portuguesa e todos falam o português, os descendentes de ucranianos também devem falar a língua da maioria, ou seja, o CaGI M acredita que seria perda de tempo falar o ucraniano.

Acho que a questão não é nem gostar do ucraniano porque acho que todos os descendentes gostam, a questão é a necessidade. Em uma faculdade, por exemplo, ninguém exige ucraniano, em outros lugares que vá, dificilmente vai ser um diferencial saber ucraniano. Claro que se for olhar pela questão mais cultural, é importante preservar a língua, até porque saber falar mais que uma língua também é importante, mas no nosso caso, se a gente sabe cantar e rezar já é suficiente porque a maioria do uso se restringe a igreja mesmo (CaGI M).

Assim como o informante CaGI M, a CaGI F e o CbGI M também concordam que o ucraniano não será usado por muito mais tempo, inclusive na igreja, pois afirmam que até mesmo o padre já percebeu que a maioria dos descendentes jovens não sabem a língua de imigração e também está tentando convencer os mais velhos que as missas devem ser realizadas metade na língua portuguesa e metade no ucraniano para que os mais jovens entendam, o que, segundo eles, tem sido motivo de brigas entre a comunidade ucraniana e o pároco. Tal tentativa do pároco de que as celebrações religiosas sejam mistas pode ser visto como o que Labov (1927) chama de “over prestige”, ou seja, ao invés de incentivar o uso da língua minoritária, os padres têm medo de perder fiéis e procuram se adequar a eles.

O posicionamento dos descendentes mais jovens também revela um pouco de seu processo identitário, pois diferente da GII, eles não se identificam tanto com o ucraniano a ponto de acreditar que, mesmo não sendo usado na maioria dos contextos, essa língua pode continuar sendo mantida. Essa atitude e posicionamento diante da língua, de acordo com Aguilera (2008), também revelam um pouco do posicionamento em relação aos próprios usuários, ou seja, podem, tanto identificar e tornar uma pessoa leal a seu grupo étnico como também podem causar uma espécie de aversão que são, em parte, responsáveis pela manutenção ou pela mudança linguística.

O que se percebe então é que a língua minoritária está deixando de ser marca de identidade dos descendentes de ucranianos, pois eles acabam se identificando por se sentirem como descendentes de tais e não exatamente pela língua.

No caso dos informantes da GI de Candói, é possível afirmar que não há uma aversão, pois eles ainda usam a língua ucraniana em alguns contextos e demonstram uma afinidade com o grupo étnico a que pertencem, porém, a partir de suas respostas, não se pode comprovar que eles se identificam tanto com esse grupo étnico a ponto de “lutar” pela manutenção da língua, o que os diferencia dos informantes da GII que resistem às mudanças propostas e não aceitam a substituição do ucraniano pela língua portuguesa.

Essa resistência da maioria dos descendentes mais velhos que “lutam” para manter

todos os costumes e a língua de imigração em uso na comunidade de Candói pode estar relacionada também no fato de que, como pode-se verificar na maioria das entrevistas dos descendentes da GII, eles também tiveram dificuldade para aprender o português e tiveram que aprender mesmo assim, então na concepção deles, os descendentes mais jovens também precisam fazer esse esforço e mesmo com dificuldades, aprender o ucraniano.

Essa dificuldade no aprendizado do português e no uso do mesmo na escola pode ser percebida novamente pelos informantes mais velhos desse município que contam como aprenderam a língua portuguesa e como tiveram dificuldade para falar essa língua na escola e em outros contextos sociais, como era exigido na época. Essa dificuldade parece ter sido mais “marcante” para as mulheres da GII, uma da Ca e outra da Cb que, a partir das respostas, demonstram essa situação.

Na escola eu aprendi, ainda não falava português até ir pra escola, só o ucraniano. Sabe que eu até, por parte dos professores, não tinha muita discriminação, única coisa que o professor ria porque eu falava e ele não entendia, só a partir do meio do ano que comecei aprender, mas tinha gente que dava risada pra fazer a gente passar vergonha mesmo, não se misturavam muito, excluíaam nós (CaGII F).

Aprendi português na escola e deu o que ver pra aprender o português porque quando fui estudar na escola em brasileiro, dai eu não conseguia falar brasileiro, antes, se eu contá pra você, você vai dar risada de mim, mas as prova nós fazia em brasileiro na escola e quando fosse pra fazer prova então a nossa professora de ucraniano falava: - vocês cuidem o que vão falar porque lá não pode falar nada em ucraino se vocês falar alguma coisa em ucraino vocês não vão passar e sabe, era uma prova o ano inteiro, imagine se vai lembrar tudo dai nós ia lá, a irmã que dava aula dava risada de nós e falava: - ai crianças não fiquem tão quietos e nós de medo de falar alguma coisa em ucraino nos nem falava nada, olha, nós sofria muito (CbGII F).

Essas respostas já demonstram como foi o uso do ucraniano nas escolas, concepção que não se diferencia por causa do grau de escolaridade, pois ambas as informantes continuam tendo a mesma visão sobre o aprendizado do português que como pode ser percebido, foi um aprendizado imposto, obrigatório.

Essa “obrigação” de aprender a língua portuguesa e cuidar para não falar a língua de imigração demonstra que nessa comunidade, a política do “Estado Novo” do governo Getúlio Vargas também teve forte influência para a substituição da língua ucraniana pela língua portuguesa, o que fica evidente quando a informante CbGII F afirma que era orientada pela

professora ucraniana que não deveria, em momento algum, falar em ucraniano na “escola brasileira” para que não fosse reprovada.

A informante CbGII F, ao afirmar que era orientada pela professora da mesma etnia a não falar a língua ucraniana demonstra mais uma vez o pânico dos pais que foi repassado aos filhos, provável motivo de os pais jovens não falarem mais a variedade ucraniana.

Esse fato também revela um pouco da visão que as pessoas que não eram descendentes de ucranianos tinham à respeito desse grupo étnico, visão essa que, de acordo com o que pode-se notar nas respostas das informantes da GII, uma da Ca e outra da Cb não era muito favorável. No entanto, nos dias atuais, essa visão mudou consideravelmente, pelo menos na percepção dos informantes que acreditam que existe muito respeito e admiração por parte dos habitantes de Candói, até mesmo os que não pertencem a essa etnia, pois participam de muitas celebrações típicas do povo ucraniano, como as missas, as festas, além de prestigiarem também a culinária ucraniana.

Esse prestígio que os descendentes de ucranianos acreditam que as pessoas “de fora” tem a respeito de sua etnia é mais percebido pelos informantes da Cb, pois apenas uma mulher da GII pertencente a Ca afirma notar essa visão favorável, ou seja, nesse caso, o grau de escolaridade dos informantes influencia na percepção que possuem sobre o olhar do “outro”.

No que dá pra perceber, todo mundo acha bonito né, nosso jeito de ser, nossa luta pra manter nossa origem. Você veja bem, quando nós começamos a se reunir para as missas né, nós rezava num porão e unidos, olha o que conseguimos hoje né, temos nossa igreja, nosso pavilhão, conseguimos conquistar o que nós queria, por isso, acho que as pessoas admiram o nosso povo (CaGII F).

Já no que diz respeito aos informantes pertencentes a Cb é possível perceber que todos acreditam que os “brasileiros” veem eles de uma forma favorável, atribuindo isso principalmente ao fato de eles participarem das suas celebrações religiosas e de suas festas, prestigiando assim sua cultura e culinária.

O que a gente vê é que a maioria acha que é bonito nosso jeito, nossas tradição né, se tiver quem não goste a gente não sabe porque nunca comentaram nada (CbGI M).

Acredito que seja uma visão boa porque como diz né, se a gente valorizar nossa origem, os de fora também valorizam, então acho que eles percebem que temos orgulho e acabam gostando também (CbGII M).

Eu acho que admiram nosso povo e depois, aqui todo mundo é amigo né, tem gente que participa com nós das nossas festas, das nossas missas que nem são ucranianos, pois sei lá, acho que eles gostam de nós (CbGII F).

Mas sei lá, tipo... eles não se interessam muito... assim, tipo pela nossa fala né, ninguém se importa com nosso jeito de falar, mas acho que eles veem nós de um jeito bom porque, como você mesmo viu né, tem brasileiro que participa de tudo que nós fazemos, não só os brasileiros, você também né, eu vejo você sempre na nossa igreja, nas nossas festas... você é o que? Alemã? Então você veja, hoje em dia, muita gente procura a nossa igreja pra batizar as crianças, pra crismar, pra casar também porque acham nosso jeito bunito né, quando tem nossas festas também, nossas jantãs, aqui no Candói quando fala em festa dos ucranianos, o povo já fica feliz porque sabe que é bom né, então... se for ver né, é uma visão boa que eles tem, acho que eles admiram nós (CbGI F).

Mais uma vez a religião e as tradições culturais são citadas como um dos principais vínculos não só entre os ucranianos, mas também desse grupo étnico com os demais do município e como pode-se notar a partir das respostas, a percepção que os descendentes de ucranianos de Candói, principalmente os da Cb, têm é que as pessoas “de fora” reconhecem o valor que esse grupo tem para a cidade e valorizam os esforços dessa etnia que busca preservar seus costumes e tradições.

Esse posicionamento dos informantes demonstra que nem sempre esse grupo étnico foi prestigiado, mas que foi conquistando espaço na comunidade candoiana principalmente no que diz respeito à sua culinária e celebrações religiosas. O que se percebe então é que mesmo sendo minoria, as relações que estabelecem com os demais habitantes do município também possibilitam uma posição de prestígio na cidade, mesmo que esse prestígio não esteja diretamente ligado à língua ucraniana, mas sim, a ícones culturais como a culinária e as celebrações religiosas, ou seja, os descendentes de ucranianos passaram a utilizar esses ícones como uma forma de ganhar um posicionamento mais favorável na comunidade, reivindicando um “reconhecimento” da importância de seus costumes e de sua origem étnica.

Essa “aquisição” de prestígio de um grupo minoritário vai ao encontro das considerações de Silva (2000), que afirma que os grupos sociais desprestigiados passam também a reivindicar uma representação na sociedade na qual estão inseridos a partir de uma espécie de consciência, por parte dos indivíduos, de que ele pertence a um grupo minoritário e mesmo assim, se identifica como tal e afirma sua identidade rompendo com a tentativa de apagamento das diferenças, pois se identifica a partir delas.

No caso do município de Candói essa identificação fica mais evidente ainda quando a

maioria dos informantes afirmam se sentirem mais ucranianos do que brasileiros porque mesmo tendo nascido no Brasil, a origem, de acordo com eles, é um fator muito importante e sempre será levada em consideração. Esse sentimento de pertencimento ao grupo étnico ucraniano pode ser notado a partir do quadro abaixo onde será usada a abreviação “MU” para as respostas “mais ucranianos” e “MB” para “mais brasileiros”.

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
Como se sente mais? Mais ucraniano ou mais brasileiro	MU	MU	MB	MB	MU	MU	MB	MU

Quadro 8: Sentimento de pertencimento a etnia dos descendentes de ucranianos de Candói – Mais Ucraniano (MU) ou Mais Brasileiro (MB).

Esse sentimento de pertencimento a etnia ucraniana é demonstrado pela maioria dos informantes que afirmam que se sentem mais ucranianos do que brasileiros. Nessa questão também fica evidente que a GII se identifica e se afirma mais como ucraniana do que a GI, indiferentemente do grau de escolaridade que possuem. Já na GI, apenas uma informante se considera mais ucraniana.

Um dado bastante interessante é que os cinco informantes que se sentem mais ucranianos dizem que esse sentimento existe por causa da importância que as raízes possuem para eles, por uma questão de origem e mesmo que nunca tenham ido para a Ucrânia exaltam esse povo e falam de suas riquezas e belezas, afirmando-se como pertencentes a essa etnia e, como pode ser percebido nas respostas da CaGII F, os descendentes também veem “seu povo” como alvo de outros países que, segundo ela, têm inveja da Ucrânia e do povo ucraniano.

Como eu me sinto? Ah, nem tem o que dizer né, eu me sinto mais ucraniana respeito porque sou nascida aqui, mas me sinto ucraniana, sei lá, tenho uma ambição de ir pra Ucrânia pra ficar perto dos meus mesmo – nos tava planejando ir, mas dai com essa guerra tá complicado que você sabe que a Ucrânia tá em guerra né, mas você viu essas guerras que eles brigam tanto pelo pedaço da Ucrânia, isso tudo é inveja porque lá tudo é lindo, se você for ver aqui não é nada, vai na Ucrânia você fica boba, o ucraniano tem uma cultura muito rica sabe. É o artesanato, o folclore, a nossa comida né dai eles querem prejudicar né. Muita gente já brigou por causa desse pedaço de terra, inclusive quando meu pai veio pro Brasil, que ele morava naquela região, mas nesse tempo, até então a Ucrânia ganhou, já brigavam por um pedaço de terra, eles querem prejudicar, eles querem acabar com a Ucrânia, com os ucranianos (CaGII F).

Fica evidente, nesse dado, que a informante nunca foi para a Ucrânia, porém, em alguns momentos de sua fala ela cita qualidades da Ucrânia como se conhecesse de perto esse país e sente saudades do que nunca viu, ou seja, se identifica com o que acha que é.

Além disso, ela vê os outros países como invejosos e atribui essa inveja à falta de riquezas que eles possuem diante da Ucrânia. Por outro lado, os três informantes da GI que dizem que se sentem mais brasileiros, afirmam isso com base no fato de que nasceram e cresceram no Brasil e mesmo sendo descendentes de ucranianos, nunca foram para a Ucrânia e que por isso, seria uma contradição se afirmarem como pertencentes a um povo e a um país com o qual nunca tiveram contato.

Essa resposta dos informantes da GI, ou seja, dos jovens, reflete uma certa consciência de pertencimento que os informantes da GII (velhos) não possuem, ou seja, os jovens sabem que são descendentes de ucranianos, mas acreditam que não é possível ser “mais ucraniano” do que brasileiro porque nunca foram para a Ucrânia e que nasceram e vivem no Brasil, por isso, se sentem mais brasileiros.

Com isso, verifica-se no município de Candói que os descendentes mais velhos preservam seus costumes linguísticos e culturais, mas que foram poucas as famílias que ensinaram os mais jovens e falar a língua de imigração, por isso, a GI já não possui a mesma identificação que a GII com o ucraniano e que a diminuição no uso da língua ucraniana pode estar diretamente ligada a essa falta de ensino de uma geração para a outra, o que contribui para que a língua e os costumes ucranianos vão diminuindo à medida que os anos passam e à medida que os descendentes mais velhos vão morrendo.

4.2.2 Identificação dos padrões identitários entre os informantes de Candói

Da mesma forma que foi realizado no município de Virmond, nesta seção foram levantados dados a partir de sete questões que contribuem para uma investigação sobre a identificação e os motivos que levam os descendentes de ucranianos a se identificarem e se afirmarem como ucranianos ou como diferentes dos demais habitantes da cidade. A partir desse levantamento de dados, os informantes foram questionados sobre o porquê dessas diferenças entre o grupo étnico ucraniano e as demais pessoas da comunidade, ou seja, quais são essas diferenças.

A esse respeito, é possível perceber que nessa comunidade ucraniana, a maioria dos

informantes afirmam que essas diferenças podem ser encontradas tanto nos costumes quanto no modo de ser, nas comidas típicas, na forma de falar e, principalmente, na religião e nas características físicas.

O que identifica o ucraniano típico daqui?	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
O jeito de falar	x	x		x	x			x
O modo de ser					x	x		x
Religiosidade	x	x	x	x	x	x	x	x
Os costumes	x		x	x		x		
Características físicas	x	x	x	x	x	x		x
Falar mais que uma língua	x	x			x	x		x
A comida	x	x				x		x

Quadro 9: Identificação dos ucranianos típico de Candói na visão dos informantes.

Como pode-se notar, os informantes afirmam que o ucraniano típico de Candói é identificado a partir do seu jeito de falar, do seu modo de ser, dos seus costumes, pelo fato de falar mais que uma língua e pela sua culinária. Já os informantes da Ca não atribuem ao modo de ser uma característica que diferencia o grupo de origem ucraniana dos demais. Entretanto, duas características, a religiosidade e as características físicas, são as mais citadas pelos informantes como sendo os principais diferenciadores do grupo étnico ucraniano com os demais da cidade, indiferentemente de sua idade ou classe social.

A religiosidade foi citada por todos os informantes que afirmam que é a religião que faz com que os ucranianos de Candói sejam diferentes dos demais e continuem preservando seus costumes linguísticos e tradições. Essa preservação, tanto linguística quanto cultural, ligada à religiosidade é analisada por Coseriu (1978) que afirma que existe uma estreita ligação entre a religião e a preservação dos costumes e da língua de um povo e essa manutenção linguística e cultural também está relacionada ao fato de essas comunidades serem religiosas.

Ainda com relação à importância que a igreja estabelece na comunidade ucraniana, Burko (1963, p. 45) também enfatiza que “uma das principais características do povo

ucraniano, além de algumas virtudes que condizem com suas tradições como, por exemplo, a lealdade, o amor à terra e ao trabalho, é a religiosidade”. Esse rito foi mantido pelos fieis em toda parte onde imigraram e foi conservado com todas as suas particularidades e mantêm-se vivo em cada um dos ritos litúrgicos celebrados.

Por esse motivo, a religião se torna um fator essencial para o povo ucraniano de Candói que encontra nessa característica uma fonte de evidência para sua cultura e para manter sua devoção fazendo com que sua língua, costumes e até mesmo a união entre os descendentes de ucranianos se perpetuem.

Além disso, com exceção do informante CbGI M, os entrevistados também afirmam que as características físicas dos ucranianos são muito diferentes das pessoas de outras etnias. O CbGI M, ao contrário dos demais, afirma que não existe nenhuma diferença física entre os ucranianos e “latinos” que é como se refere às pessoas que não são de origem ucraniana, porém acaba se contradizendo quando diz que não há diferença a não ser que a pessoa seja negra.

Mas não tem nada que ver as características físicas porque nem tem diferença entre olhar pra um de nós e um latino, só tem diferença se a pessoa for de cor mais escura né, senão não tem (CbGI M).

Já no que se refere à classificação dessas pessoas que não são de origem ucraniana, sete dos oito informantes dizem que chamam as pessoas de outra etnia de brasileiro exceto o CbGI M que, como já exposto acima, classifica essas pessoas como latinos. Além disso, a informante CbGII F ainda frisa que muita gente classifica quem não é ucraniano como “preto” mas, segundo ela, a cor não interfere na classificação da pessoa porque ela conhece descendentes de pele mais escura que falam muito bem o ucraniano.

Quando questionados sobre como é esse brasileiro ou, no caso do informante CbGI M, latino, uma informante, a CaGI F diz que esse brasileiro é parecido com os ucranianos, que não tem muita diferença porque, como os descendentes de Candói já se misturaram bastante com as outras raças, acaba ficando bem parecido. Os outros sete informantes evidenciam que, realmente a cor da pele, do cabelo e dos olhos são a forma mais usada para identificar esses “brasileiros”, o que foi exposto de uma forma bastante resumida pela informante CbGI F.

Da pra saber de longe que a pessoa não é um ucraniano, a gente já vê pelo olho, pela pele forte, nós já temos uma pele mais sensível, a nossa pele se ficar muito exposta no sol já se queima, já fica cheia de manchas, já o

moreno, a pele é mais firme, mais forte porque eles já, praticamente se criaram trabalhando no sol, nas roças né (CbGI F).

Também é possível perceber nesse município que três informantes dizem que, no que se refere ao modo de ser e às formas de agir, não existe diferenças muito grandes entre os descendentes de ucranianos e os brasileiros, que são poucos fatores de diferenciação entre um povo e outro como a igreja, por exemplo, mas que, segundo eles, não chega a ser uma diferença que chama atenção.

Já os outros cinco descendentes estabelecem diferenciações entre eles e os que não são da mesma origem étnica, encontrando “explicações” para os motivos que os levam a se sentir diferentes como, por exemplo, o comodismo do brasileiro, a religião que não é tão valorizada, a falta de companheirismo entre eles, a não valorização da língua que falam, dentre outras caracterizações.

Acho que o que diferencia eles de nós é o modo de ser mesmo e na religião né (CaGII M).

Principalmente na religião e nos costumes, eles não seguem muito nem uma coisa e nem outra né (CaGII F).

Eu acho que nós temos mais companheirismo entre nós, tipo, se um precisa, nós ajudamos do jeito que for (CbGII M).

Pois olha, eu acho que no jeito de ser deles né, não seguem uma tradição, alguns nem dão muita bola pra religião, não respeitam muito, nós já não, nós cuidamos dos nossos costumes (CbGI F)

Já a informante CbGII F é mais pontual e afirma que os brasileiros não são tão trabalhadores, que não aproveitam as oportunidades que têm como pode-se notar a seguir.

Nossa, eu vejo os brasileiros sabe e fico pensando porque que são assim porque você veja bem menina, não é só por causa de não valorizarem a língua, mas só pra te dar um exemplo do quanto a gente tem costume diferente. Quando eu e o meu marido viemos morar pra cá tudo isso era um mato só e além de nós veio outros ucraniano também e uma boa parte de brasileiro e olhe, não to me gabando, mas olhe o que nós ucraniano conseguimos, enquanto eu e meu marido compramos casa, abrimos açougue, fizemos roça, o teu sogro ali também você veja quanta coisa construiu e tem gente brasileiro que vieram no mesmo tempo, tiveram quase tudo igual nós tivemos as oportunidades né e hoje trabalha de empregado, então aí já vê essa diferença, nós não temos medo de trabalhar, enfrentamos tudo (CbGII F).

Essa caracterização do brasileiro e essa necessidade de demonstrar as diferenças existentes entre os descendentes de ucranianos e os demais habitantes da cidade está relacionada, como pode-se notar, a alguns traços específicos como o modo de ser e a língua que falam que, segundo a informante CbGII F, não é tão valorizada pelos seus falantes quanto a língua ucraniana é para os descendentes de Candói.

Ao estabelecer essa diferença entre o seu grupo étnico e os demais habitantes de Candói os informantes se afirmam como pertencentes, como membros de uma comunidade e fazem questão de ressaltar que seu povo possui costumes e traços específicos. Essa identificação com um grupo étnico vai ao encontro das considerações de Guy (2002, p. 18) que evidencia que a participação como “membro de uma comunidade de fala é definida por contraste, em função de traços específicos da comunidade, por isso, usá-los mostra que você é um membro e não usar mostra que você é um intruso”.

É por haver, na maioria dos informantes, esse sentimento de pertencimento ao grupo étnico ucraniano que eles buscam estabelecer uma relação entre seus costumes linguísticos e culturais com a manutenção de seu povo. Ainda a respeito das diferenciações entre o grupo étnico e os demais habitantes de Candói, os informantes foram questionados a respeito das diferenças entre o português falado em Candói e nas demais cidades da região.

Essa diferença no português falado em Candói é percebida por seis informantes que acreditam que existem algumas características na fala do descendente de ucraniano que não existem na fala dos demais habitantes de Candói. Essas características, segundo eles, estão ligadas à pronúncia carregada e a algumas vogais e consoantes que eles não conseguem pronunciar como se deve.

Os ucranianos tem um sotaque mais carregado eu acho até porque pra gente falar em ucraniano a gente tem que meio que falar cantado né, carregar mais a voz nas consoantes e vogais, dai acho que quando fala português já tem essa influência (CaGII F).

Já os informantes CbGII M e CbGII F acreditam que não existe diferença entre o português que os ucranianos falam e o português falado pelos demais habitantes do Candói. Porém, como pode-se notar, ambos os informantes pertencem a GII e são da Cb, o que pode ter estreita relação com essa percepção que possuem a respeito de seu uso linguístico, pois, por terem pouco acesso a escolaridade e mais convivência com o ucraniano, não percebem essas diferenças.

Ainda a respeito da língua portuguesa e das diferenças existentes entre a fala dos descendentes de ucranianos e dos brasileiros, a pesquisadora pergunta aos informantes quem fala melhor o português, se é o ucraniano ou se é o brasileiro. O que se percebe nessa resposta é que todos os informantes reconhecem que as pessoas que não são de origem ucraniana falam melhor o português. Entretanto, apesar de as respostas dos oito informantes coincidirem, duas informantes da GII, uma pertencente a Ca e outra a Cb, explicitam que falar bem o português é uma obrigação dos brasileiros e deixam subtendido que essa não é uma obrigação dos ucranianos porque eles já tem sua língua.

Quem fala melhor o português é o brasileiro né, nós ucraniano parece que a língua fica mais travada e depois acho que de tanto falar ucraniano a gente confunde algumas coisas porque que nem uma vogal no ucraniano significa uma coisa e já no português quer dizer outra coisa e já os brasileiro não tem essa dificuldade e nem poderia ter acho porque essa é a língua de origem deles (CbGII F).

Pois depende da situação né, mas acho que o português quem fala melhor mesmo são os brasileiros, nós já falamos melhor o ucraniano e depois é quase que uma obrigação eles falarem melhor né porque é a língua deles (CaGII F).

Ao contrário dessas duas informantes, os demais informantes acreditam que o brasileiro fala melhor o português, mas não citam nenhuma “explicação” para isso. Já a partir das respostas das duas informantes acima, é possível perceber que ao afirmarem que brasileiro fala melhor o português, elas também buscam uma justificativa para isso, ou seja, acreditam que o brasileiro possui obrigação de falar melhor o português, já que é a língua que usam para se comunicar em todos os lugares.

Com isso, em relação aos padrões que são formadores da identidade do grupo étnico ucraniano é possível afirmar que eles caracterizam um ucraniano típico de Candói principalmente a partir de suas características físicas e pela sua religiosidade, que classificam as pessoas que não pertencem a essa etnia como brasileiros ou latinos e que a maioria estabelece diferenciações entre o “eu” e o “outro” a partir de seus costumes e modos de ser, buscando uma forma de se afirmarem como ucranianos e negando uma semelhança com os brasileiros.

Porém, a maioria dos informantes também reconhecem que o português que falam é diferente da língua portuguesa das demais cidades da região e que eles possuem algumas características que podem ser percebidas na pronúncia que os “brasileiros” não tem, por isso,

também acreditam que o português falado melhor pelas pessoas que não pertencem a etnia ucraniana.

4.2.3 Papel da língua na constituição da identidade

Da mesma forma que foi realizado no município de Virmond, esse tópico da entrevista metalinguística é composto por seis questões que têm como principal intuito investigar e relatar a importância que a língua ucraniana possui para os descendentes de ucranianos de Candói e verificar até que ponto essa língua se caracteriza como um fator relevante para a formação da identidade desses indivíduos.

Essas questões direcionavam os informantes a falarem de sua língua de imigração em diferentes aspectos como, por exemplo, a relevância de ensinar a língua ucraniana para os filhos, se é importante que a escola tenha o ensino dessa língua na grade curricular e se os informantes percebem algum tipo de preconceito ou prestígio em relação a variedade ucraniana. Da mesma forma, também buscava-se a partir dessas perguntas estabelecer uma relação entre a língua de imigração do grupo étnico ucraniano com outros ícones da cultura.

Essa relação é importante, pois os ícones culturais como a religião, as festividades, a culinária dentre outros, juntamente com a língua são fatores que podem construir identidades. Com isso, essa análise é iniciada com a questão 25 (ver anexo) que tem como principal intuito verificar a importância que os informantes dão para a língua ucraniana e para a sua “transmissão” para os filhos e, a partir da pergunta 29, questiona-se os informantes sobre a importância do ensino de ucraniano na escola.

A partir dessas respostas foi possível perceber, principalmente nas respostas da GII e da Cb que o ucraniano ainda possui muita importância para os informantes e que mesmo esse uso linguístico tendo diminuído no decorrer dos anos e ser falado por poucos da geração mais nova ainda é visto como um fator importante para o grupo étnico ucraniano. A afirmação de que a GII e os informantes pertencentes a Cb são os que mais reconhecem a importância de manter a língua de imigração é possível porque, exceto os jovens da Ca, todos os outros informantes dizem que é muito importante que os filhos aprendam a língua dos pais e que para isso, a escola também deveria ensinar o ucraniano.

Os dois informantes da GII pertencentes a Ca demonstram que o aprendizado do ucraniano é importante, mas que no município, os jovens já não usam tanto o ucraniano. O

informante do sexo masculino diz que essa diminuição na fala do ucraniano se deve ao fato de que são poucos os pais que ensinam a língua de imigração para os filhos, já a informante do sexo feminino afirma que esse não aprendizado está relacionado a falta de interesse dos mais jovens e até mesmo da vergonha que eles têm de falar o ucraniano.

Eu acho muito importante que os filhos saibam falar o ucraniano porque essa é a língua nossa né e que pai que não fica feliz em ver que o filho também sabe falar a mesma língua né, mas aqui, infelizmente são poucos os pais que ensinam (CaGII M).

Muito importante, não tem nem o que discutir, seria muito bom que os filhos soubessem a língua dos pais só que aqui no Candói muitos jovens não se interessam de aprender e olha, quero dizer que não é por falta de ensinar porque eu vejo que tem muito jovem que o pai e a mãe ensinaram, mas eles não falam, acho que eles têm vergonha, eu não, eu nunca vou ter vergonha porque sei da importância da nossa língua (CaGII F).

Como pode-se notar a partir das respostas desses dois informantes, existe um sentimento de orgulho por parte deles em relação ao pertencimento ao grupo étnico ucraniano e ao conhecimento da língua de imigração, porém, eles reconhecem que a língua já não é mais falada pelos descendentes mais jovens ou porque a maioria dos pais não ensinam ou, na visão da informante CaGII F, porque os jovens não se mostram interessados e demonstram vergonha de falar o ucraniano.

O fato de os mais jovens da Ca não se mostrarem tão interessados em aprender a língua ucraniana pode estar relacionado ao seu grau de escolaridade e ao seu maior contato com outros grupos étnicos e com a língua portuguesa que é a língua oficial do país e a falada pela maioria das pessoas, por isso, pode haver um desejo de fazer parte do grupo majoritário. Já em relação ao fato citado pelo CaGII M de que a maioria dos pais não ensinam a sua língua de imigração para os filhos pode-se afirmar que essa “não transmissão” é uma decisão tomada a partir de atitudes mais negativas perante essa língua.

Essas atitudes negativas não se relacionam tanto ao sentimento dos próprios descendentes, mas às vivências deles, pois já foram estigmatizados por causa de sua língua e assim, para que os filhos não sofram essas estigmatizações decidem pela não transmissão do ucraniano. Essa atitude, de acordo com Grosjean (1982) é vista como uma vantagem social a fim de dissociar os mais jovens do estigma social vivido pelos pais.

Já os informantes da Cb, indiferente da faixa etária afirmam que os pais devem ensinar os filhos a falar a língua de imigração pois, no município de Candói, onde existe uma

quantidade significativa de ucranianos, isso se torna muito importante e até indispensável.

Ah, importante né, sempre é importante que os filhos aprendam a língua dos pais e repassem né, a língua pros filhos também pra nunca acabar e sempre ter o povo ucraniano (CbGII M).

Nossa, muito importante. Eu ensinei os filhos e por sorte o filho homem casou com uma ucraniana também e ela ensina minha neta. É tão bonito ver ela tão pequena e já falando ucraniano, a gente sabe que a língua pode continuar depois que a gente se for (CbGII F).

Claro, é muito importante, eu quero que a minha filha aprenda e aqui nós temos as irmãs ucranianas que dão aula né, daí eu quero que ela participe (CbGI M).

Muito importante né e aqui no Candói é quase necessário o ensino de ucraniano porque olhe quanta gente ucraniana tem aqui né, então acho que tem que preservar né (CbGI F).

O que se percebe nas respostas acima é que os informantes pertencentes a Cb manifestam mais esse desejo de transmitir a língua de imigração para os filhos e, ao contrário do que ocorre nas respostas da Ca, em nenhum momento esses informantes demonstram algum tipo de receio em ensinar os mais jovens a falar ucraniano. É possível então afirmar que os descendentes da Cb têm uma atitude bastante favorável em relação à língua de imigração e por isso, de acordo com Grosjean (1982), a aquisição, transmissão, o uso e a preferência pela língua minoritária está mais presente e pode ser visto como um aspecto identificador do grupo étnico de Candói.

Com relação aos jovens da Ca que afirmam que ensinar a língua ucraniana não é uma questão prioritária no município de Candói pode-se dizer que, apesar de não negarem seu pertencimento ao grupo étnico ucraniano, demonstram que não se sentem incentivados a passar a língua ucraniana para os filhos até porque nem mesmo eles sabem, de uma forma completa, falar essa língua. Além disso, nota-se nas respostas que, ao mesmo tempo que querem ser ucranianos, também desejam pertencer ao grupo majoritário.

Agora até nem sei o que dizer, o ucraniano é importante, mas acho que a maioria já nem sabe mais falar bem ucraniano e é uma língua que praticamente não é usada e dificilmente vai ser né, daí acho que também não adianta ensinar uma língua que a maioria não fala (CaGI M).

Não sei, acho que nos dias de hoje não é tão importante porque o português

é muito mais usado né, não que o ucraniano não seja importante, mas acho que se for ensinar, tem que ensinar sabendo que quase nem vai ser usada essa língua (CaGI F).

Esses dois informantes jovens da Ca deixam claro que acreditam na importância do ucraniano enquanto grupo étnico como uma forma de manter as tradições da etnia, mas que essa relevância não se aplica muito à língua ucraniana porque, segundo eles, praticamente não será usada em outros meios sociais. Esses dados vão ao encontro de Netlle e Romaine (2000) que afirmam que uma língua começa a ser trocada, substituída e até morta como uma resposta a pressões sociais, econômicas entre outras. Assim, pelo fato de esses informantes terem mais acesso a escolaridade e serem mais topodinâmicos reconhecem que a língua ucraniana aos poucos vai ser substituída pela língua mais usada pela sociedade, o português.

As respostas dos informantes foram bastante parecidas quando questionados sobre a importância de ensinar o ucraniano no âmbito escolar. O que se percebe é que todos acreditam ser importante esse ensino, principalmente os informantes da GII e da Cb que acreditam que a escola seria uma forte aliada da preservação da língua ucraniana no município de Candói.

Olha, muito importante, eu to tentando fazer voltar as aulas, olha, eu comecei dar... eu tinha quatorze alunos, pense como eles estavam aprendendo bunito, ixi, até os que não são ucranianos tavam sabendo, mas dai não tem um lugar certo, dai complica, que nem na igreja já não dá porque a catequese já é lá né, dai não dá. Mas olha, o ucraniano é mais fácil de aprender e ensinar que o português porque nós não precisamos emprestar letras que nem no português que tem uma vogal pra um monte de pronúncia, nós temos uma letra pra cada pronúncia, tanto que o alfabeto ucraniano tem trinta e três letras, dai não tem acentuação e o português só agora que tem vinte e seis letras, mas são letras do nosso alfabeto, o “w”, o “k” e o “y” são ucraniano (CaGII F).

Essa informante não só demonstra, assim como os demais, a importância do ensino do ucraniano na escola como também afirma que os jovens tem facilidade para aprender porque, diferentemente do português, o alfabeto ucraniano é mais completo. Assim, nota-se que ela também classifica a língua ucraniana como mais fácil e como melhor diante do português. Em contrapartida, novamente os dois informantes jovens da Ca, apesar de afirmarem que é importante que a escola ensine o ucraniano, fazem ressalvas.

Eu acho importante a escola ensinar, mas é como eu já disse, essa língua quase não é e não vai ser usada né, mas saber falar mais que uma língua sempre é importante (CaGI M).

Ah, é que nem eu te falei né, quase não se usa mais o ucraniano, mas mesmo assim, acho que é importante a escolar ensinar pra que as pessoas tenham contato com outra língua né (CaGI F).

Essa percepção de que o ucraniano não é e não será mais tão utilizado pela maioria das pessoas pode estar diretamente ligada ao contato que esses informantes da Ca possuem com a sociedade majoritária e por isso, de acordo com Oliveira (2005), têm consciência de que as línguas minoritárias e minorizadas no Brasil, por não serem reconhecidas como oficiais, geram uma atitude mais negativa da sociedade para com as línguas minoritárias, julgando assim, o ensino do ucraniano nas escolas importante, mas apenas para que as pessoas tenham conhecimento de mais de uma língua e não por conta de sua manutenção.

Ainda com relação ao papel da língua na constituição da identidade do povo ucraniano de Candói, os informantes foram questionados sobre o que acham a respeito de muitos jovens que já não sabem mais falar a língua dos pais. O que se nota a partir das respostas é que sete informantes lamentam essa perda que vem acontecendo de geração em geração.

Os informantes da Ca dizem que essa realidade está cada vez mais presente no município, pois o ucraniano já não é visto pelos mais jovens com a mesma importância que os pais e os mais velhos veem porque a convivência com essa língua já não é frequente e se restringe a algumas situações e que, por isso, não é mais tão valorizada.

Eu acredito que é um desperdício né, a nossa língua tá se perdendo porque os mais novo não aprenderam só que também não dá pra culpar muito eles porque hoje em dia o ucraniano não é tão usado como era antes, acho que um pouco é por isso porque quem não usa, não lembra né (CaGII M).

Pois eu acho uma pena sabe ainda mais que aqui na nossa comunidade tem tudo pra aprender né, mas acho que falta interesse, eles tem vergonha sei lá porque, mas fazer o que né, a gente fica triste né, mas se eles não falam não dá pra fazer nada (CaGII F).

Ah, é uma pena porque acho que as gerações passadas né, nossos avós, os pais vão sentir que a língua deles foi desvalorizada, mas também a gente não tem como aprender muito, pois quase não é usado, em todo lugar que a gente vai a maioria fala só português né (CaGI F).

O informante CaGI M é o único que não lamenta tanto a perda da língua ucraniana porque, segundo ele, é quase impossível acreditar que as gerações mais novas vão manter a língua dos pais sendo que praticamente não se usa mais e que, apesar de haver essa luta dos mais velhos para manter esse uso linguístico, aos poucos ele vai acabar e dar lugar ao

português, porém, o informante frisa que isso não significa que o grupo étnico vai se acabar, pois sempre haverá pessoas dessa origem que vão prezar e manter a cultura desse povo.

Essa afirmação do informante evidencia que ele não atribui à língua a principal característica que “classifica” um grupo étnico, mas sim aos costumes e os traços culturais do povo ucraniano o que, de acordo com Santos (2012, p. 19), é uma das formas mais fáceis de identificar um grupo étnico, especialmente para divergir um grupo do outro.

Ainda falando sobre o fato de os jovens não falarem mais a língua dos pais é possível perceber que os informantes da Cb se mostram menos receptivos a essa mudança e até mesmo os informantes jovens se mostram contrários ao apagamento do ucraniano e afirmam que os jovens deveriam se interessar mais pela língua dos pais, ouvir as pessoas mais velhas e buscar usar mais essa língua porque, segundo eles, é usando o ucraniano que poderá ser repassado de uma geração para a outra.

Mas eu só tenho uma coisa pra te dizer menina, eu acho que é preguiça, preguiça de falar ucraniano porque acho que todo pai que tem essa origem, pelo menos os que eu conheço, ensinaram, mas esses jovens de hoje em dia não querem nada com nada (CbGII M).

Eu fico, bem na verdade, indignada sabe, eu acredito que os pais ensinam o ucraniano pros filhos, mas eles não se interessam de falar, parece que não entendem que é a nossa origem, a nossa língua e que temos que cuidar pra não morrer e ainda perder tudo que conquistemo aqui (CbGII F).

Pus eu acho ruim né, que nem eu, eu sei poca coisa, mas acho que é falta de escutar o pai e a mãe, os avó que falavam também, só que hoje eu vejo que é importante, eu quero que a minha filha aprenda, a mãe tá ensinando pra ela e eu vou colocar ela no colégio das irmã pra ela aprender bem (CbGI M).

Eu acho triste porque você veja bem, se nós jovens não se interessar por falar, daqui a pouco, quando os mais velho morrerem, o ucraniano vai se acabar (CbGI F).

A partir desses dados, pode-se afirmar que a maioria dos informantes de Candói demonstram insatisfação diante do fato de que a língua ucraniana está se perdendo de geração em geração e, até mesmo os jovens atribuem essa “perda” linguística a falta de interesse da sua própria geração e, no caso do informante CbGI M, é possível notar que ele busca na filha uma “saída” para justificar a própria realidade, ou seja, não ter aprendido a língua dos pais. Além disso, esses informantes, apesar usarem o ucraniano em situações mais específicas demonstram que possuem vontade de que essa língua seja passada para as gerações mais

novas e continue sendo usada no município de Candói.

Assim, tendo como ponto de partida as questões 27 e 28, a pesquisadora perguntou para os informantes se existem ou já existiram algumas situações em que eles tiveram vergonha de falar ucraniano e, da mesma forma, se já tiveram situações em que se sentissem bem por serem descendentes de ucranianos e se já tiveram orgulho de usar a língua de imigração. O que se percebe a partir dessas respostas é que todos os informantes negam já ter sentido vergonha de falar o ucraniano, mas dois, o informante CbGI M e a informante CbGI F, fazem ressalvas quanto a esse uso linguístico.

Ah, eu falo poca coisa né, mas mesmo assim, nunca tive vergonha e nem tem motivo né (CbGI M).

Olha, não é que eu tive vergonha porque isso vai ser difícil de acontecer, mas teve uma vez que eu falei ucraniano perto de uns brasileiros e eles deram risada e eu me senti, na verdade com raiva, porque eles maliciaram o que eu falei, porque que nem pra nós, a palavra água quando nós pronunciamos em ucraniano fica tipo vodá né, dai eu disse que eu queria vodá, deram risada, mas veja, nem sabiam o que tava falando, dai só nessa situação, mas não que tive vergonha (CbGI F).

O informante CbGI M afirma que mesmo falando pouca coisa em ucraniano, não sentiu/sente vergonha de falar porque não tem motivos para isso. Já a informante CbGI F, apesar de demonstrar que já ficou constrangida falando a língua ucraniana, faz questão de frisar que não sentiu vergonha, mas sim raiva porque os brasileiros nem sabem o que significa e ainda assim, dão risada. Nesse sentido, é possível afirmar que no município de Candói todos os descendentes, até mesmo os da GI, de alguma forma, sentem orgulho de sua origem e de sua língua, mesmo que no caso dos informantes mais jovens, esse uso seja bastante restrito.

Da mesma forma, na pergunta seguinte, a maioria dos informantes diz se sentir bem por ser de origem ucraniana porque podem manter as tradições das gerações mais velhas e preservar a união do grupo étnico ucraniano. Quando questionados se já houve alguma situação específica que sentiram orgulho de sua origem, três, o CaGI M, CaGI F e CbGI M, dizem que não lembram, mas que percebem que no dia a dia são bastante respeitados pela comunidade que reconhece que eles são um grupo grande e que preservam suas tradições e que até, segundo o CaGI M, movimentam a economia do município através de suas festas típicas.

Os demais informantes citam algumas situações que fazem com que eles se sintam

orgulhosos de sua origem, dentre elas, as festas típicas onde a culinária ucraniana é bastante valorizada, as celebrações religiosas, o aprendizado da língua ucraniana e, principalmente, o coral ucraniano.

Acho que a hora que sentimos que todo mundo acha bunito e valoriza mesmo é quando todo mundo quer que nós vá cantá nas festas ucranianas, teve uma vez que três lugar chamaram no mesmo dia (CaGII M).

Eu acho que todo dia a gente se sente bem né, mas teve uma vez que fiquei muito orgulhosa que eu fui convidada para fazer uma faculdade lá na Ucrânia, que todo ano eles dão dez vagas pro Paraná e a única exigência é saber falar bem então mandaram um convite especial pra mim, mas pra gente, que tipo eu assim, primeiro porque eu tinha a mãe idosa que dependia de mim e segundo porque daí já tem que levar o marido porque somos só nós dois, daí dificultou, mas eu senti muito orgulho (CaGII F).

Mas todo dia acho que tem situação que a gente se sente bem, mas quando tem missa e nós cantamo no coral parece que é melhor porque daí todo mundo elogia, até o padre disse que aqui no Candói tem o coral ucraniano mais bunito que ele já viu (CbGII M).

A gente sente bastante orgulho quando todo mundo vem pedir como nós fazemo nossas comida, iii, todo mundo adora, até os que não são ucraniano, tipo eu às vezes tenho que fazer pra vender de tanto que pedem (CbGII F).

Olha, eu me sinto orgulhosa toda hora, mas quando fazemos nossas festas, ah, você vê né sempre, é a melhor festa que tem no município, todo mundo participa e gosta (CbGI F).

Como pode-se notar, a única informante que cita o aprendizado da língua ucraniana como um motivo de orgulho é a CaGII F que conta sua oportunidade de aperfeiçoar seu conhecimento na Ucrânia, já os demais atribuem esse orgulho a atividades culturais realizadas pelo grupo étnico ucraniano. Por esse motivo, pode-se afirmar que os descendentes de ucranianos de Candói possuem como forte traço identificador as características culturais que, como se verifica, tem sido primordiais no processo de identificação do grupo ucraniano.

A esse respeito, Damke (1998), afirma que a construção da identidade não é algo pronto e acabado e que não resultam da própria pessoa, mas são construídas e modificadas constantemente por fatores étnicos, religiosos, políticos, culturais e sociais. Nesse sentido, a respeito do grupo étnico ucraniano de Candói é possível inferir que os informantes da Cb e GII são os que mais demonstram e acreditam na importância do ensino de ucraniano tanto pela escola quanto pelos pais e que a maioria atribui ao desinteresse dos mais jovens, a

diminuição do uso do ucraniano no dia a dia da comunidade étnica.

Além disso, pode-se afirmar que todos os informantes, mesmo não dominando o ucraniano em todas as competências se sentem bem por serem descendentes de ucranianos e não sentem vergonha de sua origem demonstrando esse orgulho, principalmente através do reconhecimento da importância das realizações religiosas e culturais do grupo, sendo que apenas uma informante da Ca demonstrou sentir mais orgulho por saber a língua ucraniana, assim, o papel da língua acaba ficando em um segundo plano na constituição da identidade desse povo.

4.2.4 Grau de Bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

Tendo como principal intuito verificar o grau de bilinguismo dos descendentes de ucranianos do município de Candói e investigar as formas com que esses descendentes reconhecem sua identidade a partir da afirmação de que são bilíngues. Para que isso seja possível, as questões 31 e 32 (ver anexo) tiveram como objetivo fazer com que os informantes relatem em que ocasiões e situações falam o ucraniano, ou seja, se esse uso também é realizado nos comércios e em situações que não sejam restritas à família e a religião.

Além disso, a partir das perguntas 33 e 34 pôde-se investigar se os descendentes, quando falam português, se misturam a língua ucraniana na sua fala e os motivos pelos quais essa “interferência” acontece e se eles percebem alguma diferença no seu sotaque ou modo de falar em relação às demais pessoas do município.

O que se nota a partir dos dados é que, cinco dos informantes afirmam que as ocasiões em que usam a língua ucraniana se restringe às celebrações religiosas, encontros e situações familiares, porém os informantes CaGII F, CaGII M e CbGI F relatam que, mesmo que poucas pessoas saibam, o dono de um supermercado da cidade e os donos do açougue, cuja esposa é uma das informantes também falam muito bem o ucraniano e que, quando vão até esses estabelecimentos, ainda conversam e compram na língua ucraniana

Tem ocasião que a gente fala ucraniano fora da igreja sim, eu quando vou no Ivatiuk e o Zé que é o dono do mercado tá, eu peço tudo que vou comprar em ucraniano (CaGII M).

Sim sim, eu ainda falo de vez em quando ucraniano no mercado do Zé e no

açougue do Bodan porque eles também são ucraniano né, daí a gente aproveita (CaGII F).

Ah, às vezes, quando eu vou com tempo no mercado do Zé, eu peço as coisas em ucraniano, mas isso quando ele e a mulher dele tão porque com os funcionários já não dá (CbGI F).

O que se percebe no município de Candói é que o ucraniano ainda é utilizado, mesmo que em poucas ocasiões, em lugares que não são restritos à igreja e à família, ou seja, os descendentes tentam aproveitar, como fica explícito na resposta da CaGII F, os lugares onde possam “exercitar” sua língua de imigração.

Além disso, por ainda existir o uso do ucraniano, mesmo que grande parte dos descendentes só utilizem a língua ucraniana em situações mais específicas, que ainda é possível verificar que alguns informantes sofrem influência do ucraniano quando estão falando português, porém, essa influência é mais percebida pelos informantes da GII, pois todos dizem que, em algum momento, já misturaram a língua ucraniana com o português.

Ixi, isso sempre acontece, quando a gente vai cumprimentar alguém ou quando tá conversando mesmo, não importa com quem, sai um ucraniano pro meio (CaGII M).

Mas eu sou uma que sempre misturo, quando menos percebo eu disse alguma coisa em ucraniano, principalmente quando a gente fica admirado com alguma coisa, sempre sai um мБтЄ БöJБ (Minha nossa senhora) (CaGII F).

Ah, mistura um pouco né, a gente tá acostumado já com o português, mas às vezes sem se dar conta, fala uma palavrinha ou outra em ucraniano também (CbGII M).

Mas eu sempre misturo, inclusive quando vou ler alguma coisa em português eu pronuncio a letra como fosse ucraniano, até tenho dificuldade pra ler e na fala também às vezes sai alguma coisa ucraniana, não tem como, a gente até acostuma (CbGII F).

Assim, pode-se afirmar que os informantes da GII, por terem maior contato com o ucraniano desde pequenos, são os que mais sofrem a influência da língua de imigração quando falam o português, porém, da mesma forma, teve uma informante da GI que também diz misturar um pouco de cada língua quando conversa e isso acontece, segundo ela, sem que ela perceba e que, muitas vezes já tentou se monitorar para não falar.

Vixi, pior que eu misturo sempre, sabe que às vezes eu penso comigo, eu não vou falar ucraniano, mas olha, nem percebo e já to falando um ucraniano junto com o português (CbGI F).

É possível afirmar que essa influência do ucraniano no português falado pelos informantes de Candói é percebida por eles, mas que acontece de maneira natural, pois já estão habituados com esse uso linguístico. Também nota-se que as palavras ucranianas mais usadas quando esses descendentes estão falando português são as de cumprimento, de espanto e, no caso da informante CbGII F quando está lendo alguma coisa na língua portuguesa, seu conhecimento do ucraniano também “interfere”.

Ainda a respeito dessa interferência, os informantes de Candói foram questionados sobre as diferenças entre o sotaque deles e dos demais habitantes que não pertencem a esse grupo étnico, ou seja, se eles percebem essa diferença e se atribuem isso ao seu conhecimento e uso do ucraniano. Nota-se que os informantes da Ca percebem essa diferença no sotaque dos descendentes de ucranianos em relação as outras pessoas, o que não ocorre com os informantes da Cb.

Ah, dá diferença né, os ucranianos tem um falar mais puxado, mais arrastado, acho que é isso, mas tem diferença (CaGII M).

Não é muita, mas tem diferença sim, os ucranianos tem uma fala mais aberta né, o que acontece um pouco por causa do falar ucraniano mesmo né, a pronúncia das palavras é diferente mesmo, dai quando falam português, isso acontece (CaGII F).

Vixi, acho que tem bastante, os ucranianos parece que a língua é travada de vez em quando, tem algumas palavras que eles falam aberta quando é fechada e as consoantes parece que falam mais forte (CaGI M).

Dá diferença, não sei te explicar direito em que, mas sei lá, é bem diferente dos outros (CaGI F).

A resposta do CaGI M comprova que os descendentes ucranianos possuem características em sua fala que os diferencia dos demais, além disso, os informantes da Ca também percebem que o “falar” do ucraniano é mais arrastado em comparação com o uso linguístico das outras pessoas.

Já os quatro informantes da Cb não reconhecem e não notam essa diferença no seu sotaque, porém, uma informante diz que às vezes ela nota um pouco de diferença, mas que é só prestando muita atenção para perceber porque quase não é possível identificar.

As vezes, quando eu converso com outra pessoa de fora, daí eu até vejo que tem um pouquinho de diferença, mas é que, que nem nós aqui de Candói falamos quase todo mundo igual e os de fora já falam diferente né, é normal, cada região fala de um jeito (CbGI F).

O que se percebe é que essa informante, em relação aos habitantes de Candói, não nota diferença no sotaque e que só vê diferença quando conversa com alguém de fora do município. Isso pode estar relacionado a sua convivência nessa comunidade. Além disso, o fato de os informantes da Cb não notarem tanto as diferenças de seu sotaque pode estar ligado a sua pouca escolaridade e por serem topostáticos pois, não tiveram tanto contato com o ensino de português e nem mesmo costumam sair muito ou viajar, assim, também reduzem sua rede de relações às pessoas do município de Candói.

Com isso, pode-se concluir que cinco informantes de Candói dizem que falam ucraniano mais em situações religiosas e familiares enquanto três afirmam que ainda usam a língua de imigração em alguns comércios onde os donos também são da mesma origem. Além disso, os informantes da GII são os que mais misturam a língua ucraniana no uso do português e quem percebe mais a diferença no sotaque dos descendentes de ucranianos são os informantes da Ca.

Por isso, é possível classificar os descendentes de Candói como bilíngues, mas de acordo com Heye (2003), são bilíngues situacionais, pois utilizam mais o ucraniano em situações ligadas a contextos familiares e religiosos.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS DE CANTAGALO

Neste capítulo são apresentados os dados referentes ao município de Cantagalo cujos informantes são luso-brasileiros. Esse grupo de controle foi composto por quatro informantes sendo dois da Ca e dois da Cb. Ainda são divididos de acordo com a geração e sexo. Assim, na Ca foram selecionados um homem da GII e uma mulher da GI, da mesma forma na Cb, foram selecionados um homem da GII e uma mulher da GI.

Esse município possui aproximadamente treze mil habitantes e uma população formada basicamente por luso-brasileiros, funcionando também como uma espécie de divisor entre o município de Virmond e Candói.

4.3.1 Análise dos dados metalinguísticos de Cantagalo

Com o objetivo de verificar a visão que as pessoas “de fora” possuem a respeito das duas comunidades analisadas, ou seja, Candói e Virmond, os quatro informantes de Cantagalo que constituem o grupo de controle dessa pesquisa foram questionados sobre o conhecimento que os mesmos têm sobre a língua falada em Candói e Virmond e sobre a constituição identitária dessas duas comunidades bilíngues.

Vale ressaltar que todos esses informantes, depois de questionados, afirmam que no dia a dia a única língua que usam para se comunicar é o português, pois é a única língua que sabem falar. As perguntas feitas para esses informantes se diferenciam um pouco das realizadas para os descendentes de ucranianos e poloneses (ver anexo) e vão mais na direção da percepção que eles tem a respeito dos habitantes de Virmond e Candói.

Tendo em vista uma melhor compreensão dos dados apresentados, serão expostas primeiramente as respostas do grupo de controle a respeito dos descendentes de poloneses de Virmond e em seguida, dos descendentes de ucranianos do município de Candói.

Assim, ao analisar os dados, o que se percebe é que os quatro informantes luso-brasileiros sabem que o município de Virmond é constituído, em sua maioria por descendentes de poloneses e identificam essas pessoas como polacos e um desses quatro informantes, o CaGII M, ainda se refere a esse povo como os “polacos da Warsóvia”. Quando questionados sobre a identificação do polonês, ou seja, o que mais identifica que uma pessoa é polonesa, três informantes afirmam que é o jeito de falar e um acredita que o polonês é reconhecido pelas suas características físicas.

Dá pra ver que é um polaco do Virmond quando a gente conversa, assim de longe quase nem dá pra perceber, mas é só conversar que já sabe de onde veio (risos) (CaGII M).

Ah, o povo do Virmond é só conversar um pouco que a gente já imagina de onde são, eles tem um jeitão de falar diferente (CaGI F).

A gente identifica bastante os poloneses de Virmond pelo falar deles né, eles falam mais arrastado um pouco, tem umas palavras que falam diferente também (CbGII M).

Como nota-se nas respostas, três informantes identificam um descendente de polonês

de Virmond pelo modo de falar, pois acreditam que é diferente em relação a pronúncia. Já o CbGI F afirma que identifica um polonês pela cor do cabelo e da pele que, segundo ele, geralmente são claros e no caso da pele, quando não é branca é mais avermelhada por causa do contato com o sol.

Pois, deixa eu pensá, acho que eles são diferente porque a maioria dos polaco tem o cabelo bem branco né e a pele também, quando não é branca é vermelha porque branco quando fica muito no sol, fica vermelho ao invés de preto que nem nós (risos) (CbGI F).

A partir dessas respostas é possível perceber que a língua falada pelos descendentes de poloneses é o que mais os identifica fora da comunidade étnica e que apenas um atribui a cor da pele e do cabelo a identificação desse povo. Porém, um dado bastante interessante se mostra na resposta da CbGII F que foi a única informante que se referiu a esses descendentes como poloneses enquanto os demais se referem a eles como “polacos”.

Essa expressão, conforme frisa a informante CaGII F de Virmond, é bastante depreciativa na visão dos descendentes de poloneses e por isso, a pesquisadora aproveita para perguntar aos cantagalenses se eles possuem uma visão boa ou ruim do grupo étnico polonês de Virmond e se chamam de “polacos” como uma forma de demonstrar que não gostam dessas pessoas e por isso, utilizam uma expressão depreciativa para deixar claro essa posição.

Os quatro informantes dizem que não acham que essa expressão seja depreciativa e que a maioria das pessoas das cidades próximas só se referem ao povo de Virmond como polacos e à cidade em si como Warsóvia mesmo, mas não de uma forma negativa, pois chamam assim porque já estão acostumados e acreditam que até os próprios descendentes se reconhecem dessa forma. A pesquisadora, para verificar se a visão desses informantes a respeito dos descendentes de poloneses é positiva ou negativa ainda pergunta se eles acham bonito os costumes dos poloneses de Virmond e como veem esses descendentes.

As respostas dos informantes mostram opiniões diferenciadas, mas nenhum dos informantes demonstra um posicionamento negativo em relação aos descendentes de poloneses.

Você quer saber o que eu acho dos polacos do Virmond né? Mas o que eu vou te dizer, acho interessante o jeito deles, eles ainda tentam preservar os costumes né, não sei te dizer direito, eu acho que são um povo gente boa, trabalhador, acho isso (CaGII M).

Eu vejo eles de um jeito bom, sei lá, eu tenho amigos lá do Virmond e olhe que mesmo eles sendo uma cidade pequena, eles, na minha visão são bem mais organizados que nós, tipo tem vontade né, garra de dizerem que são dessa origem e vão atrás das coisas (CaGI F).

Mas olha, que que eu vou te dizer, eu acho legal o jeito deles, tem uns meio estranho, uns polaco mais ressabiado, mas a maioria são gente boa, honesto, ixi, que nem eu que trabalho com táxi né, é pra poucos que eu faço fiado e tenho uns cliente polaquinho que é dá pra fazer fiado sem medo (CbGII M).

Eu vejo de um jeito bom, conheço bastante gente de lá, são bem companheiros, se a gente precisar eles ajudam, eu vejo pela minha mãe né, ela tava doente e no posto aqui não tinha os remédio que ela precisava, dai a secretária de saúde de lá é polaca também né, e deixou a mãe ser atendida lá e pegar remédio mesmo que ela nem vote lá (CbGI F).

Como pode-se verificar, as respostas divergem bastante, mas todos os informantes demonstram uma visão favorável a respeito dos descendentes de poloneses de Virmond e mesmo que essa visão não esteja diretamente ligada à língua utilizada por esse povo, ainda assim é possível afirmar que o grupo de controle reconhece que essa comunidade étnica é diferenciada do município de Cantagalo por causa de sua origem polonesa.

Ainda com o intuito de investigar a percepção que o grupo de controle tem a respeito dos costumes e ícones culturais do grupo étnico polonês de Virmond, os informantes foram questionados sobre as diferenças entre o português que usam em Cantagalo e o português usado pelos descendentes de poloneses. A esse respeito, os quatro informantes afirmam perceber diferença porque os “polacos” falam mais arrastado, usam um “r” só quando a palavra tem dois e têm uma pronúncia mais aberta.

Quando questionados sobre essa pronúncia mais aberta, três informantes dizem não saber explicar direito como é e o porquê dessa pronúncia, mas a informante CaGI F pontua essa diferença que percebe e dá exemplos.

Ah, como que posso te explicar, tipo ao invés de falar Virmond, eles falam Virmónd, pra corremos, dizem corrémo, não exatamente nessas palavras e claro que não é todos, mas tem uns que falam assim (CaGI F).

A resposta da informante CaGI F vai ao encontro das considerações de Signorini (2002) que afirma que dentre outros fatores, a língua se destaca como primordial para a formação identitária, pois as pessoas são constituídas na e pela linguagem e ao mesmo tempo que são individualizados pela sua fala, também são integrados a determinados grupos étnicos

pelo seu idioma.

Da mesma forma que os informantes de Cantagalo identificam os descendentes de poloneses de Virmond pela língua, também reconhecem esse povo como polonês por meio de ícones culturais, nesse caso, a culinária e o grupo folclórico Maly Polaci. Essas respostas foram dadas quando foram interpelados sobre alguma coisa que identificasse os poloneses de Virmond além da língua.

Acho que eles são bastante conhecidos também pelo jantar polonês né que fazem todo ano e desde que me conheço por gente e conheço o Virmond sei que eles tem o grupo de dança né que as crianças se vestem de polaquinho e se apresentam nas festas com as danças polacas (CaGII M).

Eu conheço bastante o grupo de polaquinho deles que todo mundo sabe que é de Virmond né, acho que é isso, ah! E tem a casa da memória polonesa também que eles guardam todas as coisas dos primeiros polacos que vieram pra Virmond, isso eu sei porque já levei meus alunos visitar (CaGI F).

Ah, eu gosto muito do tal de pirogue que eles fazem, sempre que eu pego empreitada no Virmond, lá na Lagoa né, eu já passo encomendar lá na casa daquela véinha que mora na entrada da Lagoa, dona Diunha eles chamam, daí antes de vim pra casa eu passo lá pegar (CbGII M).

O que identifica fora a língua acho que é o jantar polonês né, o grupo de polaquinho também é bem conhecido (CbGI F).

Assim como os próprios descendentes de poloneses, as pessoas de fora também reconhecem esse povo a partir de suas tradições e atividades culturais e, como pode-se notar, no que se refere ao grupo de controle, a visão que as pessoas que não pertencem a essa mesma comunidade étnica possuem a respeito do polonês de Virmond não é estigmatizada, mesmo que um dos informantes, o CbGII M tenha afirmado que alguns desses descendentes são estranhos, “ressabiados”, ou seja, desconfiados, ainda assim sua opinião é favorável a esse povo. Essa identificação também a partir da visão do outro é conceituada por Peloso (1991) que afirma que para ser definir uma identidade própria, é necessário não só uma língua própria, mas também o olhar do outro.

No que diz respeito aos descendentes de ucranianos do município de Candói, percebe-se que a visão do grupo de controle é bastante favorável em relação às festividades, culinária e tradições culturais, pois três dos quatro informantes afirmam que não só conhecem essas práticas culturais como também prestigiam as festas promovidas pelo grupo étnico ucraniano.

Se eu conheço os ucranianos do Candói? Nossa, como conheço, não todo mundo né porque tem bastante ucraino lá, mas sempre que eles fazem aquele jantar ucraniano nós vamos, não sei se daqui uns tempo esse jantar não vira festa lá porque vai muita gente (CaGII M).

Eu conheço bastante ucraniano, vixi, tenho uns par de amigo lá do Candói que são dessa raça e você veja que coincidência, quando eu casei, eu casei numa igreja ucraniana porque nossa, nem comparar com o casamento nosso bem dizê né, os padre ucraniano parece que se emocionam junto, sem falá da cantoria deles, eu assisti uma missa que eles foram cantá uma vez, nossa, loco de bonito, não entendi nada, mas achei bonito (gargalhada) (CbGII M).

Olha, até poco tempo eu nem sabia da existência desse povo, fiquei sabendo por causa das festas né, a gente sempre participava e dai um dia perguntei porque que chamavam de festa ucraniana né e dai que me contaram e nossa, não é poco ucraniano que tem né e é engraçado porque Candói é nome de índio né (CbGI F).

A partir dessas respostas fica claro que os ícones culturais são importantes para a constituição da identidade dos descendentes de ucranianos, pois, como pôde-se notar, somente o informante CbGII M se refere à língua falada por esse povo, porém, não fala da língua usada para a comunicação cotidiana, mas sim, da língua usada nas celebrações religiosas, se referindo ao coral desse grupo étnico. Já a informante CaGI F afirma que conhece o município, mas que nunca soube que havia descendentes de ucranianos nessa localidade, muito menos que a língua ucraina ainda era falada.

Olha, eu até ouvi falar que tem uma igreja ucraniana lá, mas não sabia que tinha ucranianos que ainda sabem falar, isso é novidade pra mim (CaGI F).

Pode-se inferir, a partir da resposta das duas informantes da GI que os descendentes de ucranianos de Candói são mais “discretos” e por isso, algumas pessoas, principalmente as mais novas, ainda desconhecem suas tradições, costumes e uso linguístico. Esse “desconhecimento” da etnia desse povo também pode ter relação com as interações sociais desses grupos, pois, os jovens de Candói, diferentemente dos mais velhos, já não utilizam tanto a língua de imigração e também não possuem a mesma “necessidade” que os descendentes mais velhos têm, de se afirmarem como ucranianos para todas as pessoas.

Por esse motivo, os informantes mais velhos conhecem a origem desse povo por possuírem maior interatividade com as pessoas mais velhas da comunidade de Candói, de participarem de suas festividades e celebrações religiosas enquanto que os mais jovens já não

se mostram tão conhecedores, o que pode ser notado, como já dito anteriormente, pelas respostas das duas informantes da GI.

Ainda com relação a essa comunidade étnica, o grupo de controle foi questionado sobre a identificação de um descendente de ucraniano, ou seja, o que mais identifica um pessoa ucraniana. A informante CaGI F, que afirmou anteriormente não ter conhecimento desse povo disse que acredita que os ucranianos sejam parecidos com os polacos, que têm a cor da pele e do cabelo claro e que “*devem falar um pouco enrolado também*”.

Mais uma vez essa informante demonstra perceber a diferença na fala de imigrantes mesmo sem saber de fato como esses descendentes de ucranianos falam, pois como ela mesma afirma, não conhece esse povo. Porém, ela dá sua opinião com base no conhecimento que tem dos descendentes de poloneses de Virmond, acreditando que ucranianos e poloneses são semelhantes nas características físicas e no modo de falar. Essa percepção da informante CaGI F demonstra que ela possui uma crença sobre os descendentes de ucranianos e poloneses de que suas línguas são parecidas entre si e “diferentes” da que ela utiliza, pois, de acordo com ela, esses descendentes “falam enrolado”.

Já os outros três informantes acreditam que os descendentes de ucranianos de Candói podem ser identificados pela cor da pele e do cabelo, mas principalmente pelas suas celebrações religiosas, artesanato e costumes culturais.

Acho que a gente identifica um ucraniano pela cor da pele, pelas missas que eles fazem né, pelo corral da igreja que eles fizeram. Eles são mais conhecidos por isso eu acho (CaGII M).

Ah, os ucraino são muito conhecido pelas pinturas que eles têm também, sabe que a igreja nossa aqui, tem muito quadro que foi ucraniano que pintou e tem também a cerimônia de casamento deles que é bem diferente, bem bonito mesmo sabe... ah! Eles tem um costume também que eles chamam de benzê páscoa, que eles levam um monte de comida deles lá pra benzer na igreja antes da páscoa, isso é só eles que fazem (CbGII M).

Dexa eu pensar... pois sei lá, a cor do cabelo e da pele é diferente, acho que eu ia identificá também pelas festa mesmo porque foi assim que eu fiquei sabendo né, pelas festas, pelas comida que eles fazem também (CbGI F).

O reconhecimento que as pessoas “de fora” têm acerca dos descendentes de ucranianos de Candói não está relacionado ao seu uso linguístico, mas sim, às suas atividades culturais e religiosas. Essa identificação a partir das atividades culturais é estudada por Gordon Childe (1949), que afirma que as características culturais de um grupo são as mais

resistentes e primordiais no processo de identificação dos mesmos.

Dessa forma, o que se percebe é que, assim como o grupo ucraniano de Candói se reconhece a partir de suas atividades culturais, também é reconhecido pelas pessoas que não pertencem a essa mesma etnia através de sua cultura e costumes. Aproveitando essa questão, a pesquisadora questiona os informantes do grupo de controle sobre a visão que eles possuem sobre os descendentes de ucranianos, ou seja, se possuem uma opinião favorável ou depreciativa em relação a esse povo.

Dois dos quatro informantes se mostram bastante favoráveis e possuem uma visão positiva dos descendentes de ucranianos. Já as informantes da GI, apesar de não terem uma opinião negativa sobre esse grupo étnico, demonstram um certo receio em relação a esse povo.

Eu vejo de uma forma boa né, não tenho reclamação nenhuma de lá e acho bonito o jeito deles, é igual os poloneses de Virmond né, eles têm um objetivo e vão atrás disso que é cultivar as origens né, então eu acho que é bom isso (CaGII M).

Pois vejo de um jeito bom, são um povo trabalhador, organizado né, tem a cultura deles e fazem de tudo pra manter né, os costumes, acho isso bonito (CbGII M).

Nota-se que os informantes mais velhos demonstram respeito pelos ucranianos pelo fato de eles lutarem pela sua origem tentando manter os costumes de uma etnia que é minoria na cidade e mesmo assim, na opinião do CaGII M e CbGII M, conseguem se organizar para alcançar esses objetivos. Já as duas informantes da GI, mesmo não tendo um posicionamento negativo em relação a esses descendentes, também não demonstram esse “respeito” e acreditam que esse modo de viver é uma mania criada por esse grupo e que cada um foi se adaptando, mas que isso não está relacionado diretamente a uma “luta” por manter os costumes.

Sabe, eu não vejo eles mal, acho legal o jeito deles viverem, mas sabe, parece que é meio forçado eles dizer que seguem as tradições do povo deles, da origem deles, como que seguem se nunca nem foram pra Ucrânia pra saber se é assim mesmo? (CaGI F).

Ah! Acho que eles são igual todo mundo né, eles se acostumaram a fazer essas coisas que eles dizem que é tradição, mas acho que não fazem só porque são ucranianos, fazem porque estão acostumados, é mecânico (CbGI F).

Essas duas informantes apresentam uma “crítica” ao modo de viver e às tradições culturais e religiosas seguidas pelos descendentes de ucranianos, pois, segundo a CaGI F, eles afirmam que esses costumes são típicos da etnia deles, porém, não possuem conhecimento de como realmente são essas práticas na Ucrânia e, a CbGI F complementa, afirmando que acredita que essas realizações culturais e esses costumes do grupo étnico ucraniano são seguidos porque todos acostumaram com isso, é uma ação mecânica e, de acordo com ela, não está diretamente ligada ao fato de se afirmarem como ucranianos.

Com isso, o que se nota, é que o grupo de controle possui respostas bastante divergentes, mas ainda assim, não mostram uma opinião negativa em relação aos descendentes de ucranianos de Candói. Já em relação a língua falada pelo grupo ucraniano, com o objetivo de evidenciar se os informantes de Cantagalo percebem alguma diferença na fala desses descendentes, a pesquisadora pergunta se eles acham que existe alguma característica na fala dos descendentes que os identifiquem como pertencentes a esse grupo étnico.

Os dois informantes da Cb afirmam não perceber nenhuma diferença na fala desses descendentes ucranianos enquanto que os dois informantes da Ca acreditam que existe diferença no sotaque dessas pessoas.

Não é muita diferença, mas dá pra perceber que o sotaque deles é mais puxado, mais pesado, parece que eles tão sofrendo pra falar (risos) (CaGII M).

Eu não sei muito sobre os ucranianos do Candói, mas no geral, eu acho que dá diferença sim, se for comparado com o nosso jeito de falar já digo, essas pessoas que tem outras origens eles falam mais enrolado um pouco, acho que é influência da outra língua que eles falam (CaGI F).

Nesse sentido, pode-se afirmar que os ucranianos de Candói são identificados mais por suas atividades culturais e religiosas, que o grupo de controle não estigmatiza esses descendentes, mas também não mostra uma visão totalmente favorável em relação a essa comunidade étnica, o que pode ser notado nas respostas das informantes da GI sobre a percepção que possuem desse povo. Além disso, dois informantes acreditam que não existe diferença na língua falada por esses descendentes e os outros dois percebem que existe diferença no sotaque e no modo de falar dessas pessoas.

4.4 CORRELAÇÃO DOS DADOS

Visando alcançar o objetivo principal a que este trabalho se propôs, os resultados obtidos através do questionário metalinguístico a respeito do bilinguismo e da visão dos informantes sobre sua identidade, tanto na comunidade de Virmond quanto na de Candói, serão analisados comparativamente nesta seção. Além dessa comparação entre os dados de Virmond e Candói, também será feita uma relação entre as respostas do grupo de controle sobre as duas comunidades pesquisadas.

No que diz respeito aos aspectos linguísticos, o que se nota é que tanto na comunidade de Candói quanto na comunidade de Virmond, todos descendentes mais velhos afirmam saber falar a língua de imigração. Da mesma forma, as duas comunidades se assemelham quanto a língua usada pelos jovens, pois em Virmond somente uma jovem da Ca afirma saber falar em polonês e em Candói, apenas uma jovem da Cb ainda fala ucraniano, o que confirma a nossa hipótese de que os jovens se identificam menos com a variedade de imigração e que esta é falada mais pelos descendentes mais velhos.

Em Virmond, dos quatro informantes pertencentes a Ca, três sabem falar em polonês e se identificam como descendentes de poloneses o que faz com que, nessa comunidade, a hipótese de que a classe alta é a que menos se identifica como descendente seja refutada. Já em Candói, as respostas não permitem uma afirmação categórica, pois dois dos informantes da Ca se identificam menos com a língua ucraniana e se sentem mais brasileiros do que ucranianos enquanto os outros dois se sentem mais ucranianos do que brasileiros.

Já no que diz respeito ao uso do português, as duas comunidades pesquisadas se assemelham, pois tanto em Virmond quanto em Candói, a língua de imigração foi sendo substituída pelo português, ou seja, a língua de imigração está se perdendo de geração em geração nas duas cidades pesquisadas. Porém, em Virmond, a hipótese de que os homens lideram o uso da língua portuguesa se confirma, pois três dos informantes homens afirmam que preferem usar o português para suas interações sociais. Em Candói essas respostas se dividem, pois dois homens da GII dizem preferir falar em ucraniano enquanto que dois homens da GI preferem o português.

Levando em consideração um de nossos objetivos específicos que era verificar sob o enfoque da diatopia qual a comunidade que mais se identifica como polonesa/ucraniana, é possível afirmar que, mesmo que os informantes da GII de Virmond falarem em raras ocasiões a variedade e se reconheçam como poloneses, Candói se identifica mais como uma

comunidade ucraniana, pois diferentemente de Virmond, a língua de imigração, mesmo que em poucas situações, ainda é mais usada.

Porém, diferentemente de Candói, onde os informantes não classificam o ucraniano que falam, em Virmond, duas descendentes da GII classificam o polonês que falam como “szlachta” (polonês de elite) e “polonês certo”, mas nos dois municípios, há uma consciência dos informantes de que a língua de imigração que falam é diferente da que é falada nos países de origem. Entretanto, há uma semelhança entre essas duas comunidades quanto ao fato de a língua minoritária estar deixando de ser marca da identidade dos descendentes de poloneses e/ou ucranianos, pois eles acabam se identificando mais por se sentirem como descendentes étnicos e não exatamente pela língua, o que contribui para que a pergunta que orienta esse estudo seja respondida.

Nas duas comunidades, os descendentes mais velhos culpam os jovens pela falta de interesse por aprender a língua dos pais, enquanto os jovens afirmam que os pais não ensinaram. Por outro lado, enquanto que em Virmond duas informantes da GII afirmam se sentirem mais polonesas do que brasileiras, em Candói, cinco descendentes dizem se sentir mais ucranianos do que brasileiros, ou seja, os informantes de Candói se identificam mais como ucranianos.

Com relação aos padrões identitários, nota-se que tanto os descendentes de ucranianos quanto os descendentes de poloneses acreditam que podem ser identificados pelo seu modo de falar e pelos seus costumes, além disso, nas duas comunidades as pessoas que não pertencem à mesma etnia são chamadas de “brasileiros”. Também é possível afirmar que tanto em Virmond quanto em Candói, os padrões identitários estão pautados no maior uso do português pela GI. Em suma, os informantes que mais se identificam como poloneses em Virmond são os que integram a GII. Em Candói, também ocorre essa identificação, pois encontramos quatro informantes da GII que dizem se identificar mais como ucranianos, comprovando mais uma vez nossa hipótese que os mais jovens se identificam menos com a língua e com a origem étnica.

Diferentemente de Virmond, onde os oito informantes acreditam que as pessoas de fora veem o grupo étnico polonês com um certo estigma, cinco dos descendentes de ucranianos de Candói acreditam que a visão das pessoas “de fora” é favorável em relação ao grupo étnico ucraniano. Dentre esses informantes, estão os quatro descendentes de ucranianos da Cb, ou seja, o CbGII M, a CbGII F, o CbGI M e a CbGI F sendo apenas uma informante

mulher mais velha pertencente à classe alta. Pode-se afirmar, a partir desse dado, que o grau de escolaridade possui influência na percepção que os informantes possuem sobre o olhar do “outro”, pois apenas a CaGII F acredita que essa visão é favorável enquanto que os demais informantes são todos da Cb.

O que se notou também é que na comunidade de Virmond, os descendentes de poloneses acreditam que a visão que as pessoas de fora possuem a respeito de sua comunidade étnica não é boa, pois seis informantes dizem já terem ouvido algum tipo de comentário ou percebido um certo estigma das pessoas que não pertencem à mesma etnia. Já em Candói, cinco dos descendentes, dentre eles a CaGII F, CbGII M, CbGII F, CbGI M e CbGI F, que acreditam que a visão que as pessoas de fora possuem sobre eles é prestigiada.

Por outro lado, com os dados coletados no município de Cantagalo, que funcionou como grupo de controle, demonstram que, apesar de os descendentes de poloneses e ucranianos possuírem percepções diferentes a respeito da visão das pessoas que não pertencem à mesma etnia, foi possível verificar que os informantes de Cantagalo possuem uma visão favorável e prestigiam tanto o grupo étnico polonês quanto o ucraniano. Esse prestígio, no entanto, não está relacionado à língua falada nessas duas comunidades, mas a alguns ícones culturais como as festas típicas, culinária e no caso de Candói, a religiosidade.

A respeito do papel da língua na constituição da identidade dos descendentes de poloneses e/ou ucranianos é possível afirmar que o hábito de falar polonês na comunidade de Virmond está ligado a pouquíssimas pessoas, pois apenas os informantes CaGII M, CaGII F e CbGII F afirmam ainda ter o hábito de falar a língua polonesa em algumas poucas situações, por isso, a língua já deixou de ser importante para a comunidade, o que deixa evidente que a busca pela preservação da língua é alicerçada apenas pela geração mais velha, o que também acontece com o ucraniano de Candói. Por isso, apesar de todos os informantes demonstrarem que se sentem bem por serem descendentes de ucranianos em Candói e poloneses em Virmond, o papel da língua acaba ficando em um segundo plano na constituição da identidade desse povo.

Isso porque, tanto a língua polonesa em Virmond quanto a língua ucraniana em Candói já não são tão usadas, principalmente na comunidade de descendentes de poloneses. Essa realidade é percebida pelos informantes da comunidade virmondense e os oito entrevistados, até mesmo o CaGI M, CbGI M e a CbGI F que afirmam não falar a língua de imigração, demonstram um sentimento de “perda” e de insatisfação pelo fato de muitos

descendentes não saberem falar a língua polonesa, o que torna difícil a luta pela manutenção da língua.

Da mesma forma, na comunidade de Candói, sete informantes lamentam a perda da língua ucraniana que vem ocorrendo de geração em geração e, os informantes mais jovens, demonstram um sentimento de “arrependimento” por não ter aprendido mais a língua dos pais enquanto que os mais velhos se sentem “tristes” porque a maioria dos jovens, segundo eles, não se interessaram por aprender e usar a língua ucraniana no dia a dia. Já o informante CaGI M é o único que não se sente culpado e não lamenta tanto a perda da língua ucraniana porque, segundo ele, é muito difícil que as gerações mais novas queiram manter a língua dos pais, pois o ucraniano praticamente não é mais usado.

É possível estabelecer então uma semelhança entre as duas comunidades, pois tanto em Virmond quanto em Candói, há o sentimento de perda dos descendentes que acreditam que o fato de a língua de imigração já não ser usada pela maioria dos jovens contribui para que a língua polonesa/ucraniana se perca de geração em geração.

Por outro lado, apesar de no município de Candói a língua ucraniana ainda ser utilizada em alguns poucos contextos, o que quase não ocorre em Virmond, pôde-se notar que os informantes do grupo de controle identificam mais os descendentes de poloneses pela língua, ou seja, pelo modo de falar, do que os descendentes de ucranianos que, segundo três informantes, o CaGII M, CaGI F e CbGI F, não possuem características que diferenciem a fala desse grupo étnico com os demais da região. Com isso, o que se percebe com relação ao município de Candói é que o reconhecimento que o grupo de controle tem sobre os descendentes de ucranianos não está relacionado ao uso linguístico dessa comunidade étnica, mas às suas atividades culturais e religiosas.

Já em relação à situação bilíngue dessas duas comunidades – um dos objetivos específicos desta pesquisa – é possível afirmar que tanto o uso do polonês em Virmond quanto o uso do ucraniano em Candói se restringe aos mais velhos. Porém, na comunidade candoiana, o ucraniano ainda é falado em algumas poucas situações, o que permite a classificação dos descendentes como bilíngues situacionais enquanto que em Virmond o polonês é compreendido, mas pouco utilizado. Por isso, os descendentes de poloneses são classificados como bilíngues passivos, pois compreendem o polonês, mas não conseguem utilizá-lo em outras modalidades como a escrita e a fala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, tendo como teoria e metodologia a Dialetoologia Pluridimensional, buscou investigar como se constitui a identidade étnica de uma comunidade que se autodenomina bilíngue (português/polonês, português/ucraniano), mas que na prática quase não utiliza a variedade minoritária nas suas interações sociais e mesmo assim se reconhece (e é reconhecida) como bilíngue. Para ser respondida, essa questão implicou em uma série de análises que foram feitas a partir dos objetivos traçados para este estudo. Os resultados alcançados a partir dessas análises são:

a) Os informantes de Virmond e Candói se identificam como descendentes de poloneses e ucranianos mais por se sentirem como descendentes de tais e pelos costumes étnicos e culturais que ainda cultivam e não exatamente pela língua.

b) O grupo que mais se identifica com a origem étnica são os descendentes de ucranianos, pois em Candói a língua ucraniana, mesmo que em poucas situações, ainda é mantida, diferentemente de Virmond, onde os descendentes mais velhos sabem a variedade polonesa, mas praticamente não a usam.

c) Tanto na comunidade de Virmond como na comunidade de Candói, são os mais velhos que se identificam mais como descendentes de ucranianos e/ou poloneses e destes, são as mulheres que mais se identificam com a etnia e com a língua de imigração.

d) A classe social não interfere na constituição da identidade dos descendentes de poloneses de Virmond enquanto que em Candói, as respostas não permitem uma afirmação categórica, pois dois informantes da Ca sabem a língua ucraniana e se sentem mais ucranianos que brasileiros enquanto os outros dois afirmam não saber a língua de imigração e se sentem mais brasileiros do que ucranianos.

e) Com relação à visão do outro, a partir dos dados coletados em Cantagalo, que funcionou como grupo de controle, é possível afirmar que a visão das pessoas que não pertencem à etnia polonesa e/ou ucraniana não é estigmatizada, porém, essa visão positiva também não está diretamente ligada à língua desse povo, mas aos ícones culturais desses grupos étnicos, como as festas, a culinária e no caso de Candói, à religião.

Além disso, é possível afirmar que parte de nossa hipótese a que nos propomos foi confirmada, pois tanto em Virmond quanto em Candói os jovens se identificam menos com a variedade de imigração e desses jovens, os homens são os que mais usam o português. Porém,

a hipótese de que a classe alta é a que menos se identifica como descendente de polonês e/ou ucraniano não foi comprovada nessa pesquisa, pois em Virmond três informantes da Ca sabem falar a língua polonesa e se identificam como descendentes de poloneses e em Candói dois informantes se identificam como ucranianos e sabem falar a língua de imigração.

No decorrer deste trabalho também levantamos uma questão (subtítulo 1.5) sobre a formação identitária de um falante que utiliza duas variedades para se comunicar, ou seja, ao falar duas variedades o falante passa a constituir duas identidades? Levando em consideração não só o aporte teórico que sustenta este trabalho, mas também os dados coletados nas duas comunidades bilíngues, é possível afirmar que a identidade é construída no decorrer das experiências vividas pelo falante e no caso de Virmond e Candói, os descendentes constroem uma identidade ligada à origem étnica e outra ligada à nacionalidade.

Apesar disso, também não se pode afirmar que os descendentes poloneses e os descendentes de ucranianos possuem duas identidades, pois estão em constante mudança e à medida que se inserem em diferentes contextos e passam a se relacionar com culturas e pessoas diferentes, também vão constituindo novas identidades.

Essa afirmação também permite responder à pergunta que orienta este estudo, pois a identidade linguística das comunidades de Virmond e Candói, onde os descendentes se autodenominam bilíngues, mas praticamente não utilizam a língua de imigração nas suas interações sociais se constitui principalmente a partir da afirmação e da identificação como descendentes e não exatamente pelo uso da língua ucraniana/polonesa. Além disso, os descendentes de poloneses/ucranianos também se identificam e são identificados pelas suas atividades culturais como as festas, a culinária e a religião.

A partir dessas conclusões, espera-se que este estudo se torne relevante e, ao evidenciar uma realidade linguística pouco conhecida, contribua para que haja uma maior compreensão das relações estabelecidas entre a língua dos falantes e sua formação identitária. Além disso, têm-se o intuito de mostrar que as atividades culturais e o sentimento de pertencimento a uma determinada etnia também podem ser formadores de novas identidades.

Espera-se que a presente dissertação inspire novos pesquisadores a estudar temas levantados nesta pesquisa, porém não aprofundados por falta de tempo.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 2, p. 105-112, 2008. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2013.

ALKMIN, T. M. Sociolinguística. Parte 1. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs), **Introdução à Linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Steiner, 1996.

_____. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana (RILI)**, Frankfurt a.M., v. 3, n. 1, p. 83-93, 2004. Disponível em: <http://www.iberamericana.net/files/ejemplo_por.pdf>. Acesso em: jun. 2014.

AUER, P. A discussion paper on code alternation. In: EUROPEAN SCIENCE FOUNDATION (Eds.), **Network on code-switching and language contact**. Papers for the Workshop on Concepts, Methodology and Data, Basel. Strasbourg:ESF, January 12–13, 1990, p. 69–89.

BAGNO, M. Língua, história e sociedade: breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. cap. 9. p. 179-199.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Preconceito Linguístico**. 28. ed. São Paulo. Editora Loyola, 2004.

BORSTEL, C. N. Von. **Contato linguístico e variação em duas comunidades bilíngues do Paraná**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

BRASIL. **IBGE**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>.

BURKO, Valdomiro. **A Imigração Ucraniana no Brasil**. 2. ed. Curitiba. 1963.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A Política da Língua na Era Vargas**. A Proibição de Falar Alemão e as Resistências no Sul do Brasil. Florianópolis, Editora Autores Catarinenses, 2006.

CARDOSO, S. A. M. Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0_12.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

_____. Dialetoлогия: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 17, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000300003&script=sci_arttext>. Acesso em: 02 abr. 2014.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil. **Delta**, São Paulo, v. 15. n. spe, p. 385-418, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4023.pdf>>. Acesso em: jun. 2013.

CORBARI, C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati-Pr. **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 111-127, jun. 2012.

CORVALÁN, C. S. **Language contact and change: Spanish in Los Angeles**. (Oxford studies in language contact.) Oxford: Clarendon, 1994.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro: Presença/ São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

_____. **Gramática, semántica, universales**. Madrid: Gredos, 1978.

CUMMINS, J. The acquisition of English as a second language. In: SPANGENBERG-URBSCHAT K.; PRITCHARD R. (Eds). **Kids come in all languages: Reading instruction for ESL students**. Newark, DE: International Reading Association, 1994, p. 36-62.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialectología**. Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHIN, N. B.; WIGGLESWORTH, G. **Bilingualism**. An advanced resource book. USA: Routledge, 2007.

DABÈNE, L. Repères sociolinguistiques pour L'enseignement des langues. Les situations plurilingues. Paris, Hachette, 1994. In: SIGNORINI, I. (orgs). **Lingua(gem) e Identidade: elementos para um discussão no campo aplicado**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

DE HEREDIA, C. Do Bilinguismo ao Falar Bilíngue. In: VERMES, G.; BOUTET, J. (orgs). **Multilinguismo**. Campinas: Unicamp, 1989, p. 177-220.

DUBOIS, Jean e outros. **Dicionário de Linguística**. 9. ed., São Paulo: Cultrix, 1993.

DLUGOSZ, C. **Dicionário de Polaco-Português e Português-Polaco**. Porto: Porto Editora, 2000. 895p.

DREHER, M. **Família, Morte e Sentimentos** – Reflexões sobre História Social na Alemanha posterior à Reforma e suas evidências nas áreas de imigração do Rio Grande do Sul. 2009.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, cap. 3. p. 37-61.

FERGUSON, C. A. Diglossia. **Journal of linguistic**, Word, 15, april, 1959.

_____. **Diglossia revisited**. Southwest Journal of Linguistics n. 10, 1991.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language**: an interdisciplinary social science approach to language in society. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

_____. **Sociología del lenguaje**. 4. ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

_____. The impact of nationalism on language planning. In: RUBIN, Joan; JERNUDD, Björn H. (Ed.). **Can language be planned? Sociolinguistic theory and practice for developing nations**. Honolulu: University Press of Hawaii: 1971, p. 3-22.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo Inter dialetal nos padrões de variação linguística. **Organon**, v. 14, n. 28-29, 2002.

GROSJEAN, F. **Life with two languages**: An Introduction to Bilingualism. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1982.

GROSJEAN, F. Individual bilingualism. In: ASHER, R. (ed.), **The encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, p. 1656-1660.

_____. **Life with two languages**. London: HARVARD UNIVERSITY PRESS, 2001.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva: DP&A Editora. 7. ed. São Paulo, 2005.

HAMEL G. Strategy innovation and the quest for value. **Sloan Management Review**, v. 39, n. 2, p. 8, 1998.

HAMERS, J.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and bilingualism**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HEYE, J. (2003). Considerações sobre bilinguismo e bilingualidade: revisão de uma questão. In: HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucrainiana no Paraná**. A Colônia Ucrânia de Mallet – Núcleo de Preservação e Irradiação de Padrões da Cultura Ucrânia (Estudo de Caso). 1. ed. Santa Catarina: UNIPORTO, 1989.

IPA. **Reproduction of the International Phonetic Alphabet**, 2005. Disponível em: <<http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/ipachart.html>>. Acesso em: 02 jul. 2014.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Candói**. Dez. 2 Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=85140>>.

KRUG, M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-Rs**. 131p. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

LABOV, W. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.
LIEBSCHER, P. Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. **Library Trends**, v. 46, n. 4, p. 668-680, Spring 1998.

MACKEY, W. F. The Description of Bilingualism. In: FISHMAN, J. (ed.) **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968, p. 554-584.

_____. **Bilingual Education in a Binational School**. Rowley, MA: Newbury House, 1972.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 330p. Tese de doutorado. Porto alegre: UFRGS, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados**. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra & MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006, p. 221-254.

MOREIRA, A. Poder funcional - poder errático: política internacional de minorias e comunidades. In: JORNADAS DE TROPICOLOGIA, 1., 1984, Recife. **Anais...** Recife, 1984.

MURRIE, Z. et al. **Projeto Escola e Cidadania para Todos: Língua Portuguesa**. 816p. São Paulo: Editora do Brasil, 2004.

NETTLE, D.; ROMAINE, S. **Vanishing voices: the extinction of the world's languages**. New York: Oxford, 2000.

OGLIARI, M. M. **Condições de resistência de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 1999.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. **A língua entre os dentes**. 2005. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=251>>. Acesso em: 05 maio 2014a.

_____. **Línguas como patrimônio imaterial**. 1976. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=281>>. Acesso em: 05 maio 2014b.

PARANÁ. Município de Candói. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.candoi.pr.gov.br/historico.php>>.

PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods**. London: SAGE; 1990.

PELOSO, Silvano. Identidade nacional e sociedade multicultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PROFESSORES DE ALEMÃO, 2., São Leopoldo, 1991. **Anais...** São Leopoldo: ABRAPA, 1991.

PORTAL VIRMOND DE NOTÍCIAS. Disponível em:

<<http://portalvirmond.blogspot.com.br/>>.

RADTKE, E. & THUN, H. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 1991). In: RADTKE, E.; THUN, H. **Dialectologia Pluridimensionalis Romanica**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

_____. Nuevos caminos de la geolinguística románica. Un balance. In: RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua (gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p. 21-46.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2ª ed. Oxford. Blackwell. 1995.

SANTILLI, J. As Minorias Étnicas e Nacionais e os Sistemas Regionais (Europeu E Interamericano) De Proteção Dos Direitos Humanos. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, n. 1, p. 137-151, jun. 2008.

SANTOS, J. S. **Costumes indígenas no Brasil do Pós-Contato**: o grupo étnico/cultural Tarairiú dos Sertões da Paraíba. Campina Grande: Cópias e Papeis, 2012.

SAVEDRA, M. & HEYE, J. **Palavra**. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, 2003.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, p. 73-102, 2011.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolinguística**: teoria y análisis. Madrid: Alhambra Universidad, 1998.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Bilingualism**. 369p. Lund: Liber Läromedel, 1981.

THUN, H. FORTE, Carlos; ELIZAINCÍN, Adolfo. **El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**. Presentación de un proyecto. Iberoromania, n. 30, p. 26-62, 1989.

_____. La geolinguística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas

linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY. **Atti del XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza**, 18 e 24 set. 1995. Organização de Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, p. 701-719, 1998.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005, p. 63-92.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANA, Oliveira. Imigração e Colonização Ontem e Hoje. In: _____. **Ensaio Inédito**. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. (Original publicado em 1943).

WEI, Li. Dimensions of Bilingualism. In: _____. **The Bilingualism Reader**. London; New York: Routledge, 2000.

WEINREICH, U. **Lingue in contato**. Torino: Boringhieri, 1974.

WEINREICH, U. LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZAPAHOWSKI, G. **Virmond, Emancipação Político-Administrativa**. 130p. Curitiba, Paraná, 2012.

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. **ReVEL**, v. 6, n. 11, ago. 2008. Disponível em: <www.revel.inf.br>.

ANEXOS

ANEXO A: QUESTIONÁRIO PARA PESQUISA DE CAMPO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU

INFORMANTES

Pesquisa de Campo: Adaptação do questionário elaborado por Krug (2013)

FICHA CATALOGRÁFICA	
Localidade:
Informante:
Endereço:
Sexo:	() masculino () feminino
Idade:	() G1 _____ () GII _____
Classe	() G1 _____ () GII _____
Religião	() católico () evangélico () outra _____
Origem:	() polonês () ucraniano () luso () outros
Línguas que fala:	() polonês () ucraniano () luso () luso – ucraniano () luso – polonês

Identificação dos informantes

1. Nome de família (de solteira) do (a) informante

2. Data de nascimento _____

3. Escolaridade _____

4. Trabalho/Ocupação: em que trabalha _____

5. Religião da família _____

Identificação dos pais dos(as) informantes

1. Nome da família (de solteira)

1.1 Do pai _____

1.2 Da mãe _____

1.3 Origem da família (onde vieram) _____

2. Escolaridade

2.1 Do pai _____

2.2 Da mãe _____

Aspectos linguísticos – questões de identidade

1- Você sabe falar em ucraniano/polonês? _____

2- Se sabe, que línguas costuma falar na família? (Quantas vezes? Quando, com quem?) _____

3- Que tipo de ucraniano/polonês é? Como se chama? Podia falar um pouco sobre essa língua? _____

4- Você acha que existe diferença entre o polonês/ucraniano falado na sua comunidade com o falado na Ucrânia/ Polônia? Se sim, qual é essa diferença?

- 5- Sabe ler/ escrever em polonês/ucraniano? _____
- 6- Qual a língua que usa e mais gosta para conversar? _____
- 7- No cotidiano, de modo geral, a língua mais usada para se comunicar é polonês/ucraniano ou português? _____
- 8- Quando recebe uma visita, qual a língua que prefere usar? _____
- 9- O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa (polonês/ucraniano)? _____
- 10- Já aconteceu de estar com alguém que sabia a língua polonesa/ucraniana, mas insistia em falar português? _____
- 11- Como aprendeu o português? _____
- 12- Como é/foi na escola e na igreja o uso de polonês e/ou ucraniano _____
- 13- Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais) _____
- 14- Como você se sente mais? Mais polonês/ucraniano? Brasileiro? Missioneiro? _____
- 15- Quem nasce no Paraná é... _____
- 16- E quando pensa no polonês/ucraniano? _____
- 17- Se a seleção brasileira de futebol jogar contra a ucraniana/polonesa, para quem torce? _____

Identificação dos padrões identitários (variação e intensidade da identidade)

- 18- O que identifica o ucraniano/polonês típico daqui? _____
- 19- O que identifica o brasileiro? _____
- 20- Como se chamam as pessoas que não são de origem polonesa/ucraniana (na língua de imigrante e no português) _____
- 21- Quais as características do brasileiro? _____
- 22- Como é esse brasileiro? _____

Sugestões:

- a) de pele escura? () b) só fala português? () c) provém da cidade? () d) confiável? () e) gosta de trabalhar? () f) organizado? () g) amigo? () h) conversador? () i) hospitaleiro? ()

23- Tem diferença entre o português falado em Virmond/Candói e as demais cidades da região? A que se deve isso? _____

24- De modo geral, quem fala melhor o português, o ucraniano ou o polonês? _____

Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura)

- 25- Acha importante que os filhos aprendam polonês/ucraniano dos pais? Por quê? _____
- 26- Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (polonês/ucraniano), o que acha disso? _____

27- Existem situações em que você tem vergonha de falar polonês/ucraniano?

28- Existem situações em que você se sente bem por ser descendente de polonês/ucraniano e utiliza a língua de imigração com orgulho?

29- Acha que deveria ter ensino de polonês/ucraniano na escola? Se sim, seria mais importante do que o ensino de inglês? Por quê?

30- Se fosse dizer o que mais identifica um polonês/ucraniano, diria que é o quê?

-
- suas características físicas
 - sua casa
 - seus nomes
 - sua língua
 - seu jeito de ser
 - sua música
 - suas festas
 - sua culinária
 - seus hábitos linguísticos
 - seu jeito de ser
 - suas danças
 - seus hábitos linguísticos
 - sua religião
 - suas tradições
 - outros _____

Grau de bilinguismo dos informantes, da sua comunidade e o reconhecimento da identidade

31- Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município?

- a) no correio
- b) no mercado
- c) nas lojas
- d) no sindicato
- e) na prefeitura
- f) no posto de saúde
- g) com o padre/pastor
- h) nas festas e nos bailes
- i) no trabalho

32- Em que situações você fala o ucraniano/polonês?

33- Quando fala português, você mistura a língua ucraniana/polonesa? Se sim, o que você mistura e porque?

34- Você percebe alguma diferença entre o teu sotaque e das outras pessoas que não são ucranianas/polonesas? Se percebe, quais são essas diferenças?